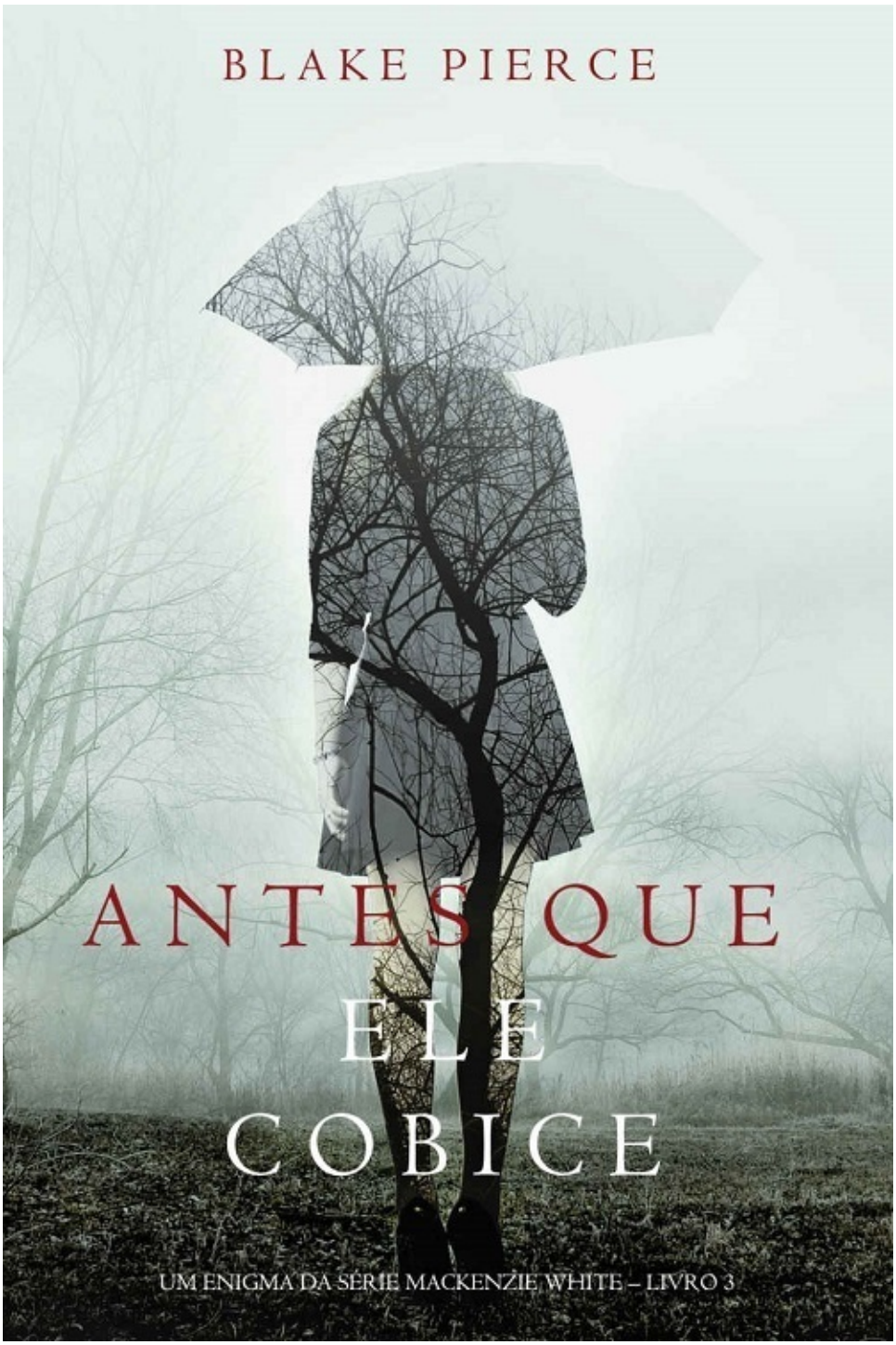


DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.org*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

ANTES QUE ELE COBICE

(UM ENIGMA DA SÉRIE MACKENZIE WHITE – LIVRO 3)

B L A K E P I E R C E

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com seis livros. Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por três livros; da série AVERY BLACK, composta por três livros e da nova série KERI LOCKE.

SEM PISTAS (livro nº 1 da série Riley Paige), ANTES QUE ELE MATE (Um enigma da série Mackenzie White - livro nº1), e RAZÃO PARA MATAR (Um enigma da série Avery Black Myster - livro nº 1)estão disponíveis com o download grátis no Amazon!

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

Direitos Autorais © 2016 por Blake Pierce. Todos os direitos reservados. Exceto conforme o permitido sob as Leis Americanas de Direitos Autorias (EUA Copyright Act, de 1976), nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, distribuída ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, ou armazenada em um sistema de banco de dados ou de recuperação, sem a prévia autorização do autor. Este ebook é licenciado apenas para seu prazer pessoal. Este ebook não pode ser revendido ou distribuído para outras pessoas. Se você gostaria de compartilhar este livro com outra pessoa, adquira uma cópia adicional para cada destinatário. Se você está lendo este livro e não o comprou, ou ele não foi comprado apenas para o seu uso, então, por favor, devolva o livro e compre a sua própria cópia. Obrigado por respeitar o trabalho duro deste autor. Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, locais, eventos e incidentes são um produto da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência. Jacket image lassedesignen Copyright, imagem usada sob licença da Shutterstock.com.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro 1)

KERI LOCKE MYSTERY SERIES

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

SUMÁRIO

PREFÁCIO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO QUATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

PREFÁCIO

Pam sentou-se no tronco caído à beira do acampamento e acendeu um cigarro, energizada após ter feito sexo. Atrás dela, a tenda de Hunter estava montada em forma de cúpula. Podia ouvi-lo roncar levemente lá dentro. Mesmo aqui no bosque, era o mesmo; aqui estava ela, acordada e energizada no resplendor do amor que fizeram, enquanto ele estava dormindo. Aqui, no bosque, porém, ela não se importava tanto com isso.

Ela cavou um pequeno buraco no chão para as cinzas de seu cigarro, bem consciente de que fumar na floresta durante um outono seco era bastante imprudente. Ela olhou para o céu, olhou para as estrelas. Era uma noite muito fresca, já que o outono estava se mostrando presente na Costa Leste e baixou as temperaturas significativamente, e ela abraçou seus ombros para se aquecer. Ela desejou que a tenda de Hunter tivesse um daqueles topos de rede de onde você poderia ver lá fora, mas não teve essa sorte.

Ainda assim, havia algo de romântico - fugir de casa, ficar a sós na floresta. Era o mais próximo de viver juntos que ela permitiria até que o idiota finalmente fizesse o pedido. Com aquele céu noturno, o clima perfeito e a química louca que sentiam, um pelo outro, foi uma das noites mais felizes que ela já teve.

Ela queria voltar para dentro, para se aquecer com ele, mas primeiro ela precisava ir ao banheiro. Ela se afastou entrando na floresta e levou um momento para se orientar. Era difícil saber onde ela estava indo, agora que estava escuro; a luz das estrelas e a meia-lua cheia forneceram alguma luz, mas não o suficiente. Ela estudou o lugar em torno dela e estava bastante certa de que só precisava virar para a esquerda para encontrar a área de descanso.

Ela saiu de mansinho alguns metros adiante e seguiu nessa direção por cerca de trinta segundos.

Quando ela se virou, não conseguiu ver a tenda.

"Droga," ela respirou, agora começando a entrar em pânico.

Fique calma, disse a si mesma enquanto continuava a andar. *A barraca está bem ali e—*

Seu pé esquerdo pegou em algo, e antes que ela estivesse ciente do que tinha acontecido, ela caiu no chão. Ela conseguiu jogar as mãos sobre o rosto no último segundo, protegendo o seu rosto de bater no chão. O fôlego saiu dela em um suspiro sólido e ela se levantou imediatamente, envergonhada.

Ela olhou de volta para o tronco em que ela tropeçou, irritada com isso de uma forma quase infantil.

No escuro, a forma parecia estranha e quase abstrata. No entanto, tinha certeza de uma coisa. Não era um pedaço de madeira.

Deveria ser a noite enganando os seus olhos. *Tinha que ser* alguma movimentação estranha das sombras na escuridão.

Mas como um medo gélido se arrastou sobre ela, ela sabia o que era. Não havia como negar.

Uma perna humana.

E pelo que ela podia descrever, era *isso* mesmo. Não parecia haver um corpo para acompanhá-la.

Estava ali no chão, parcialmente escondida pela folhagem e outros restos da florestas. O pé estava coberto com uma sapatilha e uma meia que estava encharcada de sangue.

Pam soltou um grito. E quando ela se virou e correu noite negra a dentro, ela não parou de gritar por um só instante.

CAPÍTULO UM

Mackenzie sentou-se no banco do passageiro de um sedã com uma edição padrão da Glock na mão—

uma arma que estava se tornando tão familiar para ela quanto a sua própria pele. Mas hoje, sentia-se diferente. Depois de hoje, *tudo* seria diferente.

A voz de Bryers quebrou seu mini-trance. Ele estava sentado no banco do motorista, olhando para ela de uma forma que Mackenzie pensava que era semelhante ao olhar de um pai decepcionado.

"Você sabe... Você não tem que fazer isso", disse Bryers. "Ninguém vai pensar menos de você se você se você não agir até o desfecho da situação."

"Eu acho que eu *tenho* que fazer algo. Eu acho que devo isso a mim mesma.

"Bryers suspirou e olhou para fora do pára-brisa. Na frente deles, uma grande área estacionamento estava iluminada à noite por postes de luzes fracas que foram posicionados ao longo das bordas e no centro da área. Havia três carros lá fora e Mackenzie também pode ver as formas de três homens, andando ansiosamente.

Mackenzie estendeu a mão e abriu a porta do lado do passageiro.

"Eu vou ficar bem", disse ela.

"Eu sei", disse Bryers. "Só...Por favor tenha cuidado. Se alguma coisa acontecer com você hoje à noite e as pessoas erradas descobrirem que eu estava aqui com você—”

"Ela não esperou. Ela saiu do carro e fechou a porta atrás dela. Ela segurou a Glock para baixo, caminhando casualmente no estacionamento em direção aos três homens de pé perto dos carros. Ela sabia que não havia nenhuma razão para estar nervosa, mas continuava nervosa assim mesmo. Mesmo quando ela viu o rosto de Harry Dougan entre eles, seus nervos ainda estavam à flor da pele.”

"Você *teve* que pedir o Bryers para trazê-la?", Um dos homens perguntou.

"Ele está zelando por mim", disse ela. "Ele particularmente não gosta de nenhum de vocês."

Todos os três homens riram e então olharam para o carro de onde Mackenzie tinha acabado de sair.

Todos eles acenaram para Bryers em perfeita sincronia. Em resposta, Bryers deu um sorriso falso e mostrou-lhes o dedo do meio.

"Ele nem sequer gosta de mim, não é?" Perguntou Harry.

"Lamento. Não.”

Os outros dois homens olharam para Harry e para Mackenzie com a mesma resignação que tinham se acostumado a ter ao longo das últimas semanas. Enquanto eles não eram um *casal*, eles estavam agora perto o suficiente para causar um pouco de tensão entre os seus colegas. O menor era um cara chamado Shawn Roberts e o outro, um homem enorme de quase dois metros, era Cousins Trent.

Cousins gesticulou para a Glock na mão de Mackenzie e depois retirou a sua própria do quadril.

"Então vamos lá?"

"Sim, nós provavelmente não temos muito tempo", disse Harry.

Todos olharam ao redor do estacionamento de uma forma conspiratória. Um ar de excitação começou a pesar no ar entre eles, Mackenzie chegou a uma súbita percepção: ela estava realmente se divertindo.

Pela primeira vez desde a sua infância, ela estava legitimamente animada por algo.

"Em três," disse Shawn Roberts.

Todos eles começaram a balançar seus pés assim que o Harry começou a contagem regressiva.

"Um... Dois... Três!"

Em um flash, todos os quatro estavam fora. Mackenzie decolou para a esquerda, dirigiu-se para um dos três carros. Atrás dela, ela já ouviu o som suave de tiros sendo disparados das armas que os outros carregavam. Essas armas, é claro, eram de brinquedo... Armas de paintball criadas para se parecerem ao

máximo com as reais. Esta não foi a primeira vez Mackenzie tinha operado em um ambiente simulado, mas *foi* a primeira vez que ela passou por isso sem um instrutor—ou amortecedores.

À sua direita, uma mancha vermelha de tinta explodiu na calçada a não mais de seis polegadas do seu pé. Ela abaixou atrás do carro e rapidamente deslizou até a parte final dianteira. Ela abaixou as mãos e joelhos e viu dois pares diferentes de

pés mais à frente dela, um dos quais estava atrás de outro carro.

Mackenzie estava fora do escopo do terreno, enquanto eles estavam juntos. Ela sabia que o melhor lugar para se estar no estacionamento seria na base do pilar de pedra que segurava o poste no centro do estacionamento. Como o resto da Hogan Alley, este estacionamento foi criado da forma mais aleatória possível, mas com uma finalidade para educar os formandos da Academia. Tendo em conta que, Mackenzie sabia que havia sempre um local ideal para o sucesso em todos os ambientes. Neste local, era essa coluna do poste. Ela não foi capaz de chegar a ele imediatamente, porque já havia dois dos caras na frente dele quando Harry fez a contagem de três. Mas agora ela tinha que descobrir como fazer uma corrida até lá sem ser atingida.

Ela perderia o jogo se fosse baleada. E havia quinhentos dólares em jogo aqui. Ela se perguntou há quanto tempo este pequeno ritual de pré-graduação tinha sido implementado pelos formandos e como ele tinha chegado a ser um certo tipo de lenda oculta entre os top de cada classe.

Enquanto esses pensamentos passavam pela sua cabeça, ela notou que Harry e Cousins tinham se envolvido em um pequeno tiroteio do outro lado do estacionamento. Cousins estava por trás de um dos carros e Harry foi pressionado contra a lateral de uma caçamba de lixo.

Com um sorriso, Mackenzie mirou Cousins. Ele estava bem escondido e ela não poderia realmente matá-lo de onde ela estava, mas ela poderia assustá-lo. Ela mirou no canto superior do carro e disparou.

Um spray azul de tinta estourou quando o tiro dela caiu no chão. Ela viu Cousins se afastar um pouco para trás, sem ter notado o Harry. Harry, por sua vez, aproveitou e disparou dois tiros.

Ela esperava que ele estive mantendo a contagem. O principal objetivo do pequeno exercício não autorizado de fim de noite era ter uma única pessoa não atingida. Cada jogador tinha a mesma arma, uma arma que disparava bolinhas de tinta, e só tinham permissão para usar o número padrão de balas do tipo de Glock que serviu de modelo. Isso significava que cada um deles tinha apenas quinze balas. Mackenzie agora tinha quatorze e tinha certeza de que os três homens tinham disparado pelo menos três ou quatro vezes cada um.

Com Harry e Cousins ocupados, restou apenas Shawn. Mas ela não tinha ideia

de onde ele estava. Por ser tão alto, ele fez um bom trabalho conseguindo se esconder.

Ela cuidadosamente ficou de joelhos e levantou a cabeça do lado do carro, olhando para Shawn. Ela não conseguia vê-lo, mas ouviu o som de uma arma sendo disparada nas proximidades. Ela voltou no mesmo momento em que uma bolinha de tinta atingiu a borda do pára-choque do carro. Um pouco de tinta verde espirrou em sua mão enquanto se afastava, mas isso não contava como um tiro.

Para ser eliminado, você tinha que ser atingido por um tiro no braço, na perna, nas costas ou no tronco. A única coisa que estava de cogitação eram tiros na cabeça. Mesmo as bolas sendo pequenas e feitas de plástico fino, elas poderiam causar concussões. E se alguma acertar você nos olhos, poderia cegá-lo. Essa foi uma das grandes razões pelas quais o pequeno exercício era tão desaprovado pelo FBI.

Eles sabiam que acontecia a cada ano, mas eles normalmente deixavam os graduados ter a sua pouco de diversão secreta, faziam vistas grossas.

O tiro deu a Mackenzie uma boa ideia de onde Shawn estava escondido, apesar de tudo. Ele estava agachado atrás do poste de concreto. E, assim como ela tinha planejado, ele agora tinha dado um ótimo tiro em ninguém. Ele se afastou de Mackenzie e disparou um tiro rápido no Harry. O tiro foi perdido, atingindo o topo da lixeira algumas polegadas acima da cabeça de Harry. Ele caiu no chão enquanto

ambos Cousins e Shawn começaram a disparar contra ele.

Mackenzie tentou acertar Shawn e quase atirou no ombro dele. Ele se movimentou de volta para baixo quando ela disparou e o tiro foi excitante. Enquanto isso, ela ouviu Cousins gritar de frustração e dor.

"Estou fora," disse Cousins, caminhando lentamente para a borda do terreno. Ele se sentou em um banco, onde aqueles que foram eliminados ficavam em silêncio. Mackenzie viu uma mancha de tinta amarela no tornozelo dele, onde Harry o tinha acertado com um tiro.

Harry aproveitou a distração e saiu de seu esconderijo atrás da lixeira. Ele estava indo para o terceiro carro estacionado com sua velocidade habitual.

Enquanto corria, Shawn rolou para fora de seu esconderijo. Ele primeiro atirou em Mackenzie para mantê-la escondida e, em seguida, girou para pegar Harry. Ele disparou outro tiro no Harry e atingiu o solo cerca de duas polegadas de distância do pé esquerdo de Harry assim que ele saltou para o lado de trás do carro.

Mackenzie aproveitou o momento para passar para a parte traseira do carro, pensando que poderia tirar o Shawn. Disparou à esquerda do pilar de concreto, no mesmo lugar que ela visava, na extremidade frontal do carro. Quando a bola de tinta explodiu, ele esperou um momento e então virou-se na parte da frente do carro. Quando ele fez isso, Mackenzie saiu da parte traseira do carro e avançou rapidamente em silêncio. Quando seu ângulo estava perfeito, ela disparou um tiro que o acertou diretamente no quadril. A tinta verde explodiu na calça e na camisa dele. Ele ficou tão chocado com o ataque que caiu para trás.

"Estou fora", Shawn gritou, dando à Mackenzie um olhar azedo.

Assim que ele começou a caminhar para a beira do estacionamento para se juntar a Cousins Mackenzie viu um lampejo de movimento a partir de sua esquerda.

Bastardo Sorrateiro, ela pensou.

Ela caiu no chão e se agachou atrás do poste de concreto. A luz brilhava acima de sua cabeça, como um refletor. Mas ela sabia que isso poderia funcionar com uma vantagem quando o seu atacante estivesse nas sombras. A luz pode ser *muito* brilhante, atrapalhando assim a mira dele.

Assim que ela apertou suas costas contra o concreto, ouviu uma bola de tinta golpear a parte de trás do poste. No silêncio que se seguiu, ela ouviu Cousins e Shawn rirem no banco.

"Isso deve ser divertido de se assistir," disse Cousins.

"Você diz *divertido*" Disse Shawn. "Eu digo doloroso."

Através de seus risos finas, Mackenzie não poderia deixar de sorrir para a situação. Ela sabia que Harry iria matá-la; eles não têm o tipo de relacionamento onde ele paparica ela e a deixaria ganhar.

Ambos estavam no mesmo barco—graduando-se amanhã como novos agentes.

No entanto, eles haviam passado muito tempo juntos, tanto em um ambiente acadêmico como em situações mais amigáveis. Mackenzie o conhecia bem e sabia o que precisava fazer algo para pegá-lo.

Quase se sentindo mal por isso, Mackenzie se inclinou lentamente e disparou, atingindo a roda no carro em que ele estava escondido atrás.

Ele saiu do esconderijo imediatamente, aparecendo sobre o capô. Ela fingiu ir para a direita, como se estivesse indo para trás do poste. Previsivelmente, é onde ele disparou. Mackenzie inverteu sua direção e rolou para a esquerda. Ela levou a arma para cima e disparou.

O tiro pegou Harry no lado direito do peito. A tinta amarela era quase tão brilhante quanto o sol em meio às sombras em que ele estava se escondendo.

Harry baixou os ombros e jogou a arma no chão do estacionamento. Ele saiu do carro e sacudiu a cabeça, espantado.

"Eu estou fora."

Mackenzie chegou a seus pés e inclinou a cabeça, franzindo a testa para ele.

"Você é maluco?", ela perguntou provocativamente.

"De modo nenhum. Esse foi um movimento meigo.”

Atrás deles, Cousins e Shawn estavam batendo palmas. Bem mais longe atrás deles, Bryers saiu de seu carro e juntou-se a todos. Mackenzie sabia que ele tinha se preocupado com ela, mas ele também foi homenageado para ir com ela. Uma parte da tradição deste exercício era que um agente experiente tinha que acompanhá-los apenas no caso de algo dar errado. Era o que acontecia ao longo do tempo.

Mackenzie tinha ouvido falar que um cara tinha sido atingido na parte de trás do joelho em 1999 e teve de se graduar de muletas.

Bryers se juntou a eles quando se reuniram no banco. Em seguida, ele enfiou a mão no bolso e retirou os quinhentos dólares que estava segurando para eles—dinheiro que era resultado da contribuição de todos. Ele entregou a Mackenzie e disse:

"Havia mesmo alguma dúvida, rapazes?"

"Bom trabalho, Mac," disse Cousins. "Eu prefiro que você me tire do que um desses palhaços."

"Valeu," disse Mackenzie.

"Eu odeio soar como cara chato," disse Bryers, mas é quase uma da manhã. Vamos para casa descansar um pouco. Todos vocês. Por favor, não cheguem na graduação todos cansados e com cara de chapados."

"Aquele sentimento estranho de felicidade se espalhou através de Mackenzie novamente. Este era o seu grupo de amigos, um grupo de amigos que ela conheceu bem desde o retorno a uma vida normal desde a sua experiência com McGrath nas noves semanas anteriores.

Amanhã, todos estariam se formando na Academia, e se tudo saísse da maneira esperada, todos eles seriam agentes dentro de uma semana. Enquanto Harry, Cousins e Shawn não tinham ilusões sobre começar suas carreiras fora dos casos ilustres, Mackenzie tinha mais para almejar... Ou seja, o grupo especial de agentes que McGrath tinha mencionado nos dias seguintes ao seu último caso inesperado. Ela ainda não tinha ideia do que isso implicava, mas ela estava animada.

Quando o seu pequeno grupo se separou e seguiu caminhos diferentes, Mackenzie sentiu algo que ela não sentia há muito tempo. Foi a sensação de que o futuro ainda estava à frente dela, ainda em desenvolvimento e dentro de seu alcance. E pela primeira vez em muito tempo, ela sentiu como se tivesse muito controle sobre a direção que em que seguiria.

Mackenzie olhou para o hematoma no peito de Harry e mesmo sabendo que sua primeira emoção deveria ter sido de compaixão, ela não podia deixar de rir. O lugar onde ela tinha acertado ele estava muito vermelho, a irritação espalhou cerca de duas polegadas em todas as direções. Parecia muito com uma picada de abelha e ela sabia que aquilo doía muito mais.

*

Eles estavam de pé em sua cozinha e ela estava enrolando um bloco de gelo em um pano de prato para ele. Ela o entregou a ele e ele o segurou comicamente.

Ficou claro que ele estava envergonhado, mas também era evidente que ela o tinha convidado para se certificar de que ele estava bem.

"Sinto muito," disse ela com sinceridade. "Mas você sabe, talvez eu possa levá-lo para tomar um café."

"Deve ser um café muito bom," disse Harry. Ele puxou o bloco de gelo para longe de seu peito e franziu o nariz quando olhou para o local.

Quando Mackenzie o olhou, ela percebeu que embora ele tivesse ido para o apartamento dela mais de uma dúzia de vezes e eles tivessem se beijado em algumas ocasiões, esta foi a primeira vez que ele tirou a camisa em seu apartamento. Foi também a primeira vez desde Zack que ela viu um homem parcialmente

despido tão próximo dela. Talvez fosse a adrenalina de ganhar a competição ou por causa da graduação amanhã, mas ela gostou.

Ela se aproximou e colocou a mão sobre o lado ileso de seu peito, sobre o coração dele. "Ainda dói?"

Ela perguntou, dando um passo para ainda mais perto dele.

"Agora não," disse ele, sorrindo nervosamente.

Ela lentamente deslizou sua mão sobre a marca e a tocou cautelosamente. Então, usando apenas os instintos femininos que ela tinha há muito tempo escondido e substituído por obrigação e tédio, ela se inclinou e a beijou. Ela sentiu ele ficar tenso imediatamente. Sua mão, em seguida, foi para o lado do corpo dele, puxando-o para mais perto dela. Ela beijou sua clavícula, em seguida, a base de seu ombro, depois seu pescoço. Ele suspirou e puxou-a ainda para mais perto.

Como de costume entre eles, eles estavam se beijando antes mesmo de saberem o que estava acontecendo. Isso só tinha acontecido quatro vezes anteriormente, mas a cada vez, ocorria como uma força da natureza, algo não planejado e sem qualquer expectativa.

Levou menos de dez segundos para ele pressioná-la levemente contra o balcão da cozinha. Suas mãos tocaram todo o seu peito enquanto a mão esquerda dele encontrou o caminho até a blusa dela. Seu coração batia forte no peito e todos os

músculos do seu corpo lhe diziam que ela queria ele, que ela estava pronta para isso.

Eles haviam chegado perto antes, por duas vezes, na verdade. Mas em ambas as ocasiões, eles tinham interrompido a situação. Na verdade, *ela* tinha parado. Na primeira vez, ela parou quando começou a se atrapalhar com o botão de suas calças. Na segunda vez, ele estava muito bêbado e ela muito sóbria.

Nenhum falou isso, mas a hesitação de dormir juntos veio como um respeito mútuo e como uma incerteza do que aconteceria futuramente. Além disso, ela pensou demais sobre usar Harry simplesmente como uma válvula de escape sexual. Ela foi ficando cada vez mais atraída por ele, mas sexo sempre foi uma questão muito particular para ela. Antes de Zack, houve apenas dois homens, e um deles tinha sido essencialmente uma agressão em vez de sexo mútuo.

Como tudo isso disparou através de sua cabeça, enquanto beijava Harry, ela percebeu que suas mãos estavam agora muito mais baixas do que o peito dele. Ele aparentemente percebeu isso, também; ele ficou tenso novamente e respirou forte.

Ela puxou as mãos de repente e interrompeu o beijo. Ela olhou para o chão, com medo de ver a decepção nos olhos dele.

"Espere," disse ela. "Harry... Eu sinto muito... Eu não consigo—"

"Eu sei," disse ele, claramente, um pouco frustrado e triste. "Eu sei é—"

Mackenzie deu um grande suspiro e, em seguida, se afastou dele. Ela se virou, incapaz de lidar com a confusão e dor que os olhos dele expressavam. "Nós não podemos. Eu não consigo. Sinto muito."

"Está tudo bem," ele disse, ainda claramente perturbado. "Amanhã é um grande dia e já é tarde. Então, eu estou de saída antes que eu me importe por ter sido derrubado mais uma vez."

"Ela virou para olhá-lo e concordou. Ela não se importava com os comentários maldosos. Ela meio que merecia.

"Isso deve ser bom no fim das contas," disse ela.

Harry deslizou sua camisa de volta, com tinta espalhada nela, e lentamente se dirigiu para a porta.

"Bom trabalho hoje à noite," ele disse ao sair. "Não havia dúvidas de que você seria a vencedora."

"Obrigado", Mackenzie disse, sem muita expressão. "E Harry... realmente, eu sinto muito. Eu não sei o que está me impedindo.

"Ele deu de ombros quando abriu a porta. "Tudo bem," disse ele. "Apenas...Eu realmente não consigo fazer isso por muito mais tempo."

"Eu sei," ela disse com tristeza.

"Boa noite, Mac."

Ele fechou a porta e Mackenzie foi deixada a sós. Ela estava na cozinha, olhando para o relógio. Era 01:15 e ela nem estava cansada. Talvez o pequeno exercício de Hogan Alley tinha levado muita adrenalina para a sua corrente sanguínea.

Ainda assim, ela tentou ir para a cama, mas passou a maior parte da noite se mexendo e virando. Em algum tipo de estado de semi-sono, ela tinha sonhos dos quais ela mal se lembrava, mas a única coisa consistente para cada um deles era o rosto de seu pai, sorrindo, orgulhoso por ela ter chegado tão longe, ela estava se formando a partir de amanhã na Academia.

Mas, apesar desse sorriso, não havia outra coisa consistente para os sonhos, algo com o qual tinha se acostumado há muito tempo, como um refúgio frequente, uma vez que as luzes se apagaram e o sono veio: o olhar morto em seus olhos e todo aquele sangue.

CAPÍTULO DOIS

Embora Mackenzie tivesse acertado o seu alarme para oito horas, ela foi acordada de um jeito agitado pela vibração do seu telefone celular às 6:45. Ela gemeu quando despertou. *Se for o Harry, pedindo desculpas por algo que ele nem sequer fez, eu vou matá-lo*, pensou. Ainda meio adormecida, ela pegou o telefone e olhou para a tela com os olhos enevoados.

Ela ficou aliviada ao ver que não era o Harry, mas Colby.

Intrigada, ela respondeu. Colby não era tradicionalmente alguém que acordava cedo e elas não se falavam a mais de uma semana. Colby, certinha como é, provavelmente estava apenas pirando sobre a graduação e a incerteza do seu futuro. Colby era a única amiga que Mackenzie tinha aqui em Quantico, de modo que ela fez tudo o que podia para garantir que a amizade perdurasse, mesmo se isso significasse atender uma chamada no início da manhã do dia de graduação, depois de ter dormido só quatro anos e meia de sono na noite anterior.

“Ei, Colby,” disse ela. "O que foi?"

"Você estava dormindo?" Colby perguntou.

"Sim."

"Meu Deus. Eu sinto muito. Imaginei que você estaria acordada esta manhã, com tudo o que está acontecendo.”

"É apenas uma graduação", disse Mackenzie.

"Ah! Eu gostaria que fosse só isso," disse Colby numa voz ligeiramente histérica.

"Você está bem?" Mackenzie perguntou, sentando-se lentamente na cama.

"Eu ficarei bem," disse Colby. "Olha... Você acha que consegue me encontrar na Starbucks da Fifth Street?"

"Quando?"

"Assim que você pode chegar lá. Estou saindo agora.”

"Mackenzie *não* queria ir—ela realmente não queria nem sair da cama. Mas nunca tinha ouvido Colby assim. E em um dia tão importante, ela achou que deveria tentar estar presente para a amiga.

"Preciso de cerca de vinte minutos," disse Mackenzie.

Com um suspiro, Mackenzie saiu da cama e teve o cuidado de pegar apenas o básico em termos de se arrumar. Ela escovou os dentes, colocou uma blusa de

moletom com capuz e calça de corrida, prendeu o cabelo em um rabo de cavalo desleixado e depois saiu.

Enquanto ela caminhava os seis blocos para a 5th Street, o peso daquele dia começou a cair sobre ela.

Ela estava se formando na academia do FBI hoje, pouco antes do meio-dia, entre os cinco por cento melhores de sua classe. Ao contrário da maioria dos graduados que conheceu ao longo das últimas vinte semanas, ela não teria qualquer familiar presente para ajudá-la a comemorar esta realização. Ela estaria sozinha, como na maior parte de sua vida, desde a idade de dezesseis anos. Ela estava tentando se convencer de que isso não a incomodava, mas incomodou. Isso não criou tristeza nela, mas uma espécie estranha de angústia que era tão antiga que se tornou entediante.

Quando chegou ao Starbucks, ela ainda notou que o trânsito estava um pouco mais pesado do que o habitual, provavelmente a família e os amigos de outros graduados. Ela deixou pra lá, apesar de tudo. Ela passou os últimos dez anos de sua vida tentando não dar a mínima para o que sua mãe e sua irmã pensavam dela, então por que começar com isso agora?

Quando ela entrou no Starbucks, ela viu que Colby já estava lá. Ela estava bebendo em uma xícara e olhando pensativamente para a janela. Havia uma outra xícara na frente dela; Mackenzie assumiu que era

para ela. Ela se sentou em frente a Colby e fez uma demonstração de como estava cansada, estreitando os olhos de uma forma mal-humorada ao se assentar.

"Este é o meu?" Perguntou Mackenzie, pegando a segunda xícara.

"Sim," disse Colby. Ela parecia cansada, triste e completamente mal humorada.

"Então, o que há de errado?" Perguntou Mackenzie, ignorando qualquer tentativa de Colby fugir do assunto.

"Eu não estou me graduando," disse Colby.

"O quê?", perguntou Mackenzie, genuinamente surpresa. "Eu pensei que você tinha passado com sucesso em tudo."

"Eu passei. Só que... Eu não sei. Só de estar na academia eu fiquei exausta.

"Colby... Você não pode estar falando sério.”

"Seu tom de voz tinha saiu com alguma força, mas ela não se importava. Aquela não era a Colby, de jeito nenhum. Essa decisão tinha sido tomada com algum exame de consciência. Não era por acaso, não era o último suspiro dramático de uma mulher atormentada e nervosa.

Como ela poderia simplesmente desistir?

"Mas eu estou falando sério," disse Colby. "Eu realmente não sou apaixonada por isso desde as últimas três semanas ou mais. Eu ia para casa alguns dias e chorava sozinha, porque eu me sentia presa.

Eu só não quero mais isso.”

"Mackenzie estava atordoada, ela mal sabia o que dizer.

"Bem, o dia de graduação é um inferno para tomar essa decisão."

Colby deu de ombros e olhou para trás para fora da janela. Ela parecia abatida. Derrotada.

"Colby... Você não pode cair fora. Não faça isso." O que estava na ponta da língua, mas ela não disse foi: *Se você sair agora, estas últimas vinte semanas não significarão nada. Isso também faz de você uma desistente.*

"Ah, mas eu realmente não estou caindo fora," disse Colby. "Eu vou para a graduação hoje. Eu tenho que fazer isso, na verdade. Meus pais vieram da Flórida, então eu meio que preciso ir. Mas depois de hoje, será assim.”

"Quando Mackenzie tinha começado a academia, os instrutores avisaram que a taxa de abandono entre os agentes potenciais durante as vinte semanas de Academia era de cerca de vinte por cento—e tinha chegado a trinta no passado. Mas pensar em Colby entre esses números simplesmente não fazia sentido.

Colby era muito forte, muito determinada. Como ela poderia tomar essa decisão tão facilmente?

"O que você vai fazer?" Perguntou Mackenzie. "Se você realmente deixar tudo isso para trás, o que você pretende seguir como carreira?"

“Não sei, disse ela. "Talvez algo no sentido de prevenir o tráfico de seres humanos. Pesquisa e recursos ou algo assim. Quero dizer, eu não *tenho* que ser uma agente, certo? Há muitas outras opções. Eu só não quero ser uma agente."

"Você realmente está falando sério," disse Mackenzie secamente.

"Estou. Eu só quero que você saiba agora, porque depois da formatura, meus pais estarão fazendo aquela bajulação em cima de mim.”

"Oh, coitadinha, pensou Mackenzie, sarcasticamente. *Isso deve ser tão terrível.*

"Eu não entendo," disse Mackenzie.

"Eu não espero que entenda. Você é maravilhosa para isso. Você ama isso. Acho que feita para isso, sabe? Quanto a mim... Eu não sei. Uma negação, eu acho.”

"Nossa, Colby... Eu sinto muito.”

"Não há necessidade de se lamentar," disse ela. "Quando eu enviar minha mãe e o pai de volta para a

Flórida, toda a pressão ficará lá fora. Eu vou dizer a eles que eu simplesmente não fui poupada de fazer uma atribuição boba qualquer que me foi repassada. E então, isso está fora do que desejo fazer, suponho.”

"Bem... Boa sorte, eu acho," disse Mackenzie.

"Nada disso, por favor," disse Colby. "Você está graduando-se entre os top cinco por cento hoje. Não se atreva a deixar meu o meu drama desanimá-la. Você tem sido uma ótima amiga, Mac. Eu queria que você ouvisse isso de mim agora ao invés de apenas perceber que eu não estive por algumas semanas.”

"Mackenzie não fez nenhuma tentativa de esconder sua decepção. Ela odiava se sentir como se estivesse recorrendo a táticas infantis, mas ela permaneceu em silêncio por um tempo, tomando seu café.

"E você?" Perguntou Colby. "Algum familiar ou amigo chegando?"

"Nada," disse Mackenzie.

"Oh," Colby disse, um pouco envergonhada." Eu sinto muito. Eu não sabia—"

"Não precisa se desculpar," disse Mackenzie. Agora foi a sua vez de olhar fixamente para fora da janela quando ela acrescentou: "Eu meio que gosto que seja assim."

***

Mackenzie estava despreocupada com a graduação. Era nada mais do que uma versão formalizada de sua graduação do ensino médio e não tão elegante e formal como sua graduação da faculdade. Enquanto esperava que seu nome fosse chamado, ela teve muito tempo para refletir sobre aquelas graduações e como sua família tinha parecido se dissolver cada vez mais em cada uma delas.

Ela se lembrava, quase chorando, enquanto caminhava para o palco em sua formatura do ensino médio, entristecida pelo fato de que seu pai nunca a veria crescer. Ela sentiria isso através da adolescência, mas foi um fato que a atingiu como uma pedra entre os olhos quando ela caminhou até o palco para receber seu diploma. Não foi algo que mexeu tanto com ela na faculdade. Quando ela foi para o palco durante a sua graduação da faculdade, ela o fez sem sua família no meio da multidão. Foi esse, ela percebeu durante a cerimônia da Academia, o momento crucial em sua vida em que ela decidiu de uma vez por todas que preferia estar sozinha na maioria dos acontecimentos de sua vida. Se a sua família não tinha nenhum interesse nela, ela não teria nenhum interesse neles.

A cerimônia terminou sem muito alarde e quando acabou, ela viu Colby tirar fotos com a mãe e o pai, do outro lado do grande lobby que os formandos e seus convidados todos saíram em seguida. Pelo que Mackenzie poderia dizer, Colby estava fazendo um excelente trabalho ao esconder seu descontentamento de seus pais. Durante todo o tempo, seus pais sorriam com orgulho.

Sentindo-se desajeitada e sem nada para fazer, Mackenzie começou a se perguntar o quão rapidamente ela poderia sair, chegar em casa, tirar o seu traje de formatura e abrir a primeira, provavelmente, de várias cervejas naquela tarde. Quando ela começou se dirigir para a porta, ela ouviu uma voz familiar atrás dela, chamando seu nome.

"Ei, Mackenzie," disse a voz masculina. Ela sabia quem ele era, não apenas por

causa da própria voz, mas porque havia poucas pessoas que a chamavam de *Mackenzie* neste ambiente ao invés de apenas *White*.

Era Ellington. Ele estava vestido com um terno e parecia quase tão desconfortável quanto Mackenzie se sentia. Ainda assim, o sorriso que ele deu a ela era de quem estava confortável *demais*. No entanto, naquele momento, ela realmente não se importava.

"Oi, Agente Ellington."

"Eu acho que em uma situação como esta, não há problemas em me chamar de Jared."

"Eu prefiro Ellington," ela disse rindo brevemente de si mesma.

"Como você se sente?" Ele perguntou.

Ela deu de ombros, percebendo o quanto queria sair de lá. Ela poderia dizer a si mesma todas as mentiras que queria, mas o fato de não ter família, amigos ou entes queridos presentes estava começando a pesar sobre ela.

"Apenas um encolher de ombros?" Perguntou Ellington.

"Bem, como eu *deveria* me sentir?"

***

"Realizada. Orgulhosa. Animada. Só para citar alguns."

"Eu estou todas essas coisas," disse ela. "Só que... Eu não sei. Toda a cerimônia me parece um pouco demais.

"Eu posso entender," disse Ellington. "Nossa, eu odeio usar terno."

Mackenzie estava prestes a fazer com um comentário, talvez sobre como ele, na verdade, ficava bem de terno quando viu McGrath se aproximando por trás Ellington. Ele também sorriu para ela, mas ao contrário Ellington, seu sorriso parecia quase forçado. Ele estendeu a mão para ela e ela a segurou, surpresa com a moleza do punho dele.

"Estou feliz que você conseguiu," disse McGrath. "Eu sei que você tem uma carreira brilhante e promissora pela frente."

"Sem pressão ou qualquer coisa do tipo, certo?" Disse Ellington.

"Os cinco por cento superiores," disse McGrath, não permitindo Mackenzie a chance de dizer uma única palavra. "Que trabalho foda, White."

"Obrigada, senhor," foi tudo o que conseguiu encontrar para dizer.

McGrath inclinou-se, falando de negócios agora. "Eu gostaria que você viesse ao meu escritório na segunda de manhã, às oito horas. Eu quero levá-la para dentro do processo o mais rápido possível. Já tenho a sua papelada pronta—Na verdade, tive o cuidado de prepará-la há muito tempo, então tudo estaria pronto quando esse dia chegasse. Isso demonstra como aposto em você. Então... Não vamos esperar. Segunda-feira às oito. Está bem assim?”

"Claro," disse ela, surpresa com esta exibição atípica de apoio entusiasmado.

Ele sorriu, apertou a mão dela novamente e rapidamente desapareceu na multidão.

Quando McGrath já tinha ido embora, Ellington olhou para ela perplexo e deu um sorriso largo.

"Então, ele está de bom humor. E eu posso dizer que isso não acontece muito frequentemente.”

"Bem, é um grande dia para ele, eu acho," disse Mackenzie. “Um banco de talentos todinho para ele escolher."

"Isso é verdade", disse Ellington. "Mas piadas à parte, o cara é muito inteligente com a forma como ele utiliza os novos agentes. Tenha isso em mente quando se reunir com ele na segunda-feira.”

Um silêncio constrangedor passou entre eles; era um silêncio com o qual tinham se acostumado, e que tornou-se um elo importante da amizade deles, ou o que quer que estava acontecendo entre eles.

"Bem, olhe," disse Ellington. "Eu só queria dizer parabéns. E eu queria que você

soubesse que sempre pode me chamar se as coisas ficarem difíceis. Sei que parece idiota, mas em algum momento—mesmo para a temida Mackenzie White—você vai precisar de alguém para desabafar. Ele posso estar por perto muito rapidamente quando precisar.

"Obrigada," disse ela.

Então, de repente, ela quis chamá-lo para acompanhá-la, não de um jeito romântico, mas apenas para ter um rosto familiar ao seu lado. Ela o conhecia relativamente bem e mesmo que ela tivesse sentimentos conflitantes sobre ele, ela o queria ao seu lado. Ela odiava admitir, mas estava começando a sentir que deveria fazer *algo* para comemorar este dia e este momento em sua vida. Mesmo apenas passando algumas horas estranhas com Ellington, seria melhor (e provavelmente mais produtivo) do que sentir pena de si mesma e beber sozinha.

Mas ela não disse nada. E mesmo podendo ter reunido coragem, não teria importância; Ellington rapidamente lhe deu um pequeno aceno de cabeça e, em seguida, como McGrath, voltou para a multidão.

Mackenzie ficou ali por um momento, fazendo seu melhor para livrar-se da crescente sensação de estar completamente sozinha.

CAPÍTULO TRÊS

Quando Mackenzie apareceu para seu primeiro dia de trabalho na segunda-feira, ela não conseguia afastar as palavras de Ellington, correndo pela sua cabeça como um mantra: *O cara é muito inteligente na maneira como usa os novos agentes. Tenha isso em mente quando se reunir com ele na segunda-feira.*

Ela tentou usar isso para manter os pés no chão pois na verdade, ela estava nervosa. Não ajudou começar a manhã sendo encontrada por um dos homens de McGrath, Walter Hasbrook, agora seu supervisor de departamento, e ele acompanhou-a como uma criança para os elevadores. Walter parecia estar na casa dos sessenta e ter uns 13 quilos de sobrepeso. Ele não tinha personalidade e mesmo Mackenzie não tendo feito nada contra ele, ela não gostava da maneira como ele explicava tudo para ela, como se ela fosse burra.

Isso não mudou enquanto a levava para o terceiro andar, onde um labirinto de cubículos se espalhava como um zoológico. Os agentes foram colocados em cada cubículo, alguns falavam ao telefone enquanto outros digitavam em seus

computadores.

"E este é para você", disse Hasbrook, apontando para um cubículo no centro de uma das fileiras exteriores. "Este é o centro de Investigação e Vigilância. Você vai encontrar alguns e-mails esperando por você, dando-lhe acesso aos servidores e uma lista de contatos em todo o departamento."

Ela entrou em seu cubículo, sentindo um pouco desencantada, mas ainda nervosa. Não, este não era o caso emocionante que ela esperava para começar a sua carreira, mas ainda era o primeiro passo em uma jornada em direção a tudo o que ela sempre quis e sempre trabalhou para atingir desde quando saiu da escola. Ela puxou sua cadeira de rodinhas para fora e se sentou.

O laptop na frente dela era seu agora. Foi um dos itens que Hasbrook passou para ela durante a explicação. A mesa era dela, o gabinete, todo o espaço. Não era exatamente glamouroso, mas era o *seu* espaço.

"Em seu e-mail, você vai encontrar os detalhes de sua primeira missão," disse Hasbrook. "Se eu fosse você, começaria imediatamente. Você vai querer chamar o agente de supervisão do caso para coordená-

la, mas você deve se aprofundar no caso até o final do dia."

"Entendi," disse ela, ligando o computador. Parte dela ainda estava com raiva por ser incumbida com um trabalho de escritório. Ela queria um trabalho de campo. Depois de tudo que o McGrath tinha dito a ela, isso era o que ela estava esperando.

Não importa o quão grandiosa seja a sua história, ela disse a si mesma, *você não deve esperar um começo glamuroso. Talvez esteja pagando os seus pecados, ou pode ser a forma que o McGrath tem de mostrar a você quem é que manda aqui, colocando-a no seu devido lugar.*

Antes que Mackenzie não conseguisse mais responder as instruções secas e monótonas, Hasbrook já havia se afastado. Ele voltou para os elevadores rapidamente, como se estivesse feliz por ter acabado com aquela minúscula tarefa do dia.

Quando ele foi embora e ela estava sozinha em seu gabinete, ela logou no seu computador e se perguntou por que estava tão terrivelmente nervosa.

É por causa da conquista, ela pensou. *Eu trabalhei duro para chegar até aqui e finalmente o cargo de agente é meu. Todos os olhos estão em mim agora, então eu não posso me atrapalhar, mesmo fazendo um trabalho de escritório qualquer.*

Ela verificou o seu e-mail e disparou as respostas necessárias para começar. Dentro de uma hora, ela tinha todos os documentos e os recursos necessários. Ela estava determinada a fazer o seu melhor, para

dar ao McGrath todas as razões para que ele visse como estava desperdiçando o seu talento colocando-a atrás de uma mesa.

Ela se debruçou sobre os mapas, registros de telefone celular e dados do GPS, trabalhando para identificar a localização de dois suspeitos potenciais envolvidos em uma quadrilha de tráfico sexual. Em cerca de uma hora e profundamente envolvida, ela já estava comprometida com o assunto. O fato de que ela não estava na rua trabalhando ativamente para pegar homens como estes não a incomodava naquele momento. Ela estava focada e tinha um objetivo em mente; isso era tudo o que ela precisava.

Sim, era frenético e quase chato, mas ela não deixaria que isso dificultasse o seu trabalho. Ela parou para almoço e voltou, trabalhando com fervor e obtendo resultados. Quando o dia chegou ao fim, ela enviou um e-mail para o supervisor do departamento com os seus resultados e saiu. Ela nunca tinha tido um emprego em um escritório antes, mas deu para sentir como era a coisa. A única coisa diferente era a falta de um ponto para registrar o seu horário de trabalho.

No momento em que ela chegou no seu carro, ela se permitiu se envolver na decepção novamente. Um trabalho de escritório. Presa atrás de um computador e presa entre as paredes do gabinete. Isso não era o que ela tinha imaginado.

Apesar disso, ela estava orgulhosa de estar onde estava. Ela não deixaria o ego ou as altas expectativas descarrilar o fato de que ela era agora uma agente do FBI. Ela não conseguia parar de pensar em Colby. Ela se perguntou onde Colby estaria agora e o que ela teria a dizer se descobrisse que Mackenzie trabalhado em um escritório para começar sua carreira.

E uma pequena parte de Mackenzie não resistia, mas se perguntava se Colby, tendo decidido de sair, tinha sido a mais inteligente das duas.

Será que ela ficaria atrás daquela mesa por anos?

***

Mackenzie apareceu na manhã seguinte determinada a ter um bom dia. Ela fez algum grande progresso em seu caso no dia anterior e sentiu que se pudesse fornecer resultados rápidos e eficientes, McGrath tomaria conhecimento.

Imediatamente, ela descobriu que tinha sido levada para outro caso. Este envolvia uma fraude do

“green card”. Os anexos aos e-mails lhe proporcionaram mais de três centenas de páginas de testemunhos, arquivos do governo e documentos e o jargão jurídico para ser usado como recurso. Parecia incrivelmente tedioso.

Fumegante, Mackenzie olhou para o telefone. Ela tinha acesso aos servidores, o que significava que ela poderia obter o número de McGrath. Ela se perguntou como ele reagiria se ela ligasse e perguntasse por que ela estava sendo punida daquele jeito.

Ela se convenceu a não fazer aquilo. Em vez disso, imprimiu cada documento e criou diferentes pilhas sobre a mesa.

Vinte minutos nesta tarefa de entorpecimento mental, ela ouviu uma pequena batida na entrada do seu gabinete. Quando ela se virou e viu McGrath ali, ela congelou naquele momento.

McGrath sorriu para ela da mesma maneira que ele tinha se aproximado dela após a graduação. Algo naquele sorriso lhe dizia que ele sinceramente não tinha ideia de que ela poderia se sentir humilhada por estar presa em um cubículo.

"Desculpe-me por ter levado tanto tempo para chegar a você," disse McGrath. "Mas eu só queria passar por aqui e ver como você está."

Ela mordeu de volta as primeiras várias respostas que vieram à mente. Ela deu uma encolhida de ombros indiferente e disse: "Eu estou indo bem. Só... Bem, eu só estou um pouco confusa.”

"Como assim?”

"Bem, em algumas ocasiões, você me disse que não podia esperar para me ter como uma agente ativa.

Eu não imaginei que isso envolveria ficar sentada atrás de uma mesa imprimindo documentos de “green card”.

“Ah, eu sei, eu sei. Mas confie em mim. Há uma razão para tudo isso. Apenas concentre-se no que está fazendo. Sua hora chegará, White.”

Em sua cabeça, ela ouviu a voz de Ellington novamente. *O cara é muito inteligente na forma como utiliza novos agentes.*

Se você diz, então tá, ela pensou.

"Nós vamos chegar lá embreve," disse McGrath. "Até lá, se cuide."

Como Hasbrook no dia anterior, McGrath parecia estar com uma enorme pressa para fugir do cubículo. Ela observou-o sair, perguntando que tipo de lição ou habilidades ela deveria ter. Odiava se sentir no direito de reclamar, mas nossa...

O que Ellington tinha dito sobre McGrath... Ela realmente deveria acreditar nisso? Pensando em Ellington, ela se perguntou se ele sabia o que estava acontecendo com ela. Ela então pensou em Harry e sentiu culpa por não ter ligado para ele ao longo dos últimos dias. Harry tinha ficado quieto porque sabia que ela odiava se sentir pressionada. Foi uma das razões que fez ela ter vontade de continuar a vê-lo.

Nenhum homem tinha sido tão paciente com ela antes. Mesmo Zack tinha o seu limite, a única razão para ter durado tanto tempo era porque eles tinham se acomodado e não queriam se incomodar com a inconveniência de uma mudança.

Mackenzie concluiu a pilha final de papéis, assim que o meio-dia chegou. Antes de mergulhar na loucura em forma de anotações e formulários à sua espera, ela sentiu que deveria sair para almoçar e tomar uma xícara de café bem grande.

Ela saiu pelo corredor e seguiu para os elevadores. Quando o elevador chegou e as portas se abriram, ela se surpreendeu ao encontrar Bryers do outro lado. Ele pareceu surpreso ao vê-la, mas sorriu largamente.

"O que você está fazendo?" Ela perguntou.

"Eu vim vê-la. Pensei que você quisesse almoçar.”

"É para onde eu estava indo. Ótimo.”

Eles desceram de elevador juntos e pegaram uma mesa em uma pequena delicatessen a uma quadra da rua. Quando eles se sentaram com seus sanduíches, Bryers fez uma pergunta muito tendenciosa.

"Como vai?" Perguntou.

"É... Bem, indo. Presa atrás de uma mesa, presa em um cubículo, e lendo intermináveis pilhas de papel, não era exatamente o que eu tinha em mente.”

"Vindo de qualquer outro agente novo, pode parecer manha," disse Bryers. "Mas é isso, eu concordo.

Você está sendo desperdiçada. É por isso que estou aqui: Eu vim para salvá-la.”

Ela olhou para ele, pensativa.

"Que tipo de resgate?"

"Outro caso," respondeu Bryers. "Quero dizer, agora, se você quiser ficar com sua carga de trabalho atual e continuar estudando sobre a fraude de imigração, eu entendo. Mas eu acho que eu tenho algo que está mais dentro dos seus interesses.”

"Ela sentiu seu coração começar a bater mais rápido.

"Você pode conseguir essa para mim?" Ela perguntou, desconfiada.

"Na verdade eu posso. Ao contrário da última vez, você tem total apoio de todos. Recebi um telefonema de McGrath há meia hora. Ele não é um *grande* fã da ideia de você pular diretamente para a ação, mas eu forcei a barra um pouco.”

"Sério?" Perguntou ela, sentindo-se aliviada e, como Bryers tinha indicado, apenas um pouco mimada.

"Eu posso mostrar o meu histórico de chamadas, se quiser. Ele ia chamá-la e dizer ele mesmo, mas eu pedi o favor de ser a pessoa que iria lhe dizer isso. Eu acho que ele sabia desde ontem que você acabaria sendo escolhida, mas nós queríamos ter certeza de que tínhamos um caso sólido.”

"E vocês?" Ela perguntou. Uma pequena bola de excitação começou a crescer na boca do seu estômago.

"Sim. Encontramos um corpo em um parque em Strasburg, Virginia. Assemelha-se muito a um corpo que encontramos em torno da mesma área, cerca de dois anos atrás."

"Você acha que eles estão relacionados?"

Ele descartou a pergunta dela e mordeu o sanduíche.

"Eu vou te dizer sobre isso no caminho. Por enquanto, vamos apenas comer. Aprecie o silêncio enquanto é possível."

Ela balançou a cabeça e mordiscou o sanduíche, embora de repente ela tivesse perdido a fome.

Ela sentiu emoção, mas também temor e tristeza. Alguém havia sido assassinado.

E dependia dela fazer as coisas darem certo.

CAPÍTULO QUATRO

Eles deixaram Quantico imediatamente após o almoço. Quando Bryers dirigia, ao sudoeste, Mackenzie sentiu como se estivesse sendo resgatada do tédio para ser levada ao perigo.

"Então, o que você pode me dizer sobre este caso?" Ela perguntou.

"Um corpo foi descoberto em Strasburg, Virginia. O corpo foi encontrado em um parque estadual, em uma condição que se assemelha a um corpo que foi descoberto muito perto da mesma área cerca de dois anos atrás.

"Você acha que eles estão relacionados?"

"Tem que estar, se você quer minha opinião. Mesmo local, mesmo estilo brutal de assassinato. Os arquivos estão em minha bolsa no banco de trás, se você quiser dar uma olhada."

"Ela enfiou a mão no banco de trás e pegou o caso na bolsa que Bryers geralmente levava consigo quando havia alguma pesquisa envolvida. Ela deslizou uma única pasta, continuando a fazer perguntas.

"Quando o segundo corpo foi descoberto?" Perguntou ela.

"Domingo. Até agora, não tem nada para nos dar qualquer direção. N *ão* é uma pista, como da última vez. Nós precisamos de você.

"Por que eu?" Ela perguntou, curiosa.

Ele olhou para trás, curioso também.

"Você é um agente agora—e boa pra caramba nisso," disse ele. "As pessoas já estão cochichando sobre você, as pessoas que não sabiam quem você era quando veio para Quantico. É atípico para um novo agente conseguir um caso como este, bem, você não é exatamente uma agente comum, é?

"Isso é uma coisa boa ou uma coisa ruim?" Perguntou Mackenzie.

"Isso depende de como você age, eu acho," disse ele.

Ela deixou as coisas como estavam,, voltando a sua atenção para a pasta. Bryers deu umas espiadas quando ela olhou o conteúdo, seja para avaliar sua reação ou para ver o que ela estava olhando naquele momento.Enquanto ela examinava as informações através da pasta, ele narrou o caso.

"Demorou apenas algumas horas para termos certeza de que o assassinato estava vinculado a outro corpo que foi descoberto a cerca de cinquenta e seis quilômetros de distância, há quase dois anos. As imagens que você vê na pasta são do corpo."

"Dois anos atrás," disse Mackenzie, desconfiadamente. Na foto, ela viu um corpo que tinha sido mutilado. Era uma visão tão ruim que ela teve que desviar o olhar por um momento. "Como vocês tão facilmente relacionam os dois assassinatos com uma extensão tão grande de tempo entre eles?"

"Porque ambos os corpos foram encontrados no mesmo parque estadual e na mesma condição, assassinados com muita crueldade. E você sabe o que pensamos sobre as coincidências no FBI, certo?

"Que eles não existem?”

"Exatamente.”

"Strasburg," disse Mackenzie. "Eu não estou familiarizada com tudo isso. Cidade pequena, certo?

"É, quase de médio porte. População de cerca de seis mil habitantes. Uma dessas cidades do sul que ainda estão se agarrando com força na Guerra Civil.”

"E há um parque estadual lá?”

"Ah, sim," disse Bryers. "Isso foi novidade para mim, também. Bem grande. Parque Estadual Little Hill. Cerca de 112 quilômetros de terra, ao todo. Ele quase se aproxima de Kentucky. É popular para pescaria, camping e caminhadas. Um monte de floresta inexplorada. Esse tipo de parque estadual.”

"Como os corpos foram descobertos?" Perguntou Mackenzie.

"Um campista encontrou o mais recente na noite de sábado," disse Bryers. "O corpo descoberto há

dois anos foi uma cena horrível. O corpo foi descoberto semanas depois do assassinato. Estava apodrecendo e alguns dos animais selvagens tinham arrancado alguns pedaços dele, como você vê nas fotos.”

"Qualquer indicação clara de como eles foram assassinados?”

"Nada que podemos identificar.” Os corpos foram muito mutilados. O primeiro, de dois anos atrás—

tinha a cabeça toda cortada, todos os dez dedos foram cortados e nunca encontrados e a perna direita foi arrancada do joelho para baixo. O mais recente foi espalhado por todo o lugar. A perna esquerda foi descoberta a sessenta metros de distância do resto do corpo. A mão direita foi cortada e ainda não foi encontrada.”

"Mackenzie suspirou, oprimida por um momento pelo mal no mundo.

"Isso é brutal," ela disse suavemente.

Ele concordou.

"É."

"Você está certo," disse ela. "As semelhanças são muito estranhas para serem ignoradas."

Ele parou e soltou uma tosse forte, ele a tampou com a parte interior do seu cotovelo. Era uma tosse profunda, uma das longas e secas que muitas vezes vêm seguidas de um resfriado desagradável.

"Você está bem?" Perguntou ela.

"Sim eu estou bem. O outono está chegando. Minhas estúpidas alergias explodem todo ano neste período. Mas e *você?* Você está em bem? A graduação acabou, você é agora oficialmente uma agente, e o mundo é todo seu. Isso faz você ficar animada ou assustada?”

"Um pouco de ambos,” ela disse honestamente.

"Algum familiar virá vê-la no sábado?"

"Não," disse ela. E antes que ele tivesse tempo de fazer uma cara triste ou expressar seu pesar, ela acrescentou: "Mas tudo bem. Minha família nunca esteve próxima de mim.”

"Sei," disse ele. "A mesma coisa acontece comigo. Meus pais eram pessoas boas, mas eu me tornei um adolescente e comecei a *agir* como um adolescente e, depois disso, eles meio que me ignoraram. Eu não era Cristão o suficiente para eles. Eu gostava demais de garotas. Esse tipo de coisa.”

Mackenzie não disse nada porque ela estava um pouco em choque. Foi o máximo que ele tinha dito sobre si mesmo desde que ela o conheceu—e tudo veio em uma súbita, inesperada explosão de doze segundos.

Então, antes que ela estivesse ciente de que estava mesmo fazendo isso, ela falou novamente. E

quando as palavras saíram de sua boca, ela quase se sentiu como se estivesse vomitando.

"Minha mãe fez isso comigo," disse ela. "Eu fiquei mais velha e ela viu que não tinha realmente controle sobre mim. E se ela não podia me controlar, então, ela não tinha interesse em mim. Mas quando ela perdeu o controle sobre mim, ela perdeu o controle sobre quase tudo, também."

"Ah, os pais são orgulhosos, não é?" Disse Bryers.

"À sua própria maneira."

"E o seu pai?" Perguntou Bryers.

A pergunta era como uma fincada no coração, mas ela novamente surpreendeu-se por responder. "Ele está morto," disse ela com um tom decidido em sua voz. Ainda assim, uma parte dela queria dizer a ele sobre a morte de seu pai e como ela havia descoberto o corpo.

Enquanto o tempo separados parecia ter melhorado a relação de trabalho entre eles, ela ainda não estava pronta para compartilhar essas feridas com Bryers. Ainda assim, apesar da sua resposta fria, Bryers parecia agora muito mais aberto, falador e disposto a criar vínculos. Ela se perguntou se era porque ele estava agora trabalhando com ela com a garantia e a bênção daqueles que o supervisionavam.

"Lamento ouvir isso," disse ele, passando por cima do assunto de uma forma que fez ela saber que ele sentiu a sua falta de vontade de falar sobre aquilo. "Meus pais... Eles não entendiam o porquê de eu ter escolhido este trabalho. Claro, eles eram cristãos muito severos. Quando eu lhes disse que não acreditava em Deus, aos dezessete anos, eles basicamente desistiram de mim. Desde então, eu vi os meus pais apenas no túmulo. Papai se manteve firme por cerca de seis anos após a minha mãe ter morrido.

Papai e eu meio que fizemos as pazes de um jeito inseguro depois da morte da minha mãe. Estávamos bem novamente até ele morrer de câncer no pulmão, em 2013."

"Pelo menos você tem uma chance de consertar as coisas," disse Mackenzie.

"Verdade," disse ele.

"Alguma vez você se casou? Teve filhos?"

"Eu fui casado por sete anos. Eu tenho duas filhas. Uma delas está na faculdade no Texas agora. A outra está em algum lugar na Califórnia. Ela parou de falar comigo há dez anos, logo depois que ela deixou a escola, ficou grávida e noiva de um cara de vinte e seis anos de idade."

"Ela balançou a cabeça, achando a conversa muito desconcertante para continuar. Era estranho que ele estivesse se abrindo para ela de tal maneira, mas ela gostou. Algumas das coisas que ele tinha dito a ela fazia algum sentido, apesar de tudo. Bryers era um homem bastante solitário e isso se alinhava com o fato de ter tido uma relação tensa com os seus pais.

A informação sobre as duas filhas com quem ele raramente falava, no entanto, tinha sido uma grande revelação. Fez algum tipo de sentido a respeito do porquê de ele estar tão aberto com ela e porque ele parecia gostar de trabalhar com ela.

As duas horas seguintes foram preenchidas com pouca conversa, falou-se principalmente sobre o caso em questão e o período de Mackenzie na Academia. Foi bom ter alguém para conversar sobre essas coisas e isso fez com que se sentisse um pouco culpada por ter se fechado quando ele perguntou sobre o seu pai.

Passaram-se mais uma hora e quinze minutos antes de Mackenzie começar a ver sinais que anunciavam a saída para Strasburg. Mackenzie praticamente podia sentir o ar dentro do carro mudando, pois ambos mudaram de rumo, colocando questões pessoais e lado e se concentrando exclusivamente no trabalho em mãos.

Seis minutos depois, Bryers virou o sedan para a saída Strasburg. Quando eles entraram na cidade, Mackenzie sentiu-se tensa. Mas era um bom tipo de tensão, o mesmo tipo que ela sentiu quando entrou no estacionamento à noite antes da graduação com a arma de paintball em suas mãos.

Ela tinha chegado. Não apenas em Strasburg, mas em uma fase de sua vida que ela tinha sonhado desde que assumiu o seu primeiro trabalho humilhante de escritório em Nebraska, antes de ter uma oportunidade adequada.

Meu Deus, pensou. *Foram apenas cinco anos e meio?*

Sim. E agora que ela estava literalmente sendo conduzida para a realização de todos os seus sonhos, os cinco anos que separavam o trabalho de escritório do momento atual no banco de passageiros do carro de Bryers pareciam uma

espécie de barricada que mantinha esses dois lados dela separados. E isso foi tão bom quanto Mackenzie esperava. Seu passado nunca tinha feito outra coisa além de prendê-la, e agora que ela finalmente parecia fugir dele, ela estava contente de deixá-lo para trás, o passado estava morto e apodrecendo.

Ela viu o sinal para Little Hill State Park, e quando ele diminuiu a velocidade do carro, seu coração acelerou. Ali estava ela. Seu primeiro caso, enquanto oficialmente no trabalho. Todos os olhos estariam sobre ela, ela sabia.

Havia chegado a hora.

CAPÍTULO CINCO

Quando Mackenzie saiu do carro no estacionamento para visitantes do Parque Estadual Little Hill, preparou-se, sentindo imediatamente a tensão do homicídio no ar. Ela não entendia como podia senti-lo, mas podia. Era uma espécie de sexto sentido que ela, às vezes, desejava não ter. Ninguém mais com quem ela já tinha trabalhado parecia sentir o mesmo.

De certa forma, ela percebeu, essas eram pessoas de sorte. Era uma bênção, mas também uma maldição.

Atravessaram o estacionamento e foram para o centro de visitantes. Embora o outono ainda não tivesse totalmente dominado a Virginia ainda, ele estava se fazendo presente mais cedo. As folhas ao redor deles estavam começando a mudar, criando uma série de vermelhos, amarelos e dourados. Havia uma cabana de segurança atrás do centro e uma mulher com cara de tédio acenou mostrando ter notado a presença dos dois.

O centro de visitantes era uma armadilha medíocre para turistas, na melhor das hipóteses. Algumas prateleiras de roupas exibiam camisetas e garrafas de água. Uma pequena prateleira no lado direito continha mapas da área e algumas publicações sobre dicas de pesca. No centro de tudo isso havia uma única mulher, com alguns anos além da aposentadoria, sorrindo para eles atrás de um balcão.

"Vocês são do FBI, certo?" Perguntou a mulher.

"É isso mesmo," disse Mackenzie.

A mulher, sentada atrás do balcão, deu um aceno rápido e pegou o telefone fixo. Ela apertou um número que estava em um pedaço de papel ao lado do telefone. Enquanto esperava, Mackenzie virou-se e Bryers também.

"Você disse que não falou diretamente com o Departamento Policial de Strasburg, certo?" Perguntou ela.

Bryers sacudiu a cabeça.

"Somos bem-vindos ou um obstáculo?"

"Acho que vamos ter que ver isso."

Mackenzie concordou quando voltaram para o balcão. A mulher tinha acabado de desligar o telefone e estava olhando para eles novamente.

"O Xerife Clements estará aqui em cerca de dez minutos. Ele gostaria de encontrá-los no lado de fora da cabana.

"Eles caminharam de volta para fora e se dirigiram para a cabana do vigia. Mais uma vez, Mackenzie encontrou-se quase hipnotizada pelas cores que floresciam nas árvores. Ela caminhou lentamente, absorvendo tudo.

"Ei, White?" Disse Bryers. "Você está bem?"

"Sim. Por que pergunta?”

"Você está tremendo. Um pouco pálida. Como um agente experiente do FBI, meu palpite é que você está nervosa— *muito* nervosa.”

"Ela apertou as mãos com força, ciente de que realmente havia um ligeiro tremor nas suas mãos. Sim, ela *estava* nervosa, mas ela esperava estar disfarçando isso. Aparentemente, ela estava fingindo muito mal.

"Veja. Você está na coisa real agora. Pode ficar nervosa. Mas aprenda a lidar *com* isso. Não lute contra isso ou esconda esse sentimento. Eu sei que soa contra-intuitivo, mas você tem que confiar em mim."

Ela concordou com a cabeça, sentindo-se um pouco sem graça.

Eles continuaram sem dizer uma palavra, as cores selvagens das árvores ao redor deles parecendo pressioná-los. Mackenzie olhou para a frente para a cabine do guarda, olhando para a barra que pendia da cabine ao outro lado da estrada. Parecia brega , mas ela não pôde deixar de sentir que seu futuro estava esperando por ela do outro lado dessa barra e ela encontrou-se igualmente intimidada e ansiosa para atravessá-la.

Em poucos segundos, os dois ouviram o barulho de um pequeno motor. Quase imediatamente depois disso, um carrinho de golfe apareceu, vindo ao redor da curva. Parecia estar indo em alta velocidade e o homem atrás do volante estava praticamente debruçado sobre ele, como se quisesse ir mais rápido.

O carro acelerou para frente e Mackenzie conseguiu seu primeiro vislumbre de um homem que assumiu ser o Xerife Clements. Ele era um homem durão de quarenta e poucos anos. Ele tinha o olhar vítreo de um homem que tinha sentido a mão áspera da vida. Seu cabelo negro estava apenas começando a ficar grisalho nas têmporas e ele tinha um a sombra de barba ao redor do rosto que parecia sempre ter estado lá.

Clements estacionou o carro, mal notando o guarda na cabana e caminhou para encontrar Mackenzie e Bryers.

"Agentes White e Bryers," Mackenzie disse, oferecendo-lhe a mão.

Clements pegou a mão dela e a apertou de forma passiva. Ele fez o mesmo com Bryers antes de voltar a sua atenção para a trilha pavimentada por onde tinha acabado de descer.

"Sendo honesto," disse Clements, "embora eu certamente aprecie o interesse do FBI, eu não tenho tanta certeza de que precisamos de ajuda."

"Bem, estamos aqui também para ver se nós podemos dar uma mão," disse Bryers, sendo o mais amigável possível.

"Bem, então, pegamos o carro e vamos ver", disse Clements. Mackenzie estava tentando avaliá-los quando eles carregaram no carro. Sua principal preocupação desde o início era tentar determinar se Clements estava simplesmente sob um estresse imenso ou se ele era tão estúpido por natureza.

Ela estava ao lado de Clements na frente do carrinho, enquanto Bryers se

agarrou à parte de trás.

Clements não disse uma única palavra. É verdade, parecia que ele estava fazendo um esforço para deixá-

los saber que ele se sentiu incomodado por ter que rodar com eles.

Depois de um minuto, mais ou menos, Clements desviou o carro para a direita onde a estrada pavimentada se tornava bifurcada. Lá, a calçada terminava e se tornava uma trilha ainda mais estreita na que mal cabia o carro.

"Então, quais instruções foram passadas para o guarda na guarita?" Perguntou Mackenzie.

"Ninguém vem aqui," disse Clements. "Nem mesmo guardas florestais ou policiais a menos que eu tenha dado autorização prévia. Já temos pessoas suficientes peidando em torno daqui, tornando as coisas mais difíceis do que tem que ser."

"Mackenzie levou o golpe não muito sutil e o ignorou. Ela não estava prestes a entrar em uma discussão com Clements antes de ela e Bryers terem uma oportunidade de verificar a cena do crime.

Cerca de cinco minutos depois, Clements apertou os freios. Ele saiu antes mesmo que o carro parasse completamente. "Vamos lá," disse ele, como se estivesse falando com uma criança. "Por aqui."

Mackenzie e Bryers desceram. Ao redor, a floresta pairava muito acima deles. Era bonito, mas preenchida com uma espécie de silêncio espesso que Mackenzie reconheceu como um tipo de presságio

—um sinal de que havia algo ruim e uma má notícia no ar.

Clements levou-os para a floresta, andando rapidamente à frente deles. Não houve real chance para falar. Aqui e ali Mackenzie podia ver sinais de caminhos antigos sinuosos através da folhagem e ao redor das árvores, mas era só isso. Sem perceber que estava fazendo isso, ela assumiu a liderança na frente de

Bryers enquanto tentava manter-se com Clements. Na ocasião, ela teve que afastar um ramo com teias de aranha do seu rosto.

Depois de caminhar por dois ou três minutos, ela começou a ouvir várias vozes que se misturavam. Os sons de movimentação ficaram mais altos e ela começou a entender o que Clements estava falando; mesmo sem ver a cena, Mackenzie poderia dizer que estaria lotada de gente.

Ela viu a prova disso menos de um minuto mais tarde, quando a cena veio à tona. Fita isolando a cena do crime e pequenas bandeiras de fronteira tinham sido colocadas em uma grande forma triangular dentro da floresta. Entre as bandeiras vermelhas e a fita amarela, Mackenzie contou oito pessoas, Clements estava incluído. Com ela e Bryers seriam dez.

"Percebe o eu quero dizer?" Perguntou Clements.

Bryers apareceu ao lado Mackenzie e suspirou. "Bem, é uma bagunça."

Antes de darem um passo à frente, Mackenzie fez o seu melhor para fazer o levantamento da cena. Dos oito homens, quatro eram do DP local, facilmente identificados pelos seus uniformes. Havia dois outros que estavam com uniformes, mas de um DP do estado, Mackenzie pensou. Além disso, porém, ela pegou na cena em si, em vez de deixar que a briga a distraísse.

A localização parece ser aleatória. Não havia pontos de interesse, há itens que podem ser vistos como simbólicos. Era exatamente como qualquer outra parte dessa floresta em todos os sentidos, Mackenzie podia ver. Ela adivinhou que era cerca de uma milha fora da pista central. As árvores não eram particularmente grossas aqui, mas havia uma sensação de isolamento ao redor.

Com a cena completamente tomada, ela olhou para os homens brigando. Alguns pareciam agitados e um ou dois pareciam zangados. Dois deles não estavam usando qualquer tipo de uniforme ou roupa para mostrar a profissão deles.

"Quem são os caras sem uniforme?" Perguntou Mackenzie.

"Não tenho certeza", disse Bryers.

Clements virou para eles com uma carranca no rosto. "Guardas florestais", disse ele. "Joe Andrews e Charlie Holt. Merda assim acontecem e eles pensam que são da polícia.

"Um dos guardas olhou para cima com veneno em seus olhos. Mackenzie tinha

certeza que Clements não gostava daquele homem quando ele disse *Joe Andrews.* "Observe, Clements. Este é um parque estadual ", disse Andrews. "Você tem tanta autoridade aqui quanto um mosquito."

"Isso poderia ser", disse Clements. "Mas você sabe tão bem quanto eu que tudo o que tenho a fazer é fazer uma única chamada para a delegacia e conseguir algumas rodas em movimento. Eu posso ter você fora daqui dentro de uma hora, então apenas faça tudo o que você precisa fazer e tire o seu traseiro daqui.

"Você hipócrita fudid—”

"Deixem disso," disse um terceiro homem. Este era um dos policiais estaduais. O homem era forte como uma montanha e usava óculos de sol que faziam ele parecer o vilão de um filme ruim de ação dos anos 80. "Eu tenho autoridade para jogar ambos fora daqui. Então parem de agir como crianças e façam o seu trabalho.

Este homem notou Mackenzie e Bryers pela primeira vez. Ele andou até eles e balançou a cabeça quase se desculpando.

"Desculpe-me, mas você está tendo que ouvir todo esse absurdo," disse ele enquanto se aproximava.

"Eu sou Roger Smith com a polícia estadual. Alguma coisa aqui, hein?

"Isso é o que vamos descobrir ", disse Bryers.

Smith voltou-se para os outros sete e usou uma voz potente quando disse: "Afastem-se e deixem que os federais façam o trabalho deles."

"E quanto à *nossa* coisa" o outro guarda perguntou?. *Charlie Holt,* Mackenzie lembrou. Ele olhou para

Mackenzie e Bryers com suspeita. Mackenzie pensou que ele parecia um pouco tímido e com medo perto deles. Quando Mackenzie olhou para ele, ele olhou para o chão, curvando-se para pegar uma castanha.

Ele jogava a castanha de mão em mão, em seguida, começou a pegar na ponta dela.

"Vocês já tiveram tempo suficiente", disse Smith. "Aguardem um segundo, tá?"

Todo mundo fez o que ele pediu. Os guardas florestais, em particular, pareciam infelizes com isso.

Fazendo tudo o que podia para aliviar a situação, Mackenzie imaginou que seria bom se ela tentasse envolvê-los, tanto quanto possível, para que os ânimos não se incendeiem.

"Que tipo de informação os guardas normalmente precisam puxar de algo assim?" Ela perguntou aos guardas quando ela se abaixou sob a fita da cena do crime e começou a olhar ao redor. Ela viu um marcador onde a perna tinha sido encontrada, marcada com um pequeno marcador de madeira. A uma boa distância ela viu outro marcador onde tinha sido encontrado o restante do corpo.

"Nós precisamos saber por quanto tempo manteremos o parque fechado por causa de uma coisa", disse Andrews. "Por mais egoísta que possa parecer, o parque representa um bom pedaço de receitas para o turismo."

"Você está certo", Clements falou. "Isso *soa* egoísta."

"Bem, acho que nós estamos autorizados a sermos egoístas de tempos em tempos," Charlie Holt disse, bastante defensivamente. Ele então, encarou Mackenzie e Bryers com um olhar de desprezo.

"Por que?" Perguntou Mackenzie.

"Algum de vocês já sabe que tipo de porcaria temos que aturar aqui?" Perguntou Holt.

"Não, na verdade," perguntou Bryers.

"Adolescentes fazendo sexo", disse Holt. "Orgias de tempos em tempos. Práticas Wicca estranhas. Eu mesmo peguei um cara bêbado aqui brincando com um toco, e eu estou falando de coisas surpreendentes para todo lado. Estas são as histórias que os estaduais dão risada e a polícia local apenas usa como forragem para piadas nos fins de semana. "Ele se abaixou e pegou outro castanha, como ele fez com a primeira.

"Ah", acrescentou Joe Andrews. "E depois há a captura de um pai no ato de

molestar sua filha de oito anos de idade, perto do caminho de pescaria. E o que eu ganho? A menina gritando comigo para deixar o pai dela em paz e, em seguida, um aviso da polícia local e estadual para não ser tão rude da próxima vez.

Então, sim... podemos ser egoístas de vez em quando.”

"A floresta ficou em silêncio, em seguida, silêncio quebrado apenas por um dos outros policiais locais, que fez um som de riso de desprezo e disse: "Sim. Autoridade. Certo.”

"Ambos os guardas florestais encararam o homem com um ódio extremo. Andrews deu um passo adiante, parecendo poder explodir de raiva. "Foda-se," ele simplesmente disse.

"Eu disse para *parar este absurdo,* " disse o oficial Smith. "Mais uma vez e cada um de vocês saíra daqui. Entenderam?”

"Aparentemente, sim.” A floresta caiu em silêncio novamente. Bryers deu um passo para atrás da fita com Mackenzie e quando todos os outros se ocupavam atrás deles, ele se inclinou para ela. Ela sentiu os olhos de Charlie Holt sobre ela e isso a fez querer socá-lo.

"Isso pode ficar feio," Bryers disse calmamente. "Vamos fazer o nosso melhor para sair daqui o mais rápido possível, o que você acha?"

Ela passou a trabalhar em seguida, analisar a área e tomar notas mentais. Bryers tinha saído da cena do crime e estava descansando contra uma árvore enquanto tossia em seu braço. Ela fez o seu melhor para não deixar que isso a distraísse. Ela manteve os olhos no chão, estudando a folhagem, o chão e as árvores. A única coisa que fazia pouco sentido para ela era como um corpo em tão mau estado tinha sido descoberto aqui. Era difícil dizer há quanto tempo o assassinato despejado o corpo; o solo em si não

mostrava sinais de um ato brutal.

Ela observou a localização dos cartazes que marcaram onde as diferentes partes do corpo tinham sido encontradas. Estava longe de ter sido um acidente. Se alguém despejou um corpo mutilado e colocou as partes tão distantes, mostrava intencionalidade.

"Oficial Smith, você sabe se houve quaisquer sinais de marcas de mordida de bichos selvagens no corpo?" Perguntou ela.

"Se houvesse, eles eram tão minúsculos que um exame de base não revelou nada. Claro que, quando a autópsia chegar saberemos mais."

"E ninguém em sua equipe ou da polícia local mudou o corpo ou os membros cortados?"

"Não."

"O mesmo aqui", disse Clements. "Guardas, e quanto a vocês?"

"Não", disse Holt com um desdém em sua voz. Ele agora parecia estar ofendido com quase tudo.

"Posso perguntar por que pode ser importante em termos de descobrir quem fez isso?" Smith perguntou a ela.

"Bem, se o assassino fizesse tudo aqui, haveria sangue por toda parte", explicou Mackenzie. "Mesmo acontecendo há muito tempo atrás, haveria pelo menos vestígios espalhados. E eu não vejo qualquer vestígio. Então, a outra possibilidade é de que ele talvez despeje o corpo aqui. Mas se esse é o caso, por que uma perna decepada estar tão longe do resto do corpo?"

"Não entendi ", disse Smith. Atrás dele, ela viu que Clements também ouvia atentamente, mas tentando não demonstrar isso.

"Isso me faz pensar que o assassino *se livrou* do corpo fora aqui, mas ele separou as partes tão distantes de propósito."

"Por quê?" Perguntou Clements, não foi capaz de fingir que não estava escutando.

"Pode haver várias razões", disse ela. "Poderia ter sido algo tão mórbido como apenas se divertir com o corpo, espalhando-os em torno como se fossem nada além de brinquedos com os quais ele estava brincando. Querendo chamar nossa atenção. Ou poderia haver algum tipo de razões calculados, pelo fato da distância, pelo fato de que era uma perna, e assim por diante."

"Sei", disse Smith. "Bem, alguns de meus homens já escreveram um relatório que tem a distância entre o corpo e a perna. Temos qualquer distância que você poderia pedir."

Mackenzie deu uma olhada ao redor de novo, para o grupo reunido de homens e na floresta aparentemente pacífica e fez uma pausa. Não havia nenhuma razão clara para se escolher este local. O

que a fez pensar que a localização era aleatória. Ainda assim, estar tão longe do caminho significava outra coisa. Isso indicava que o assassino conhecia essa floresta, talvez até mesmo o próprio parque, muito bem.

Ela começou a andar ao redor da cena, olhando mais de perto para achar vestígios de sangue seco.

Mas não havia nada. A cada momento que passava, ela se tornava mais e mais certa de sua teoria.

"Rangers," disse ela. "Existe alguma maneira de se ter os nomes das pessoas que frequentam o parque? Penso nas pessoas que vêm aqui muito e que conhecem bem a área."

"Não é verdade," disse Joe Andrews. "O melhor que podemos fazer é fornecer uma lista de doadores financeiros."

"Isso não é necessário," disse ela.

"Você tem uma teoria para testar?" Perguntou Smith.

"O assassinato estava em outro lugar e o corpo foi jogado aqui", ela disse, meio para si mesma. "Mas por que aqui? Estamos quase a uma milha de distância do caminho central e não parece haver nada de significativo nesse local. Isso me faz pensar que quem está por trás disso conhece as terras do parque

muito bem."

Ela teve alguns acenos enquanto explicava as coisas, mas teve a sensação geral de que eles duvidavam dela ou simplesmente não se importavam com a sua opinião.

Mackenzie virou-se para Bryers.

"Tudo bem?" Perguntou ela.

Ele concordou.

"Obrigada, senhores."

Todo mundo olhou para ela em silêncio. Clements parecia julgá-la.

"Bem, vamos lá então," Clements disse, finalmente. "Eu darei uma carona de volta para o carro."

"Não, está tudo bem," disse Mackenzie de um jeito um pouco rude. "Eu acho que eu prefiro andar."

Mackenzie e Bryers saíram, voltando pela floresta e para a pista de caminhada por onde Clements os tinha trazido.

Quando eles se afundaram de volta na floresta, os olhares das polícias estaduais, Clements e seus homens, e os guardas do parque estavam em suas costas, Mackenzie não podia resistir, apreciava a grande escala da floresta. Era estranho pensar nas infinitas possibilidades ali fora. Ela pensou sobre o que o guarda tinha dito, sobre os inúmeros crimes que ocorreram nessas florestas, e algo que lançou um arrepio gelado através do corpo dela.

Se alguém tinha abatido pessoas, como a pessoa que tinha sido descoberta dentro deste triângulo, *e* eles tinham um conhecimento bastante decente dessas florestas, praticamente não havia limites para a quantidade de ameaça que eles poderiam causar.

E ela tinha certeza de que ele iria atacar novamente.

CAPÍTULO SEIS

Mackenzie estabeleceu-se em seu escritório pouco depois das seis da tarde, exausta após aquele longo dia e começou a arrumar suas anotações para se preparar para o interrogatório que pediram sobre a missão dela na volta de Strasburg.

Alguém bateu na porta e ela olhou para cima para achar o Bryers, parecia tão cansado quanto ela, segurava uma pasta e uma xícara de café. Parecia que ele estava tentando esconder sua exaustão e, em seguida, ela percebeu que ele tinha deixado ela tomar as decisões no Parque Estadual, permitindo-lhe assumir a liderança com o Clements, Smith, Holt, e os outros homens egoístas lá na floresta. Isso, mais sua tosse, fez ela se perguntar se ele estava em declínio em sua carreira.

"O questionário está pronto"..

Mackenzie levantou-se e seguiu-o para uma sala de conferência no final do corredor. Quando ela entrou, olhou em volta para os vários agentes e peritos que compõem a equipe sobre o caso do Parque Estadual Little Hill. Havia sete pessoas e enquanto ela pensava, pessoalmente, que era muita mão-de-obra para um caso que começava, não era papel dela dizer tal coisa. Era papel do Bryers e ela estava simplesmente feliz por estar junto dele. Foi muito melhor do que ler sobre as leis de imigração e “nadar”

naquela papelada.

"Tivemos um dia agitado hoje," disse Bryers. "Então, vamos começar as coisas com uma breve recapitulação."

Se ele *estava* cansado quando entrou, o cansaço desapareceu. Mackenzie assistiu e ouviu com muita atenção como Bryers informou as sete pessoas da sala com o que ele e Mackenzie tinham descoberto na floresta do Parque Estadual Little Hill naquele dia. As pessoas na sala anotavam, alguns rabiscavam, outros digitavam em tablets ou smartphones.

“Uma coisa a acrescentar,” um dos outros agentes disse. “Eu recebi novidades cerca de quinze minutos atrás. O caso chegou oficialmente no noticiário local. Eles já começaram a chamar esse cara de Assassino do Camping.”

Um momento de silêncio tomou conta da sala, e interiormente, Mackenzie suspirou. Isso tornaria a vida muito mais difícil para todos eles.

“Cara, que rápido,” disse Bryers. “Droga de mídia. Como fizeram para colocar as mãos nisso tão rápido?”

”Ninguém respondeu, mas Mackenzie achava que sabia. Uma cidade pequena

como Strasburg estava cheia de pessoas que amavam ouvir o nome da sua cidade no noticiário, mesmo se fosse por causa de más notícias. Ela poderia pensar em alguns guardas do parque ou da polícia local que poderiam se encaixar nessa categoria.

“De qualquer forma,” Bryers continuou, implacável, “a última informação que recebemos veio do DP

do estado. Eles entregaram detalhes da cena do crime para análise forense. Sabemos agora que a perna decepada e o corpo estavam exatamente a dez metros e meio de distância. Nós, obviamente, não temos ideia se isso é significativo, mas nós investigaremos isso. Também—”

”Uma batida na porta o interrompeu. Outro agente correu para a sala e entregou uma pasta para Bryers.

Ele sussurrou algo rapidamente para Bryers e, em seguida, saiu.

“O relatório do legista do corpo mais recente,” disse Bryers, abrindo a pasta e olhando para dentro dela. Examinou-o rapidamente e, em seguida, começou a passar três folhas para a equipe ao seu redor.

“Como vocês verão, não havia marcas de predadores famintos pelo corpo, embora houvesse leves contusões ao longo das costas e ombros. Acredita-se que a perna e mão direita foram cortadas com uma faca bastante “cega” ou alguma outra lâmina grande. Os ossos pareciam ter sido mais quebrados do que

serrados. Isso difere do caso de dois anos atrás, mas é claro que poderia ser apenas porque o assassino não cuidou de suas ferramentas ou armas.”

”Bryers deu-lhes um momento para olhar para o relatório. Mackenzie mal o olhou, perfeitamente ok, confiando no resumo de Bryers. Ela já confiava nele e enquanto sabia o valor de arquivos e relatórios, não havia nada melhor do que um relatório verbal direto na opinião dela.

“Também sabemos agora o nome do falecido: Jon Torrence, vinte e dois anos de idade. Ele desapareceu cerca de quatro semanas atrás e foi visto pela última vez em um bar em Strasburg. Alguns de vocês terão a tarefa, não tão agradável, de falar com os membros de sua família hoje. Nós também buscamos algumas informações sobre a vítima de dois anos atrás. Agente White, você gostaria de

compor a equipe para trabalhar sobre o caso dessa vítima?”

Mackenzie tinha lido os detalhes em um documento enviado através do Oficial Smith e sua equipe do DP do estado durante a viagem entre Strasburg e Quantico. Ela memorizou os detalhes em dez minutos e, como tal, foi capaz de repeti-los para a equipe com confiança.

“O primeiro corpo era o de Marjorie Leinhart. Sua cabeça estava quase completamente separada do seu corpo. O assassino cortou todos os seus dedos e sua perna direita do joelho para baixo. Nenhuma das partes cortadas foram descobertas. No momento da sua morte, ela tinha vinte e sete anos de idade.

Sua mãe era o único familiar vivo, já que Marjorie era filha única e seu pai morreu enquanto estava no Afeganistão em 2006. Mas a Sra Leinhart suicidou uma semana depois de o corpo de sua filha ser descoberto. Pesquisas vigorosas revelaram apenas um outro parente—um tio distante que vive em Londres—que não sabe nada sobre a família. Não tinha namorado e os poucos amigos que foram questionados todos estavam fora de suspeita. Portanto, não há literalmente ninguém para se interrogar lá.”

“Obrigado, agente White. Então, você já sabem. Isso é tudo o que temos por agora. Então eu quero alguns de vocês para saber detalhes da família, um ou dois de vocês para ajudar com a parte forense, e alguém para descobrir quaisquer crimes violentos no Parque Estadual ou arredores ao longo dos últimos vinte e cinco anos, mais ou menos. Alguém tem alguma coisa a acrescentar?”

“Isso poderia ser ritualístico,” um dos agentes mais velhos sugeriu. “Um desmembramento com tal competência é característico de assassinatos ritualísticos. Eu estou interessado em ver se houve algum relatório sobre satanismo ou cultos parecidos ao redor ou em Strasburg.”

“Bem pensado,” disse Bryers, fazendo uma breve anotação em um de seus papéis.

Mackenzie levantou a mão. Alguns dos agentes dentro da sala—todos experientes e condecorados reviraram seus olhos. *Claro que você tem algo a acrescentar,* todos pareciam pensar.

“Sim, agente White?,” Perguntou Bryers. Ele lhe deu um pequeno sorriso enquanto o resto da sala olhava para ela.

“Analisando arquivos de alguns casos antigos que o DP do estado enviou, eu encontrei um caso documentado de um rapto de criança exatamente nos arredores de Little Hill, dezenove anos atrás. Um menino chamado Will Albrecht. Ele foi levado bem debaixo do nariz de seus pais. Quando os pais foram questionados, eles afirmaram que o filho gostava de andar de bicicleta nos arredores das trilhas em Little Hill. A conexão é sutil na melhor das hipóteses, mas penso que vale a pena.”

“Absolutamente,” disse Bryers. “Você pode garantir que todos na equipe recebam esse arquivo?”

“Eu posso,” disse ela, já puxando o e-mail em seu telefone.

“E por que isso seria relevante?” Perguntou outro agente.

Nunca se dispensa algo assim em um desafio, Mackenzie respondeu de imediato. “Eu estou trabalhando na teoria de que quem fez isso conhecia bem a área. Para despejar aleatoriamente um corpo em um lugar tão imprevisto demonstra um certo conhecimento da floresta. Mostrado no caso da Marjorie Leinhart dois anos atrás e que se sustentará mais tarde.”

“Eu ainda não vejo como isso tem relação com um sequestro,” outro agente disse.

“Para pegar uma pessoa enquanto seus pais estavam muito perto e fugir com ela... Você tem que conhecer bem o local. Eles nem sequer chegaram *perto* de encontrar o raptor.”

Isso, aparentemente, deu-lhes o suficiente para pensar a respeito. Ela ganhou alguns gestos de apreciação, mas a maioria deles na sala simplesmente olharam para os seus telefones ou para a mesa na frente deles.

“Mais alguma coisa?” Perguntou Bryers. Enquanto esperava por uma resposta, ele soltou uma tosse forte contra a parte interna do seu braço, na região do cotovelo.

“É isso então,” disse Bryers após três segundos de silêncio. “Vamos começar a trabalhar e pegar o assassino.”

A equipe começou a murmurar e sussurrar animadamente enquanto saíam.

Mackenzie ficou para trás, curiosa para ver se Bryers precisava de algo mais antes de terminar o dia.

“Você sabe,” disse Bryers. “Eu mandar alguém investigar o rapto que você mencionou. Se isso não der em nada, você fará um inimigo ou dois.”

“Então, tudo é uma questão profissional, como sempre?”

“Eu acho que sim,” disse ele com um sorriso. “Mas você sabe... Talvez seja melhor que você e eu fiquemos com esse detalhe. Nós vamos dirigir de volta até Strasburg amanhã e matar dois coelhos com uma cajadada. Também vamos falar com a família de Jon Torrence. Disposta para outra viagem para o interior?”

CAPÍTULO SETE

Eles chegaram em Strasburg pouco depois das nove horas da manhã e enquanto se dirigiam para a cidade, Mackenzie pensou que ela podia entender o charme de um lugar como este. Estar tão profundamente enraizada na história parecia, para ela, um pouco bobo no começo. Mas havia também algo rústico e respeitável sobre isso. Bandeiras americanas penduradas em quase toda parte (juntamente com bandeiras confederadas aqui e ali, um modelo de cidade pequena da Virgínia, ela supôs) e um monte de empresas locais tinham nomes de tropas da guerra civil.

Mackenzie sabia que era uma armadilha tola pensar que os assassinos mais dementes vinham desses tipos de cidade fora de suspeita. Estatísticas mostravam que um assassino louco tinha a mesma probabilidade de sair de Nova York ou Los Angeles, assim como de uma pequena cidade deserta da Virgínia. Ainda assim, havia algo calmo e um pouco melancólico sobre uma cidade como esta—uma cidade onde tudo parecia perfeito ao passar, tornando-se fácil esquecer que havia segredos obscuros, possivelmente, se escondendo atrás de cada encantadora e pequena porta da frente.

Eles finalmente chegaram na entrada da garagem dos Torrences e Mackenzie sentiu um nó no estômago. Mackenzie tinha ligado anteriormente, enquanto estavam a caminho e falou com Pamela Torrence, a mãe de Jon. Ela parecia contente de falar com alguém que poderia ajudar e Mackenzie viu a evidência disso quando a porta da frente da pequena casa se abriu e Pamela saiu antes mesmo de Bryers estacionar o carro.

Eles se encontraram com ela na varanda da frente e fizeram apresentações rápidas. Ficou claro que Pamela Torrence não tinha conseguido dormir muito nos últimos dias. Seus olhos pareciam atordoados e havia marcas vermelhas na parte de baixo deles. Ainda assim, ela estava tentando parecer o mais normal possível quando acolheu Mackenzie e Bryers em sua casa.

Quando os levou para a sua pequena sala de estar, Mackenzie viu mais estereótipos de uma família americana de cidade pequena. Havia fotos de crianças nas paredes e nas mesas. Uma imagem que Mackenzie viu parecia ser o adolescente Jon Torrence, na opinião dela, sorrindo brilhantemente em seu uniforme escolar de futebol.

“Obrigada por ter vindo,” disse Pamela.

“Disponha,” respondeu Mackenzie. “Quando falei com você ao telefone, você disse que o seu marido estava aqui. Ele ainda está aqui?”

“Não,”disse ela. “Tem sido demais para o Ray. Quando soube que você estava vindo, ele começou a chorar. Levantou-se, pegou o seu rifle e saiu para caçar.”

Mackenzie não achou que foi a melhor ideia, mas ela não disse nada. Quem era ela para questionar as maneiras pelas quais os pais de um jovem recentemente morto escolheram para se lamentar?

“Então o que você pode nos dizer sobre Jon?” Perguntou Mackenzie.

Pamela encolheu os ombros e tentou dar um sorriso que não parecia como se pertencesse ao seu rosto cansado. “Ele era um bom garoto. Um garoto quieto. Ele estava trabalhando meio período na Gino’s Pizza e tendo aulas na faculdade da comunidade. Ele estava apenas em seu segundo ano. Ele começou tarde. Ele estava sempre com medo de ir para a faculdade. Ele finalmente se convenceu disso depois que a garota que ele tinha namorado por três anos se mudou depois de se formar na Virginia Tech.”

“O que ele fazia para se divertir?” Perguntou Bryers.

“Ele tinha começado a correr. Ele participou desses pequenos eventos aqui e ali —corridas de cinco quilômetros na luta contra o câncer da mama, levantamentos de fundos para a igreja, coisas assim. Ele estava de olho em uma dessas maratonas loucas na montanha que acontecerá no início do próximo ano.

Ele estava treinando para isso.”

“Ele corria em Little Hill com frequência?” Perguntou Mackenzie.

“Ah, sim,” disse Pamela. “Era o seu lugar favorito. Ele adorava correr lá. Ele ia pelo menos duas vezes por semana.”

“O que você pode nos dizer sobre a garota que terminou com ele?’, Perguntou Mackenzie. “Havia ainda uma amizade após o término?”

“Eu acho que não,” disse Pamela. “Se houvesse, ele teria me dito.”

“Você acha que isso é algo que ele poderia ter falado com seu marido a respeito?” Perguntou Bryers.

“Provavelmente não,” disse Pamela. “Jon e Ray nunca foram próximos. Eu acho que é uma das razões pelas quais Ray está lidando com a situação de forma tão difícil. Muito arrependimento…”

“Você disse que Jon estava trabalhando meio período e frequentando a faculdade da comunidade,’

disse Mackenzie. “Ele ainda morava aqui ou ele tinha um lugar para morar sozinho?”

“Ele estava vivendo aqui”, disse ela. “Ele estava tão envergonhado. Nunca pedimos para ele nos pagar um aluguel, mas ele nos dava o que podia, todo mês.”

“Você se importaria se nós déssemos uma olhada no quarto dele?”

“Fiquem à vontade.”

Pamela os levou ao porão parcialmente concluído. A área que tinha sido terminada consistia em um banheiro e um quarto bastante espaçoso. Mackenzie e Bryers entraram para o que era claramente o quarto de um homem mais velho e recentemente despejado. Um iPod estava no chão com algumas revistas ao redor dele; as revistas todas pareciam estar relacionadas com armamento para a caça. Roupas sujas estavam espalhados aqui e ali e a cama estava uma bagunça.

Uma TV no topo de uma pequena cômoda. Um Xbox e vários jogos e filmes ao lado dele. Ela viu alguns títulos de comédia romântica ao lado de jogos como *Halo* e *Call of Duty.* Ela também viu alguns desenhos rabiscados. Ela os folheou e viu alguns esboços bastante inocentes de nudes, representações de veados e rifles e algumas tentativas de desenho do rosto de uma mulher. Mackenzie se perguntou se era o rosto de sua ex-namorada.

“Ele era um grande caçador como o seu marido?” Perguntou Mackenzie, acenando para as revistas.

"Ele costumava ser. Era a única coisa que eles tentavam fazer juntos. Mas eles nunca ficaram íntimos, sabe? Ray e alguns de seus amigos de caça sempre zombaram dele por ir para a faculdade, por gostar de arte no ensino médio, por ser fiel à uma garota. Esse tipo de porcaria machista. No início deste ano, houve uma briga séria entre Jon e um dos outros caras no grupo de caça.”

“Que tipo de luta?” “Socos para todo lado”, disse Pamela. “Acho que o Ray sentiu que tinha que fazer uma escolha entre os seus amigos e um filho que ele nunca tinha olhado nos olhos. Ele escolheu seus amigos. E isso está matando ele pouco a pouco

agora.”

“Você sabe o nome do cara com quem o Jon brigou?” Perguntou Mackenzie.

Pamela revirou os olhos. “Curtis Palmer,” ela disse com os dentes cerrados. “Um idiota de primeira classe, se algum dia já existiu um. Ele fez isso há algum tempo. Batia na sua esposa e no filho, fazendo eles deixarem a cidade. Esse tipo de coisa.”

”Mackenzie e Bryers trocaram um olhar que Pamela pareceu captar. “Eu poderia lhes dar o endereço se precisarem dele,” disse ela.

“Sim, eu acho que pode ser útil”, disse Mackenzie.

“Eu vou subir e anotá-lo para vocês. Fiquem à vontade aqui.”

Quando Pamela estava voltando para subir as escadas, Bryers passou por jogos e filmes. “O que você acha?” Perguntou.

“Eu acho que Jon Torrence teve uma vida difícil e estava no lugar errado na hora errada. Acho que

podemos fazer alguns registros para ver se existem conexões, talvez entre a ex-namorada e a primeira vítima, mas duvido que algo aparecerá. Eu acho que Jon era apenas uma vítima, pura e simples.”

“Você sabe o que me incomoda?” Perguntou Bryers.

“O quê?”

“O rapto de Will Albrecht dezenove anos atrás. Eu acho que é o nosso coringa.”

“Eu sinto o mesmo. Talvez a gente devesse cruzar as referências de nomes de sua família e amigos dos familiares com os nomes desta confusão atual.”

Eles subiram, onde Pamela estava esperando com um papel post-it. Ela também segurava seu telefone celular na mão. Ela estava franzindo a testa ao olhar o celular quando entregou o post-it com o endereço de Curtis Palmer.

“Aqui está,” disse ela.

“Você está bem, Sra Torrence?” Perguntou Bryers.

“Acho que sim,” disse ela. Ela, então, mostrou para eles o seu telefone. Seu aplicativo do Facebook estava aberto e mostrou um título que Mackenzie assumiu ser um canal das notícias locais que alguém compartilhou em sua linha do tempo. A manchete dizia **Há um Assassino no Camping de Strasburg?** Um vídeo estava logo abaixo, mas Mackenzie não tinha interesse em vê-lo. O título foi mais do que suficiente.

A mídia estava se metendo profundamente agora. Isso significava que ela tinha que trabalhar rápido para levar este caso ao fim antes que sua cena do crime, atualmente tranquila de um parque estadual, se tornasse um circo da mídia.

“Como você tem certeza de que você vai encontrar o homem que fez isso com Jon?” Perguntou Pamela.

“Eu não posso dar certezas,” disse Mackenzie.

Pamela concordou. “Eu entendo, suponho. Mas se você puder terminar antes que isso se transforme em manchetes nacionais e o rosto do meu filho apareça em todos os canais de TV, eu agradeço.”

“Esse foi o comentário final quando Mackenzie e Bryers saíram. Enquanto se dirigiam de volta para o carro, Mackenzie parou por um momento para assistir a uma van cruzando a rua. Na lateral, as letras do nome de um jornal soaram como uma sirene.

Mackenzie sacudiu a cabeça quando entraram no carro e foi na mesma direção da van do jornal.

CAPÍTULO OITO

O endereço que a Pamela Torrence lhes tinha dado os levou para os arredores de Strasburg. Algumas estradas secundárias os levaram para longe da cidade e eles foram para uma série de estradas mantidas pelo condado. Essas eram estradas sem demarcação sem qualquer faixa ao longo do centro ou dos lados, eram apenas tiras de asfalto que os levavam mais profundamente para a floresta ao redor da cidade. Ao longo do caminho, Mackenzie notou vários portões fechados ao lado da estrada, protegendo o que pareciam ser caminhos de terra que levavam a

um caminho de volta ainda mais interno dentro da floresta. A maioria destes portões tinham uma placa **NÃO ENTRE! PROPRIEDADE DE** e, em seguida, nomes de vários clubes de caça.

“Bem, isso certamente diminui o encanto da vida de cidade pequena, não é?”, Perguntou Bryers.

Mackenzie não tinha tanta certeza. Da mesma forma como as cores das folhas em Little Hill, esta pequena excursão rural também tinha capturado a sua atenção. Era como a apreciação de uma paisagem oceânica—a beleza e a majestade daquilo eram tão grandes que, às vezes, era fácil esquecer o quão enorme e crescente aquilo era.

“Você está bem?” Bryers perguntou a ela.

“Sim”, disse ela. “Apenas perdida em meus pensamentos. E você? Você parece estar com alguma coisa lhe incomodando.”

“Ah, apenas uma maldita gripe. Eu não gripo com frequência, mas quando acontece, fico muito mal.”

Cinco minutos mais tarde, eles chegaram ao que ela pensou ser uma garagem. Havia indícios de cascalho nela mas tinha principalmente sujeira. A caixa de correio que ficava do outro lado da estrada continha números pintados com spray e identificavam o endereço como o de Curtis Palmer. A entrada suja de automóveis era curta, chegando ao fim em um ponto onde era difícil dizer onde a calçada terminava e a grama morta do gramado começava. Eles pararam ao lado do mal cuidado caminhão que já estava estacionado lá. A casa caindo aos pedaços estava na frente deles. Essa casa precisava muito de uma pintura e a varanda parecia que poderia cair se uma brisa forte passasse. Uma velha pickup Ford estava ao lado da propriedade, juntamente com várias ferramentas enferrujadas antigas e algumas latas de cerveja amassadas descartadas.

Quando Mackenzie e Bryers saíram do carro, um cão de caça velho veio trotando ao redor do lado da casa. Parecia quase desnutrido e soltou um latido doente para os agentes. Ele começou a cheirar o chão e, em seguida, sentou-se preguiçoso sobre uma pilha sob a borda da varanda.

“Agora *isso”,* Mackenzie disse, “*isso* diminui o encanto da vida da cidade pequena.”

“Pode crer que sim”, disse Bryers.

Eles caminharam em direção à entrada e o cão começou a latir novamente, agora mais parecia um grito de dor. Ele, aparentemente, não estava muito preocupado; permaneceu onde estava, observando-os com leve interesse do seu “poleiro” ao lado da varanda.

Assim que Mackenzie chegou ao primeiro dos degraus da varanda, a porta da frente da casa se abriu.

Curtis Palmer saiu para a varanda, a encarnação humana de sua casa. Ele estava vestindo um jeans rasgado com furos em ambos os joelhos e nada mais. Seu peito parecia côncavo em comparação com sua barriga redonda de cerveja. Seu rosto estava parcialmente coberto por uma coisa que mal se podia chamar de barba. Seu cabelo bastante grisalho era descontroladamente espetado e caia até quase cobrir os olhos. Ele estava segurando uma lata de cerveja na mão esquerda e o polegar da mão direita engatado em uma alça da cintura da calça jeans.

“Quem diabos é você?”, Perguntou.

Não foi a melhor das boas-vindas e Mackenzie quase salientou que nem era meio-dia ainda, e ali

estava ele, bebendo uma lata de cerveja. Desde a aparência da propriedade e sua barriga de cerveja, ela duvidava que este fosse um fato raro.

Bryers aparentemente se ofendeu com a maneira como eles estavam sendo recebidos e talvez até mesmo quis proteger um pouco Mackenzie. Ela entendeu que era por isso que ele deu um enorme passo para ficar na frente dela e mostrar seu distintivo para Curtis Palmer.

“Eu sou o Agente Bryers e esta é a Agente White, somso do FBI”, disse ele. “Esperamos que você possa responder algumas perguntas.”

“FBI?” Disse Curtis, pronunciando as letras lentamente. “Vocês estão de sacanagem comigo?”

“Não, senhor”, disse Bryers.

Curtis não fez absolutamente nenhum esforço para esconder o fato de que ele estava reparando demais em Mackenzie. Quando ele deu um sorriso torto ao terminar, ela deu um passo para a varanda para compensar o que Bryers tinha dado.

“Não, não estamos de sacanagem com você”, disse Mackenzie. “Esperamos que você possa responder algumas perguntas sobre a morte de Jon Torrence.”

“O filho de Ray, certo?”, Perguntou Curtis.

"Está certo. Você já ouviu falar sobre o que aconteceu, eu presumo?”

‘Sim’, disse Curtis. “Eu sinto muito por Ray e sua esposa. Mas eu não sei por que você iria perder seu tempo vindo para falar comigo.”

‘Nós sabemos que você e Jon chegou às vias de fato a não muito tempo atrás’, disse Mackenzie.

‘Nós brigamos. Mas isso não significa que eu o matei.’

“Nós não estamos sugerindo isso” Mackenzie disse, esperando tentar encontrar uma abertura para uma conversa civilizada.

‘Então, o que você está sugerindo?’, perguntou ele, claramente tentando irritá-la. Mackenzie olhou para ele e tinha certeza que se ela o pegasse de novo olhando para a forma dos seus seios através de sua blusa, ela daria um soco naquele filho da puta.

“Estamos apenas sugerindo que um homem que bateu no jovem filho de seu amigo de caça *e* terminou seu casamento por espancar esposa e filho pode ser objeto da nossa investigação. Vale a pena conferir.”

‘Vá para o inferno’, disse Curtis. Ele engoliu um enorme gole de cerveja, amassou a lata na mão e atirou-a para baixo na direção dos pés de Mackenzie.

“Você entende que nós podemos prendê-lo, não é?” Perguntou Bryers.

“Por quê?”

“Por não cooperar com uma investigação” Bryers respondeu de volta.

Mackenzie sabia que isso seria uma consequência possível, mas duvidava que Curtis Palmer soubesse. Ele olhou para eles com uma carranca antes de dizer: “O que você precisa saber?”

“Para começar,” Mackenzie perguntou: “Quantas vezes você caçou com Jon e Ray Torrence.”

“Eu não sei. Talvez duas ou três vezes durante a temporada de cervos. Eu costumo fazer minha própria caça. Eu só entro para o clube de caça para que eu possa caçar em certas terra de outras pessoas.

Eu não sou um grande fã de *grupos.”*

Que surpresa enorme, pensou Mackenzie. Mas para espantar esse pensamento, ela perguntou: “Você se lembra o motivo da briga entre você e Jon?”

“Não. Mas olhe... se você quiser que eu seja sincero, eu não gostava do garoto. Parece maldoso dizer isso agora que ele está morto, mas é a verdade. Ele era irritante. Não tinha nada para ele fazer na floresta com uma arma.”

‘E por que não?’ Perguntou Mackenzie.

“Ele nunca prestou atenção. Ele estava sempre distraído ou tentando fazer piadas. Eu não acho que o

merdinha pegou um único cervo. Ele só estava lá fora, fingindo. Ele disse algo para mim um dia sobre eu estar sempre bebendo, eu acho. Eu me ofendi e dei um soco nele. Tenho certeza de que você não pode me prender depois de nove ou dez meses que isso aconteceu, pode?”

‘Como você conheceu o Ray?’ Perguntou Bryers. “Você gostava dele mais do que do Jon?”

“Ray é um camarada do bem. Como eu disse, eu sinto muito por ele ter perdido o seu filho, mas isso não é problema meu.”

‘Você nunca foi para o parque Little Hill?’ Perguntou Bryers.

Foi o olhar que Curtis deu para eles que fez Mackenzie perceber, sem dúvida, que Curtis Palmer se sentia culpado de um monte de coisas, mas o assassinato de Jon Torrence não era uma delas.

“Para quê?”, Perguntou. “Há uma boa terra por lá, mas os guardas florestais de merda de lá pensam que são os GI Joe. Não cace. Não ultrapasse. Então é um terreno inútil para mim.”

Mackenzie deu um aceno de cabeça e afastou-se. “Obrigada pelo seu tempo, Sr. Palmer”, disse ela.

Curtis Palmer fez um barulho sarcástico bufando em resposta. Mackenzie não se incomodou em olhar para trás uma única vez quando voltou para o carro. Quando ela abriu a porta do lado do passageiro, Bryers aproximou-se dela e olhou-a com um pouco de decepção.

“Só isso?” Perguntou.

"Sim. Ele é um canalha, mas ele não é um assassino. Sem chances.”

Bryers deu de ombros e olhou para trás para a varanda, onde Curtis já tinha entrado.

“Sim, eu concordo. Certamente valeu a pena conferir.

Com isso, Bryers voltou ao volante do carro. Quando ele acionou o motor, o velho cão começou a uivar novamente, mas não quis ficar de pé. Quando o Bryers saiu para a estrada de terra, Mackenzie pegou o telefone e escolheu um número que ela tinha recentemente programado.

O telefone tocou duas vezes em seu ouvido antes de ser respondido.

“Oi, Xerife Clements? É Mackenzie White. Eu queria saber se você tem tempo para falar.”

“ Sim, eu tenho alguns minutos. O que posso fazer por você?”

“Nós estávamos na cidade para falar com Pamela Torrence e pensei que acompanharíamos um dos arquivos nos documentos do DP do estado enviados ontem à tarde.”

‘Que arquivo é esse?’, perguntou Clements.

“O aparente sequestro de Will Albrecht,’ Mackenzie disse. “Tínhamos planejado falar com os membros da família enquanto estávamos aqui hoje e descobrimos que não havia nenhum parente aqui.”

“Sim, isso soa correto”, disse Clements. “Depois que o Will desapareceu e o caso foi tido como encerrado, os Albrechts deixaram a cidade. A última vez que ouvi sobre eles estavam em algum lugar na Califórnia com a família paterna.

“O quão envolvida está a polícia do estado nesse caso?’

‘Não muito fortemente’, disse Clements. “Só quando a imprensa começou a cobri-lo. Tenha em mente

... Eu tinha uma posição muito baixa na época. Eu acho que eu tinha cerca de dois ou três anos como policial, quando Will Albrecht desapareceu. Lembro-me de detalhes escassos, mas nada sólido.”

‘E para o seu conhecimento, ele nunca foi encontrado?’ Perguntou Mackenzie. “Vivo *ou* morto?”

“Não que eu saiba.”

“Você acha que o seu desaparecimento pode estar ligado a esses assassinatos de alguma forma?”

‘Provavelmente não’, ele respondeu depois de pensar. "Por quê? Você acha?”

‘Eu não tenho idéia’, disse Mackenzie. ‘Mas dado o pouco que sei sobre o caso, isso tem que ser considerado.’

“Se você vai ficar por aqui alguns minutos, eu farei uma chamada para saber sobre os registros e vejo se posso lhe repassar tudo o que temos a respeito. Venha em breve para a delegacia e verei se posso

pegá-los para você.”

Eles terminaram a chamada e Mackenzie teve a sensação de que ela teria ganhado a confiança de Clements. Ou ele estava muito mais útil e menos irritante ao telefone.

Lá fora, à tarde se transformou em noite enquanto se dirigiam para o DP de Strasburg na esperança de que um arquivo de quase vinte anos atrás revelaria algumas respostas para o que a mídia grosseiramente chamava de o caso do Assassino do Camping.

CAPÍTULO NOVE

Mackenzie sentiu como se estivesse vivendo uma reprise, quase como Bill Murray em *Groundhog Day.* Eram quase sete horas quando Mackenzie finalmente chegou em casa naquela noite. Enquanto a viagem para Strasburg não era tão longa, as quatro horas totais de condução não apenas pareciam um desperdício, mas também eram surpreendentemente desgastantes.

Ela levou apenas vinte minutos para tomar banho, fazer um sanduíche e tomar uma cerveja antes que de abrir a pasta de arquivo que ela pegou do DP de Strasburg. Clements demonstrou um grande orgulho em entregá-la, quase como se ele estivesse dando-lhe as chaves para um reino que ela desconhecia.

A pasta continha mais de vinte páginas detalhando o desaparecimento de Will Albrecht dezenove anos atrás. Ela as leu no carro com Bryers ao volante, mas

não tinha sido capaz de se concentrar totalmente.

Ela se debruçou sobre elas agora, na solidão silenciosa de sua cozinha, comendo seu jantar simples e analisando os detalhes do caso.

O material na pasta contou uma história simples, mas triste.

Will Albrecht tinha desaparecido aos sete. Seus pais, na época, viviam a meia milha de distância do parque Little Hill. Quase todo fim de semana, eles faziam uma caminhada até o parque para caminhar, pescar ou fazer um piquenique. Quando Will aprendeu a andar de bicicleta, ele passou a levá-la com eles, pedalando pelas trilhas pavimentadas e testando suas habilidades nas trilhas mais irregulares.

Um dia, quando os Albrechts tinham ido ao parque com planos para fazer um piquenique e uma pesca depois, Will se distanciou demais à frente deles em uma das trilhas. De acordo com Mary Albrecht, Will foi seguindo um pequeno meio-fio que descia um morro. Ele estava lá em um momento e, em seguida, gritou de alegria quando a bicicleta desceu a colina. Ela o chamou uma vez antes que Stan, seu marido, balançasse a cabeça e dissesse que eles deveriam deixá-lo se divertir.

Vinte segundos depois, quando chegaram no fim da colina, Will tinha sumido, Will estava longe de ser encontrado. Eles procuraram à frente por mais alguns metros (os relatórios policiais dizem exatamente 18

metros) antes de encontrar a bicicleta de Will. Ela estava virada, o guidão estava quase completamente torcido.

Sua primeira preocupação era que ele tinha perdido o controle e caiu longe da bicicleta. Mas uma rápida pesquisa da área arborizada em torno da trilha não confirmou isso. Eles procuraram em vão por quinze minutos antes de voltar para o centro de boas-vindas para usar o telefone de lá. Levou vinte e cinco minutos para o primeiro policial chegar. Dentro de uma hora, mais cinco chegaram.

Dentro de oito horas, houve uma busca por Will Albrecht em toda a cidade.

Seu corpo nunca foi encontrado e embora a investigação tenha prosseguido por boa parte do ano, nenhum fragmento de evidência jamais foi encontrado para sugerir o que poderia ter acontecido. Nenhum vestígio de sangue ou crime. Nenhum vestígio de que ele havia se machucado, batido a cabeça, e

simplesmente andou pela floresta. Para todos, Will Albrecht tinha simplesmente desaparecido.

Não havia nada nos relatórios que Mackenzie poderia além dos nomes dos oficiais do caso. Ela tinha copiado estes contatos e planejava usá-los se ela continuasse sentindo que o rapto estava de alguma forma relacionado com os assassinatos.

Ela fez o seu melhor para colocar-se na posição de alguém que não só rapta crianças, mas também mata pessoas, esquartejando elas de forma significativa, e em seguida, espalhando os restos em um parque estadual. Despejar os restos na propriedade do governo era um ato corajoso. Reforçava ainda mais sua teoria de que o assassino conhecia bem a área—um local ou alguém com um conhecimento quase íntimo do parque.

Vinte segundos, pensou. *Isso é tudo o que levou para o sequestrador abocanhar o Will e fugir para*

longe o suficiente na floresta a esconder-se.

Algo sobre esse cenário a enervava. Vinte segundos... houve planejamento, sabia-se exatamente onde para pegar o Will, e como fugir sem alarde.

Isso a fez pensar que eles não estavam procurando apenas qualquer assassino. Eles estavam à procura de alguém que planejou e era mais esperto do que um criminoso comum.

Isso também a fez pensar que, se Will Albrecht *estivesse* ligado aos assassinatos mais recentes, ele estaria morto. Ele provavelmente teria morrido dentro de algumas horas depois de ser sequestrado.

Mackenzie se perguntou se pedaços de seu corpo tinham permanecido na floresta, em algum lugar fora dos perímetros de busca. Perguntou-se se os seus ossos ainda estavam lá, limpos de carne e músculo, graças aos animais da floresta.

Era uma maneira mórbida de pensar, mas se ela estava entrando na mente de um assassino cruel, seus pensamentos se retorceriam. Para cortar dedos, cabeças e pernas... há algum tipo de desequilíbrio mental, mas também paciência e determinação.

Ela tentou chegar a um rápido perfil em sua mente. Provavelmente um homem. Não muito forte fisicamente, mas bastante rígido em termos de resistência mental. Até agora não parecia haver nenhuma conexão entre Jon Torrence e Marjorie Leinhart, então o assassino pode estar selecionando as vítimas aleatoriamente. A única ligação que podia ver era o parque Little Hill Se o alvo era bastante amplo.

Com um suspiro, ela se afastou de sua mesa de cozinha. Depois de ler o material por mais de uma hora, tentando encontrar algo substancial, ela percebeu que estava ficando tarde, mas ela não estava cansada. Ela parecia ter um pouco mais de adrenalina ainda correndo em suas veias.

Ela precisava afastar-se da papelada por um tempo. Ela precisava dar à sua mente uma pausa. Ela precisava fazer algo normal. Ela foi rapidamente começando a entender que ela tinha que colocar esforço extra para se certificar de que se lembrava que *tinha* algo normal em sua vida por trás do véu da sua identidade como um agente. Claro, parte da normalidade da sua vida estava ligada ao FBI.

E, embora parte dela queria chamar Harry para tomar uma bebida, ela optou por não fazer isso. Ela não queria confundi-lo ainda mais e ela certamente não queria se distrair do caso com suas perguntas intermináveis e sutilezas não tão sutis sobre o quanto ele queria dormir com ela.

Então ela ligou a TV e assistiu às notícias locais e nacionais. Ela sentou-se em frente à TV por uma hora, passou os canais de notícias e ficou aliviada ao descobrir que ela não viu qualquer menção do Assassino do Camping. Perguntou-se, porém, se isso seria diferente na parte da manhã. Ela sabia que a mídia agia rapidamente e que más notícias tendem a se espalhar mais rápido.

Com a sensação de estar sendo empurrada por um relógio que ela não podia ver, ela finalmente foi para a cama. Quando ela fechou os olhos, viu a floresta do parque Little Hill. Ela imaginou um menino andando de bicicleta ao longo do meio-fio e, em seguida, imaginou o vazio de vinte segundos do ponto de vista dos pais.

Foi essa imagem angustiante que se instalou em sua mente enquanto ela gradualmente adormeceu.

***

Mackenzie estava de pé em um grande campo aberto. A grama balançava como o mar, chegando até os seus joelhos de menina de sete anos. Seus pais estavam sentados ao lado dela na grama. Seu pai foi lentamente desenrolando uma pipa que parecia nadar no vento sobre suas cabeças. Foi lá no alto, tão alto que Mackenzie pensou que poderia realmente tocar o sol.

“Pode ir mais alto, papai?” Ela perguntou com uma risadinha.

“Eu não sei, Mac”, disse ele. “Estamos quase sem linha. Mas você pode vir aqui e segurá-la, se

quiser.”

Ela balançou a cabeça e correu para o seu pai. Ela pegou o carretel e sorriu com a sensação do vento puxando a pipa. Ela começou a rir descontroladamente.

“Olha, papai! Eu consigo!”

Ela começou a dançar ao redor e quando o fez, a bobina caiu de suas mãos. Ela foi rolando pela grama alta, a pipa foi puxada e o vento começou a levá-lo embora, descontroladamente.

“Opa!”

Ainda rindo, ela correu atrás dela. Quando ela alcançou a pipa e colocou a mão para baixo, porém, ela estava em tal estado de pânico de perder a pipa que ela quase pisou no coelho espalhado na grama.

Ela soltou de um pequeno grito e saltou para trás.

“O que é isso?” Perguntou o pai. Sua mãe estava bem atrás dele, preocupada.

Os três olharam para o coelho. Era pequeno, mas não era bem um bebê. O corte enorme ocupava a área onde o seu estômago estava. Havia sangue e músculos aparentes. A grama ao redor dele estava manchada de sangue. Ele contraiu suas pernas traseiras inutilmente e olhou congelado para os três seres humanos.

“O que há de errado com ele?”, Perguntou Mackenzie.

“Ah, querida...”, disse sua mãe.

“Parece que um outro animal o pegou. Talvez uma raposa.”

‘Brutal’, disse Mackenzie. Ela então olhou o coelho bem de perto. “Está doendo, não é?”

“Sim, parece que sim.” Ele parecia pensar muito sobre alguma coisa e, em seguida, disse: “Talvez você devesse se virar. Eu posso ajudá-lo.”

‘Como?’

A mãe dela colocou um braço ao redor e virou. "Vamos lá", disse ela. “Vamos pegar a pipa.”

Mackenzie assentiu e começou a se afastar de seu pai e do coelho. Ainda assim, ela ouviu um crack, como se algo tivesse quebrado. Mais tarde na vida, ela entendeu que este tinha sido seu pai quebrando seu pescoço, eliminando o sofrimento do animal.

Sua mãe a levou do campo, em direção a uma pipa, que na vida real ficou presa em uma árvore, ela viu Bryers em pé no campo. Ele tossia muito e parecia fantasmagoricamente pálido.

“Isso é chamado de morte de misericórdia”, disse Bryers entre tosses.

Ela voltou para onde seu pai se levantou e viu que ele estava segurando o coelho nas mãos. Ele aproximou-se lentamente, oferecendo o cadáver para ela.

Ela gritou em seguida, um grito que rasgou o sonho e Mackenzie acordou, ainda gritando.

Mackenzie sentou, respirando com dificuldade. Ela não se incomodou em tentar voltar a dormir. Ela não conseguia se lembrar de ter um pesadelo terrível assim antes. Como o sonho costumeiro com seu pai morto em sua cama, este sonho também tinha usado uma memória de sua infância como base. A cena no campo tinha realmente acontecido quando ela tinha sete anos. Tudo no sonho foi preciso até o momento depois que ela ouviu a quebra do pescoço do coelho.

Tudo o resto tinha sido simplesmente o combustível do pesadelo.

Ela pensava sobre o coelho maldito de vez em quando. Ele entrou em seus

sonhos por um tempo, quando era uma criança, e nas noites em que os sonhos realmente a assombravam, ela acordava, certa de que havia um coelho quase morto mancando no chão do seu quarto.

Quando ela saiu da cama e voltou para a cozinha para olhar as anotações novamente, eram 04:45. Ela colocou um pouco de café, fritou alguns ovos e foi trabalhar.

Para despertar-se, ela começou a anotar os detalhes do caso em um bloco de notas. Foi um exercício que usava desde o ensino médio, uma maneira de memorizar coisas e achar o significado que pode estar

escondido no mais simples dos problemas.

Jon Torrence - perna esquerda, mão direita (ainda desaparecidas) Marjorie Leinhart - perna direita e todos os dedos (nunca encontrados), tentativa de decapitação Will Albrecht - raptado na trilha, nunca encontrado

Jon: corredor. Marjorie: ?? Will: bicicleta

Ela queria descartar o desaparecimento de Will Albrecht. Ele não parece se encaixar. Se a criança tinha sido a primeira vítima deste assassino, por que o corpo não foi despejado como os outros?

Era uma pergunta impossível de responder, mas o que ela *sabia* era que algo sobre a natureza do rapto não resolvido parecia *torná-lo* congruente com o caso atual. E, por enquanto, ela não estava preparada para eliminar eventuais ligações.

Ela então pegou o mapa de colorido do parque que Smith tinha lhe dado. Ela fez pequenas marcas em cada um dos locais onde os corpos haviam sido descobertos. Quando ela colocou as marcas no mapa, ela pensou nas terríveis histórias de Charlie Holt e Joe Andrews que os guardas lhe contaram; os guardas passavam por situações terríveis sem sequer ter uma formação adequada. Isso a fez olhar para o mapa com toda uma nova perspectiva quando ela tentou descobrir o sentido, a lógica dos pontos de caneta que ela tinha colocado no mapa.

Depois de meia hora, Mackenzie se serviu com uma xícara de café preto. O medo inquieto ainda à espreita em seu coração por causa do pesadelo, ela estava preparada para fazer o que fosse preciso para encontrar algumas respostas.

Com seu café na mão, ela foi para o seu sofá e ligou a TV. Dentro de dez minutos, ela viu uma manchete sobre o assassino. Foi no noticiário local, mas ainda não tinha obtido qualquer atenção da mídia nacional. Ainda assim... isso era ruim.

Ela engoliu seu café, se preparou para o dia e se apressou para trabalhar. Ela sabia que estava trabalhando contra o relógio e se não resolvesse este caso em breve, isso tomaria grandes proporções para todos eles.

CAPÍTULO DEZ

Miranda Peters estava chateada.

Ela estava suando, os braços estavam cobertos de picadas de mosquito, e uma das pernas direitas do seu telescópio estava quebrada. Mais do que isso, Cho Liu, sua parceira de laboratório, chegaria muito tarde. Ela mandou uma mensagem cerca de duas horas atrás. Pelo menos ela tinha sido **honesta.**

Desculpe-me. O Tony chegou. Preciso de uma boa trepada antes de ir para a floresta. Vejo você por volta das 10:30.

Era 10:37 agora. Miranda estava totalmente preparada para ver o Tony chegar junto com a Cho.

Miranda não podia se imaginar andando por esta floresta assustadora durante a noite sozinha. Ela tinha tomado coragem suficiente para fazê-lo à luz suave da tarde cinco horas atrás. Ela estava levando o telescópio em sua bolsa bem como a sua bolsa de livros e capa para o laptop. Cho teria o mesmo tipo de coisas para carregar e Miranda não a invejava. Isso seria um passeio brutal no escuro, mesmo com uma lanterna daquelas que ficam presas na cabeça.

Ela olhou para a lua através do telescópio. Ela conseguiu escorar a perna quebrada com um pequeno pedaço de madeira e ficou muito orgulhosa do trabalho que tinha feito. Ela focou a lente até que pudesse ter a definição clara da cratera Byrgius e, em seguida, ajustou lentamente a posição do telescópio para o leste. Em cerca de uma hora, ela seria capaz de ver Vênus muito claramente. Cho tinha a câmera que elas precisariam e se ela não aparecesse, toda a viagem seria um fracasso.

Não importava. Ela era um grande Inglês e esta aula de astronomia era apenas

um passatempo. Era divertido e, se ela fosse honesta, estava animada com a ideia de uma viagem de acampamento para pegar Vênus em sua fase crescente. O instrutor tinha oferecido a cada estudante a oportunidade de crédito extra através da observação de diferentes eventos astronômicos. Miranda e Cho tinham escolhido tentar capturar o fenômeno conhecido como Luz Ashen de Vênus.

Mas nada disso importava se Cho não colocasse o seu traseiro aqui *logo*. Miranda tinha um telescópio bom, então ela pegaria as lentes na câmera telescópica de Cho para capturar a luz Ashen quando viesse à tona daí a cinquenta e quatro minutos.

Olhando com dificuldade através da escuridão, Miranda ouviu passos se aproximando abaixo da pequena colina onde ela tinha montado sua tenda e telescópio. Seu coração deu um suspiro de alívio. Ela nunca *realmente* achou que Cho a decepcionaria. Elas não eram exatamente melhores amigas ou qualquer coisa do tipo, mas Cho era muito confiável.

Enquanto os passos se aproximavam, através dos arbustos ralos da trilha até o morro que Miranda e Cho haviam escolhido na semana passada, Miranda desviou o olhar do telescópio.

“Já era hora,” disse Miranda. “Droga, garota... Eu espero que você tenha deixado o seu namorado louco na cama, porque você me deixou preocupada.”

Cho não disse nada. E foi o silêncio inicial que assustou Miranda pela primeira vez. Cho era uma tagarela; ela provavelmente teria começado a falar de imediato no momento em que viu o pequeno brilho de luz da lanterna a pilhas de Miranda.

“Cho?”

Ainda não houve resposta. Mas os passos continuavam se aproximando mais e mais. Através das árvores e da escuridão cruel da noite, Miranda começou a ver uma figura. Foi então que ela percebeu o quão sério seria se aquela pessoa não fosse a Cho. Ela estava a uns seis quilômetros de distância da estrada mais próxima e a quatrocentos metros de distância da estrada mais próxima. Ela também estava a quase duas horas de distância da faculdade. Considere tudo isso junto e ela estava basicamente sem

saída. E sozinha.

“Cho... Se isso é algum tipo de brincadeira, não é engraçado.”

Mas a figura saiu da floresta e o brilho de sua lanterna revelou que aquela pessoa não era a Cho. Era um homem—com cerca de 1,80m de altura e com características faciais que pareciam nadar nas sombras que a lanterna dela criou.

“Quem é você?” Perguntou Miranda.

“Apenas um amante da natureza,” disse o homem enquanto ele avançava em sua direção.

“Meu namorado está logo ali,” Miranda mentiu, apontando para uma moita de arbustos e árvores à direita.

O homem apenas sorriu e se aproximou. Miranda se afastou, derrubando o telescópio.

“Eu tenho uma arma,” disse ela, sabendo que a ameaça soou fraca. Ela *tinha* uma faca, mas estava escondida em um dos sacos em sua tenda.

O homem apenas riu. Na escuridão, era a coisa mais ameaçadora que Miranda já tinha ouvido. O

medo fincou seu coração e suas pernas congelaram. Ela deveria correr para a floresta? Ou ela deveria pegar a faca?

O homem correu em sua direção com uma velocidade incrível. Ele chutou a lanterna a pilhas quando Miranda correu para a tenda. Ela sentiu as mãos dele na perna dela, agarrando-a firmemente e puxando-a para fora da tenda e em direção a ele. Ela abriu a boca para gritar, mas o som foi bloqueado quando ele colocou a mão sobre sua boca.

Mais uma vez, ela tentou gritar, mas ela só sentia as vibrações do grito através da mão do homem em formato de concha tampando a boca dela. Sentiu-se levitar, o mundo parecia girar em torno dela e, em seguida, ela foi arrastada para cima do ombro dele. Ele não era muito grande, mas parecia possuir uma força brutal. Ela lutou e lutou e tudo o que ela conseguiu com os seus esforços foi um soco da mão esquerda dele, que a atingiu diretamente na testa.

O mundo ficou mais escuro do que a noite ao redor dela. Antes que ela

escorregasse para a inconsciência, ela viu a pequena luz de sua lanterna ficar cada vez mais obscura enquanto o desconhecido a levava para o interior da floresta.

CAPÍTULO ONZE

Mesmo quando ela era nada mais do que uma policial de patrulha trabalhando nas rodovias sonolentas de Nebraska, Mackenzie não gostava de perder tempo com as pistas que ela *sabia que* não dariam em nada. E enquanto ela sentia que sua atual pista era frágil, na melhor das hipóteses, ela também sabia que pequenas pistas sem importância, muitas vezes, poderiam levar a um pensamento produtivo que abria outras possibilidades.

Isso é o que ela esperava que aconteceria com a atual pista enquanto Bryers tirava seu carro no estacionamento de uma garagem de aparência desleixada de uma loja chamada Strasburg Car Care. Ela podia dizer pelo olhar no rosto de Bryers que ele também achava que isso era um desperdício de tempo.

Mas simplesmente estar de volta em Strasburg parecia pacificar McGrath, e só de não tê-lo vigiando tudo, Mackenzie estava feliz.

Uma conexão sutil era o que os tinha levado para Strasburg Car Care. Já que não havia sobreviventes da família no local para falar sobre o desaparecimento de Will Albrecht, Mackenzie foi capaz de achar o nome de um amigo próximo de infância. Esse amigo tinha antecedentes sobre dirigir alcoolizado e bilhetes de estacionamento não pagos, mas nada muito sério. Seu nome era Andy Vaughan, funcionário da Strasburg Car Care desde que ele começou a trabalhar aos quinze anos.

Quando Mackenzie atravessou as portas da garagem, ela viu o homem que procurava imediatamente.

Sua identidade foi logo desvendada pelo crachá no bolso do uniforme de trabalho: ANDY. Naquela hora, ele estava mudando o óleo de um caminhão que facilmente tinha uns trinta anos. Quando viu Mackenzie e Bryers, ele revirou os olhos.

“Clientes não são permitidos na garagem,” disse ele, claramente irritado.

“Nós não somos clientes,” Mackenzie disse, mostrando seu distintivo.

“Oh,” ele disse, com os olhos arregalados com a visão de seu distintivo. “Um segundinho, se vocês não se importam.”

“Faça o que precisa ser feito.”

Enquanto esperavam Andy Vaughan terminar, ela e Bryers olharam ao redor da garagem.

Aparentemente, Andy era o único trabalhando. E pela aparência do lugar, ela imaginou que um único funcionário por turno era o que a Strasburg Car Care podia pagar.

Poucos minutos depois, Andy saiu da garagem e acenou para eles entrarem no pequeno escritório ligado à garagem. “Desculpe-me,” disse ele enquanto se sentou em um banquinho atrás do balcão. Ele limpou as mãos em um trapo e disse: “Com o que posso ajudá-los?”

“Eu sou a Agente White e este é o Agente Bryers. Eu sei que é inesperado, mas temos algumas perguntas sobre Will Albrecht.

“Ele parecia muito confuso, primeiramente, em seguida, um olhar de tristeza veio em seu rosto. Algo sobre o sofrimento inesperado o fez parecer muito mais velho do que seus vinte e seis anos. “Uau,” disse ele. "OK. Vou tentar ajudar, mas, cara ... Eu nem sequer pensei no Will por anos.”

“Acreditamos que o seu desaparecimento pode estar ligada a um caso recente,” disse Mackenzie.

“Então, se você pensar muito a respeito, o que você pode nos dizer sobre o que lembra do Will, o desaparecimento e sua família?”

“Você está falando sobre o Assassino do Camping?” Ele perguntou. “Mas como *isso* pode ter relação?” Não há nenhuma ligação clara,” Mackenzie disse, esquivando-se rapidamente da questão.

“Então, você poderia, por favor, se concentrar apenas sobre no que lhe pedi…”

‘Claro’, Andy disse. “Bem, francamente, sua família é uma merda. Eu sei que as pessoas lidam com a dor em suas próprias maneiras e tal, mas eles foram babacas. Eles não queriam a ajuda de ninguém. Eles

se mudaram, sabe? Eu não tenho certeza para onde, mas nem mesmo um ano depois que ele desapareceu, eles se mudaram. Aquilo pareceu muito estranho para mim."

Parecia estranho para Mackenzie também, mas os registros indicam que a família tinha sido mais útil ao responder perguntas sobre o desaparecido nos anos seguintes . Eles simplesmente queriam se distanciar da comunidade depois que o seu filho havia desaparecido. Mackenzie entendeu, mas também sentiu que *era* um pouco suspeito.

"Eu sei que parece que uma eternidade já se passou," disse Mackenzie, "mas você pode pensar em alguém que poderia querer machucar o Will ou a sua família?"

"Ninguém," disse Andy. "Will era um garoto legal, sabe? E em uma cidade como esta, realmente não há inimigos... Mesmo quando as crianças não se dão bem na escola, seus pais se reúnem para tomar cervejas e resolver o problema. É sempre assim por aqui."

"Você já saiu com Will e sua família?" Perguntou Mackenzie. "Jogar juntos, dormir na casa dele, qualquer coisa assim?"

"Oh sim, com certeza. Nós costumávamos andar de bicicleta todo o tempo. Geralmente apenas em torno de casa. Às vezes, no parque, mas parei com isso depois que o Will desapareceu, minha mãe tipo perdeu a cabeça depois disso. Ela nunca mais deixou eu fazer muita coisa depois que o Will desapareceu."

"E no parque, você se lembra do Will entrando em briga? Houve alguma vez pessoas suspeitas lá, encontrando no parque?"

"Não que eu me lembre," disse ele. "Mais tarde, quando fui para o ensino médio, algumas crianças iam lá para beber e fumar maconha de vez em quando. Lembro-me de haver algumas interferências policiais para abordar pessoas desabrigadas que perambulavam por lá e também pessoas inconvenientes, de vez em quando. Pessoas que pediam esmola, esse tipo de coisa, sabe?"

Mackenzie pensou que poderia valer a pena investigar, mas ao mesmo tempo, sentia que o desaparecimento de Will Albrecht poderia ser um beco sem saída. Estava começando a sentir que ele estava cada vez menos relacionado à morte de Jon Torrence e Marjorie Leinhart.

Ela estava à procura de quaisquer outras perguntas de acompanhamento para fazer esta viagem valer a pena quando seu celular tocou. Ela não reconheceu o número no visor quando respondeu, mas tinha um código de área de Strasburg.

“Esta é a agente White”, disse ela.

“Agente White, este é o Xerife Clements. Você e seu parceiro podem querer voltar aqui.”

“Ah, é? Estamos em Strasburg agora,” disse ela. “O que foi?”

“Bem, nós temos um outro corpo em nossas mãos. E este é *fresco*.”

CAPÍTULO DOZE

Desta vez, Clements não os encontrou com um carrinho de golfe. Em vez disso, ele tinha um quadriciclo esperando por eles atrás do centro de visitantes. Nem Mackenzie nem Bryers nunca tinham conduzido um, mas Mackenzie percebeu que não seria tão difícil. Ela de bom grado tomou a posição de motorista, segurando o guidão com uma ligeira agitação de excitação. Com Bryers na traseira, ela dirigiu pelo caminho central e parou quando eles chegaram a dois outros carros bloqueando qualquer avanço.

Um dos caras do Clements estava sentado neste obstáculo improvisado. Mackenzie lembrou de seu rosto na sua primeira aventura em Little Hill. Deu-lhes apenas o mais fraco dos acenos como uma saudação.

“Sigam-me, por favor”, foi tudo o que disse.

Sem outra palavra, o oficial levou-os para a floresta. Eles foram levados em uma direção totalmente diferente desta vez, diretamente para o leste da última cena do crime. Isso imediatamente fez Mackenzie mais consciente de que o assassino *tinha* que conhecer bem esta floresta. *Quase tão bem como um guarda do parque,* pensou ela com desconfiança.

Eles tinham andado por cinco minutos, quando Mackenzie começou a ouvir vozes brigando à frente. O

mesmo acontecido na primeira cena de crime em Little Hill. Isso a irritava imensuravelmente; esses homens estavam muito preocupados em disputar sobre

quem tinha mais controle da região do que em encontrar o assassino. Na frente dela, até mesmo o policial que os estava levando soltou um suspiro, deixando claro que ele também pensou que aquilo era estúpido.

Ao se aproximarem, Mackenzie podia entender tudo o que estava sendo dito. Ela seguiu atrás do oficial, mas naquele momento, estava mesmo seguindo as vozes da discussão ainda mais à frente.

"—e se você tem um problema com isso, você pode chamar o meu chefe!"

"Foda-se o seu chefe! Se você tiver problemas *comigo* aqui, chame o governador!"

'Ele não moveria o traseiro só para atender o telefone!'

'Saia, você, você está muito perto da *prova*!'

'Não me diga como fazer o meu trabalho!

"Finalmente, Mackenzie começou a ver os homens. Havia apenas cinco deles hoje: Clements, Smith e três guardas do parque. Ela reconheceu um dos guardas do parque como Charlie Holt, o homem com a obsessão estranha por castanhas. Seu parceiro, Joe Andrews, também estava lá. Eles estavam todos de pé e muito próximos no que parecia ser os momentos anteriores àquela briga desagradável do parque infantil.

"Senhores", ela disse em voz alta. "Podemos mantê-lo juntos, por favor?"

"Cuidado com o seu tom", disse Clements.

"O mesmo vale para você", disse Bryers, dando um passo para a frente. "Vocês poderiam *todos* mostrar algum respeito ao falecido e agir como adultos?"

Todo mundo ficou em silêncio novamente pois a atenção foi atraída de volta para a razão de estarem todos reunidos lá.

Mackenzie teve que se concentrar bastante. Ruim... bem, era *ruim.*

Facilmente era a pior condição em que já tinha visto um corpo. O fato de que era realmente muito fresco como Clements tinha dito ao telefone tornou a situação

muito pior. Os outros conseguiram manter a calma e ficar a uma distância respeitosa, enquanto ela e Bryers se aproximavam.

“Meu Deus”, disse Bryers.

Mackenzie apenas balançou a cabeça. A cabeça da vítima tinha sido separada do corpo, mas não se pareceria muito com uma cabeça humana. O que Mackenzie estava vendo a fez pensar em como uma

abóbora fica depois de ter sido jogada fora após o Halloween. A visão era horrível demais para dar sentido a isso ela voltou sua atenção para o corpo, esparramado a cerca de seis metros de distância da cabeça esmagada.

O estado do corpo não era muito melhor. Havia grandes hematomas por toda parte. Pelo que Mackenzie podia ver, todo o peito parecia ter afundado. O braço esquerdo também estava em um estado ruim, o ombro se não tinha sido deslocado mas quase removido do corpo por completo.

Mackenzie estava bastante certa de que uma autópsia revelaria que o ombro tinha sido esmagado.

Havia também várias marcas profundas nas nádegas e a perna direita tinha sido claramente quebrada; o joelho estava do mesmo jeito que o ombro arrebentado.

“Quem encontrou o corpo?” Ele perguntou.

“Nós”, disse Smith. “Recebemos um telefonema esta manhã de uma estudante da James Madison University. Ela disse que sua amiga tinha desaparecido, que ela ido acampar nesta floresta na noite passada. Já tínhamos vindo até aqui com um drone, na esperança de usá-lo para vigiar a área. Enviamos ele imediatamente e encontramos o corpo dentro de meia hora.”

‘Você achou o acampamento?’

‘Sim’, disse Charlie Holt. “Mas não fomos lá ainda, ainda. Nós literalmente chegamos aqui há quinze minutos.”

‘A moça que ligou disse algo de útil?’

‘Não’, disse Smith. “Não ligamos para ela ainda.”

“Com todo o respeito,” Clements disse, “está na hora, precisamos atacar.”

‘Atacar o quê?’, Perguntou Mackenzie. “Sem ligações, não há ataque.”

“Bem, é o seu show”, disse Smith. “Eu vou com prazer passar o poder para você.” Ele olhou para os três guardas do parque, um deles parecia que iria vomitar a qualquer momento.

“Alguém tem problemas com isso?”

Todos os três balançaram a cabeça.

“Obrigada”, disse Mackenzie. Ela olhou para Bryers para aprovação e ele deu-lhe com um sorriso suave e um aceno de cabeça.

"Ok. Guardas... vocês já deram a instrução para fechar o parque?”

‘Sim’, disse Andrews.

‘E quantos homens você consegue para o turno hoje?’

‘Uns seis’, Holt disse.

“Chame todos os seis”, disse ela.‘Coloque-os em qualquer estrada secundária ou de manutenção dentro e fora do parque. Quantas são?”

‘Três’, respondeu Holt.

“Perfeito, então. Coloque todos naquelas estradas, certificando de que ninguém entra ou sai sem a identificação adequada. Em quanto tempo você consegue fazer isso começar?”

”Todos os três guardas do parque parecerem animados naquele momento. Ter uma instrução específica aparentemente os tirou do que havia se formado entre a polícia local e a estadual. Ainda assim, ela não tinha certeza do quão qualificados seriam para esse trabalho.

“Eles estarão estacionados nas entradas dentro de vinte minutos,” Andrews disse, puxando o seu telefone.

“Eu preciso de alguém para ser a referência para os guardas”, disse Mackenzie.

“Quem quer essa tarefa?”

‘Eu gostaria’, disse Andrews. Mackenzie notou que Charlie Holt revirou os olhos por trás de Andrews

quando ele se ofereceu.

“Bom”, disse ela. “Eu preciso que você venha com uma lista de lugares potenciais que alguém poderia viver por vários dias dentro do parque e não ser visto.”

“Eu duvido que há lugares como esse”, disse Andrews. “Há poucas cabanas de manutenção, só isso.”

“E aqueles estão sob vigilância de vinte e quatro horas”, acrescentou Charlie Holt.

“Tenha em mente, agente White,” Andrews disse, “quanto mais longe das principais trilhas que você vai, mais densa fica a floresta. Estamos falando de plantas espinhosas, matagal, coisas assim. Mas eu lhe darei uma lista de lugares.”

”Ela então olhou para Smith e descobriu que era mais difícil lhe dar ordens, já que ele tinha sido o único a realmente mostrar o seu respeito por ela todo este tempo. “Oficial Smith, eu preciso de você para telefonar para a estudante que avisou sobre a pessoa desaparecida. Sabemos quem é a vítima?”

“Miranda Peters. Dezenove anos de idade. Estudante de inglês na JMU. A amiga é Cho Liu. Ela deveria encontrá-la aqui ontem à noite para fazer um trabalho de astronomia. Cho esteve aqui com duas horas de atraso e, quando ela chegou, Miranda estava longe de ser encontrada.”

‘Você pode dar a notícia a ela e ver o que ela pode dizer a respeito?’

‘Posso’, disse ele com uma careta.

“Clements,” ela disse, “uma vez que o parque está dentro de sua jurisdição, eu preciso de você com a gente. Você pode nos levar para o acampamento? Andrews, eu preciso de você com a gente, por favor.”

“Sim, com prazer,” disse ele, dando uma última olhada na visão macabra diante dele.

“Certo?” Perguntou Mackenzie.

Ela recebeu uma série de acenos e um sorriso de Bryers.

“Chame por mim no momento em que algo surgir”, disse ela. “Clements estava certo: era *hora de atacar*. Vamos atacar e este filho da puta antes que uma nação inteira de equipes de reportagem tornassem muito mais difícil o nosso trabalho.”

***

O acampamento estava a cerca de duas milhas de distância de onde o corpo tinha sido despejado.

Precisaram pegar um ATV novamente, passando por fora d bloqueio de estradas e indo mais fundo no parque. Levou-lhes dez minutos de quadriciclo e mais oito minutos de caminhada para chegar lá.

Clements liderou o caminho através da floresta, olhando para a imagem capturada pelo drone como referência para se certificar de que estavam no caminho certo. Mackenzie, Bryers e Andrews seguiram atrás dele.

“Isso não faz sentido”, disse Mackenzie. “O corpo esta manhã estava fresco. Duas horas... três, no máximo, certo? Então, como é que ele se locomoveu sem um carro ou qualquer coisa com rodas? Mesmo que ele tivesse um ATV ou algo assim, haveria marcas de pneus em algum lugar.”

‘Sem mencionar que ouviríamos um ATV correndo por aqui’, disse Andrews.

“Tem que ser alguém dentro do parque”, disse Mackenzie. “Andrews, dado o tamanho e a forma do parque, quais são as chances de que alguém pudesse ter despejado o corpo nesse local há duas horas e, em seguida, conseguido sair das fronteiras do parque?”

“É possível”, disse ele. “Mas ele teriam que ser realmente esperto.”

Mackenzie pensou sobre isso por um momento. Ela sabia que se eles não tivessem resultados nos próximos dias, a polícia local e talvez até mesmo o FBI

teriam vários homens na floresta, vasculhando polegada por polegada daquele terreno. Perguntou-se, ociosamente, quantos mais teriam que morrer antes do estado enviar um helicóptero em vez de oferecer um drone.

A ideia de que o assassino poderia ainda estar dentro do parque era irritante. Fez Mackenzie se movimentar com velocidade, seus pensamentos correndo tão rápido quanto seus pés.

Quando finalmente chegaram ao acampamento, o senso de urgência de Mackenzie só aumentou. O

acampamento era pequeno e ermo. Uma única barraca tinha sido armada, um único colchonete no chão.

Uma pequena lanterna a pilhas jogada no chão ainda brilhava inutilmente ao sol da tarde. Um telescópio foi derrubado na borda da pequena área.

Mackenzie pegou uma vara do chão e caminhou até a tenda. A aba da entrada estava aberta, permitindo-lhe empurrar a aba para trás com a vara para não atrapalhar a cena com suas impressões digitais. No interior, não havia muito para se ver: um travesseiro, um saco de dormir e uma única mochila. Pelo que ela podia dizer, nada tinha sido levado. O assassino não queria roubar; ele só queria Miranda Peters.

Ela se arrastou para fora da tenda e viu Bryers e Clements vasculhando o chão. Ela notou que Bryers tinha agachado e estava olhando atentamente para uma determinada parte do terreno.

“Encontrou algo?” Ela perguntou.

“Eu não sei”, disse ele. Ele apontou para uma área abaixo, atrás em direção à pequena elevação no chão por onde eles passaram por cima. A folhagem e sujeira no chão não compunham necessariamente uma cena bagunçada, mas não parecia ter nenhuma alteração no local. Mas isso não era o que Bryers estava notando.

“Meus olhos estão me enganando?”Disse. “Ou isso é parte de uma pegada?”

Ele estava certo. *Era* uma pegada. Era apenas uma impressão parcial, mas estava lá no chão. E para ser tão perceptível, tinha que ser recente. Ela a estudou de

perto, fazendo cada anotação mental que podia sobre ela.

Ela soube imediatamente que esta não era a impressão de Miranda Peters. A partir da imagem de seu corpo, ela pesava cerca de cinquenta, no máximo. Mas essa pegada era grande. Ela achava que era pelo menos um tamanho de 44. O padrão da parte inferior, bem como a forma dela também indicavam que era uma provável bota de trabalho ou algo do tipo.

“O que temos?” Perguntou Clements, caminhando e claramente não querendo ficar de fora.

“Uma potencial pegada do assassino”, disse Mackenzie. “Uma marca de bota de trabalho.” Ela levantou-se e olhou na direção de onde a impressão parecia ter vindo. Ela apontou para trás e ligeiramente para a direita. “Parece que ele estava vindo nessa direção. Existe alguma coisa lá atrás?

“Apenas árvores e mais árvores’, disse Clements. “Eu diria que as terras do parque vão mais vinte milhas naquela direção. Uma das estradas de manutenção o corta em uma determinada região, é isso.”

‘Manutenção de quê?’ Perguntou Bryers.

“Essa estrada, em especial, liga o centro do visitante ao galpão elétrico”, disse Andrews.

“É lá que os disjuntores dos postes de luz e holofotes ao longo do rio estão.”

“Câmeras de segurança no galpão?”, Perguntou Mackenzie.

“Não, só nos galpões que com ATVs, produtos químicos e assim por diante.”

Ela tirou uma foto da pegada com seu telefone e deu uma última olhada ao redor do local. “Clements, você pode mandar alguns homens aqui rapidamente para procurarem impressões na área? A tenda, o telescópio, a lanterna…tudo.”

‘Absolutamente’, disse ele. “Mais alguma coisa?”

“Sim. Trabalho com Smith para elaborar um cronograma para que o drone voe sobre o parque.

Mantenha-se atento às esquisitices de qualquer tipo... não importa o quão pequena. Vocês têm a mão de obra necessária para manter os homens verificando a filmagem?”

‘Temos.’

‘Ótimo”.

E por favor, mantenha-me informada.”

Eles deixaram o acampamento e volaram para o carrinho de golfe. Mackenzie tentou organizar tudo o que precisava ser feito, fazendo listas dentro de sua cabeça. Mas, para o seu espanto, ela continuou sendo desviado pelos flashes de Miranda Peters; a cabeça cortada e esmagada, seu corpo espancado e quebrado.

Ela muitas vezes se viu querendo entrar na cabeça dos assassinos perseguidos. Isso a ajudava a entender seus motivos e como eles agiam. Mas desta vez, ela estava lutando para achar um ‘modus operandi’. O homem claramente *queria* ser encontrado... era evidente pela forma como ele despejava os corpos. Mas talvez ele via isso como algum tipo de esporte... tentando ver quanto por tempo ele poderia mantê-lo antes de ser capturado.

Isso significava que o assassino estava trabalhando com a impressão de que ele não tinha nada a perder; mesmo sendo preso, ele não se importaria. E isso fazia dele alguém extremamente perigoso. Não havia nenhuma direção clara, sem explicação alguma.

Desta vez, a ideia de tentar entrar na cabeça de um assassino parecia um pouco demais. Como ela poderia entender a brutalidade e desrespeito pela vida humana em um nível que ela tinha visto em Miranda Peters?

Entrar em uma mente como aquela era assustador. Pela primeira vez em sua carreira, Mackenzie se perguntava se este caso era muito obscuro e demente para ela compreender plenamente.

CAPÍTULO TREZE

Ele ouviu os gritos da mulher que ele havia tirado do acampamento enquanto bebia uma bebida alcóolica de comercialização proibida em sua caneca Maçom. Ele estava assistindo o sol nascer da sua varanda em ruínas. As árvores

bloquearam a maior parte do nascer do sol, mas a luz que *passou* era imaculada e dourada. Ela fez as madeiras parecerem vivas.

Esta mulher era um pouco diferente das outras pessoas que ele tinha raptado. Este lutava. Ela bateu suas costas na cabana dele. Ele teve que bater nela novamente usando a alça de um machado que havia perdido a lâmina algum tempo atrás. E então quando ele a jogou no buraco, nada mais do que uma cova rasa, e cobriu-a com as grossas camadas de madeira compensada, seus gritos eram mais desafiantes do que pedidos de ajuda.

Até agora, todas as suas vítimas tinham implorado por sua vida. Tinham-lhe oferecido dinheiro, ou sexo, ou qualquer coisa que ele pudesse imaginar. Mas não essa. Ela disse-lhe que quando ela ficasse livre, ela cortaria a sua garganta e seu pênis. Ela quebraria as pernas dele e iria torturá-lo.

Claro, aqueles gritos desafiadores só duraram por uma hora ou algo assim. Depois disso, eles haviam se tornado aqueles simples gritos de sempre—gritos que ela provavelmente esperava que viajassem pela floresta e chegassem aos ouvidos de quem pudesse ajudá-la. E agora seus gritos eram roucos e desesperados. Em breve, ela mal seria capaz de falar, muito menos gritar.

Ele sabia que nenhum de seus gritos estavam fazendo efeito. Ele foi para longe o suficiente na floresta, onde seus gritos não seriam ouvidos. E para garantir, o buraco na terra coberto por folhas grossas de madeira compensada mantinha seus gritos presos na terra, apenas deslizando no ar como uma série de pequenas vibrações tristes.

Com o queimar agradável da bebida “moonshine” em seu estômago e o calor do sol da manhã em seu rosto, ele saiu da varanda e voltou para dentro de sua pequena cabana. Era um pequeno barraco, completamente independente de eletricidade e fornecimento de água. Ele não possuía um computador, uma televisão ou um telefone. Ele desistiu das luzes elétricas cerca de cinco anos atrás, percebendo que era estúpido pagar com o pouco dinheiro que tinha a eletricidade que raramente usava.

O barracão era composto por três cômodos: uma pequena área de estar, o quarto (que era mantido meticulosamente limpo) e o cômodo ao qual ele se referia como de estudo. O de estudo era o maior dos três, mas não tinha piso de madeira, como os outros. Este piso era de terra. Ele deu um passo para dentro do

lugar com piso de terra batida quando os gritos e gemidos da menina com o telescópio começaram a se tornar sons de um choramingando rouco.

Ela tinha começou a chutar as folhas de compensado agora. Isso seria tão eficaz quanto os gritos dela.

O compensado estava ligado a postes de madeira resistentes que estavam de cada lado do cômodo de estudo. Mesmo que a menina pudesse bater com o seu peso contra as tábuas, elas não moveriam uma polegada. Uma extremidade de cada corda foi ligada aos postes de madeira e a outra extremidade foi passada através de dois furos, um na parte superior e um na parte inferior das placas de compensado.

Ele estava na porta da sala, fechou os olhos, e ouviu a garota. Ela estava perto de desistir agora.

Ainda assim, ele pensou que ela era especial. Ele pensou que poderia mantê-la por um tempo. Talvez por um tempo bem longo. Ele tinha feito isso antes e acabou sendo uma experiência verdadeiramente gratificante.

Quando ele olhou para o seu cômodo de estudos, ele ouviu algo atrás dele. E tinha vindo da área de estar, um barulho com o qual ele estava acostumado e constantemente o irritava.

“O que é isso agora?” Perguntou.

Ele ouviu atentamente, balançando a cabeça e engoliu de volta o veneno e raiva que tentou vir para a

superfície.

“Você está brincando comigo?” Perguntou ele, quase gritando. Ele ainda segurou a jarra de bebida alcoólica e quase jogou-a na sala. "Não. Não é mesmo nada para eu ficar pensando a respeito!”

Ele ouviu mais uma vez, a resposta o deixou ainda mais irritado.

“Depois de tudo que você já viu? Você está em falando sério? Você perdeu a noção, porra?’ Ele então soltou o veneno em um rugido de raiva. Doeu sua garganta e eliminou os bons sentimentos que a bebida tinha começado a criar.

Ao invés de jogar a jarra, ele tomou um grande gole quase engasgando ao engolir.

No meio da tosse, ele gritou na sala de estar. "Saia! Saia da minha frente antes que eu te mate!”

Ele estava respirando com dificuldade, sentindo uma dor aguda no estômago. Ele cuidadosamente abaixou a jarra de bebida alcoólica, sabendo que a bebida já estava acabando.

Com o fim da sua conversa em gritos e a sala de estar em silêncio novamente, ele voltou para o quarto de estudo. A mulher sob o compensado ficou tranquila. Ela ouviu a coisa toda, sem dúvida. Ela ouviu a briga e tinha ouvido ele perder a paciência também. Se ele planejava mantê-la por um tempo, ele provavelmente precisava se explicar.

Com um suspiro, ele entrou. Ele caminhou até as tábuas de compensado no chão de terra, apreciando o resto do lugar. Havia um pequeno banco que continha um par de alicates, um martelo, duas facas de açougueiro grandes, uma faca pequena para vegetais e vários vidros vazios. Diversos ganchos pendurados nas paredes. Um deles tinha a pele de um cervo. Dois outros penduravam serrotes, um muito grande e um bem pequeno. A marreta estava encostada no canto mais distante, o cabo estava manchado com o sangue de algum tempo obscuro do passado do qual ele mal conseguia se lembrar.

Ajoelhou-se ao lado da madeira compensada, fazendo tudo o que podia para deixar de lado a raiva que ele sentiu. Nada de bom veio. Ele sabia disso, mas às vezes era tão difícil de entender aquela situação. Ele colocou sua mão sobre a tábua superior de madeira compensada e limpou a garganta, querendo soar o mais amigável possível.

“Sinto muito que você teve que ouvir isso,” disse ele.

A mulher fez um ruído sufocante suave como resposta.

"Veja. Eu vou deixá-la sair. Eu acho que você e eu precisamos conversar. Eu sei que você está com medo. Mas eu não quero machucar você. Eu quero cuidar de você. Então... Eu vou deixá-la sair daí. Se você tentar fugir, eu vou *ter* que te machucar e eu realmente não quero fazer isso. Ok?”

A mulher não disse nada. Ele podia imaginá-la tremendo lá embaixo naquele pequeno buraco. Talvez ela estava paralisada com a esperança de que ela seria libertada. Ele lhe daria isso. Ele daria para ela uma nova vida. Ele poderia redimí-la, poderia fazer dela algo novo.

Ansioso agora, ele desamarrou as cordas dos postes de madeira. Quando ambas as cordas estavam no chão, ele agarrou as tábuas de compensado pelas bordas. As duas estavam aparafusadas e bastante pesadas, mas ele foi capaz de deslizá-las sem muita dificuldade.

Ele olhou para o buraco e reparou na menina. Suas mãos estavam amarradas com corda nos pulsos.

Outra corda foi amarrada logo acima dos joelhos. O buraco tinha apenas um metro de profundidade, mas ele sempre achava que parecia muito mais profundo quando havia alguém nele. Seus olhos estavam arregalados de medo e ela estava tremendo da cabeça aos pés. Nesse momento, ele se sentiu como Deus.

Seu destino estava em suas mãos. Ele sabia disso, ela também e isso se tornou uma conexão entre eles.

Ele desceu de joelhos e agarrou o fio de corda que prendia os pulsos dela. Ele a puxou pelos joelhos e, em seguida, fez o seu melhor para ajudá-la a se levantar. Ela estava chorando e se encolhendo com o toque dele quando ele guiou-a para a borda do buraco na terra.

“Agora, não aja assim,” disse ele enquanto a ajudava a sair do buraco.

Ela engasgou, deixando escapar um enorme soluço. Ela estava absolutamente aterrorizada.

“Está tudo bem,” ele disse quando ela conseguiu por seu primeiro joelho no o chão de terra do quarto de estudo. “De verdade, eu só quero que—”

Em um movimento súbito que o confundiu mais do que o alarmou, a menina veio subindo do chão. Ela impulsionou-se para cima, saindo do buraco com o pé esquerdo e empurrando seu corpo para fora com o joelho direito. Ela se lançou no ar e, embora ela não tenha saltado muito alto, o impulso funcionou.

O topo de sua cabeça se conectou solidamente com a parte inferior do queixo

dele. Houve *clique* no cômodo de estudo quando o seu crânio bateu no queixo dele e seus dentes estralaram. Ele gritou de surpresa e caiu para trás. Ele caiu em um pequeno banco, jogando o que estava em cima no chão. Até o momento em que ele bateu no chão e percebeu o que tinha acontecido, a mulher estava saindo do cômodo, corria com um estranho tipo de salto—era tudo o que ela conseguia fazer com suas pernas amarradas acima do joelho.

Ela quase caiu, mas bateu no batente da porta. Ela bateu com tanta força que a cabana inteira tremeu.

E assim, toda sua raiva voltou. Ela veio em espiral nele como um enxame de abelhas furiosas,querendo alguém para ser picado. Ele soltou um grito de ódio absoluto quando subiu de volta.

Quando ele fez isso, estendeu a mão e agarrou a velha marreta manchada. Quando levantou e começou a avançar, ele podia ouvir a mulher batendo nas paredes da sala de estar, indo para a varanda.

A raiva brilhou através dele e parecia impulsioná-lo. Ele mal tinha consciência de que estava mesmo em movimento. Tudo era um borrão vermelho, cercado por uma definição nítida que ele tinha aprendido há muito tempo que vinha com o seu tipo mais grave de raiva.

Ele a viu quando ela correu para a varanda, ainda com aquele salto peculiar. Ele estava se aproximando— cinco passos de distância, em seguida, quatro. No terceiro, ele estava quase na porta, quase cego pela luz solar que parecia ter colocado a floresta em chamas.

Na frente dele, a mulher pulou da varanda. Seus pés aterrissaram sem jeito e ela caiu, se esparramando no chão à sua frente.

Um sorriso surgiu em seu rosto, parecia um corte profundo de um lado ao outro da sua cabeça. Ele saiu para a varanda e jogou a marreta sobre o ombro.

Ele deu um passo quando ela tentou lutar para ficar de pé. Ela se parecia com um cervo ferido, burro demais para perceber que já estava morto.

Ela abriu a boca para gritar assim que ele abaixou a marreta.

Seu grito nunca encontrou o ar, só o som do golpe de marreta, embora bastante

molhado e silenciado, afastou um bando de pássaros que saíram voando.

CAPÍTULO QUATORZE

Quando Mackenzie e Bryers chegaram no estacionamento e se dirigiram o seu carro, viram que Smith estava em seu telefone celular. Ele estava encostado em seu carro e falando em voz baixa, com um tom de desculpas. Sem sequer ouvir uma palavra, Mackenzie estava bastante certa de que ele estava falando com os pais de Miranda Peters.

Quando ele terminou a chamada, ele correu para Mackenzie. Parecia profundamente triste, dar a notícia tinha quebrado seu coração.

“Obrigada por fazer esta parte,” disse Mackenzie.

“Disponha,” disse ele. “Eu acho que pode ajudar se alguém for até lá e falar com eles.”

“Onde eles vivem?”

“Moorefield, West Virginia. Cerca de uma hora e quinze minutos daqui.”

Mackenzie e Bryers trocaram um olhar por cima do capô do carro. Bryers deu um aceno e encolheu os ombros e, em seguida, entrou no carro.

"Nós faremos isso. Eu só preciso que você para ajude Clements da maneira que puder. Eu já lhe pedi para trabalhar com você fazendo alguns sobrevoos com o seu drone. Ele vai lhe informar.”

“Parece bom. E olha... Obrigado pelo esforço. Pensei que não daria certo.”

“Às vezes, vale a pena ser a única garota em uma briga de bar,” disse ela com um sorriso. Ele se referiu àquilo de um jeito que a fez pensar que ele gostaria de levá-la para um bar—mas sem briga.

“Você chutou o traseiro de todo mundo. Os guardas florestais estão bloqueando todas as estradas secundárias e de manutenção para o parque, como falamos. Cho Liu foi informada sobre a morte de Miranda, e claro, eu tive que falar com os pais dela.”

Ela entrou no carro e Bryers saiu do estacionamento. Quando eles foram para a esquerda e se dirigiram para a rodovia 259 em direção a West Virginia, Bryers deu-lhe um olhada que ela não conseguiu decifrar. Era quase um tipo divertido de sorriso.

“O quê?” Ela perguntou.

“Você faz tudo com naturalidade, sabia?”

“Não, eu não”.

“Sim, você faz. Você fez aqueles homens ficarem calmos em trinta segundos. E você é capaz de distribuir instruções sem ser condescendente. Eles ouviram você —e não só porque você é bonita. O que eu só vi você fazer em meio àquela confusão não foi nada menos do que incrível. Eu tenho fé em você,”

disse ele.

Era uma coisa agradável para se dizer e Mackenzie apreciou aquele sentimento. Mas enquanto as imagens da cabeça de Miranda Peters passavam pela sua mente, Mackenzie não era capaz de sentir esse tipo de fé em si mesma.

***

Eram 03:17 quando eles chegaram na residência dos Peters. Era uma simples casinha de dois andares situada em uma área de classe média nos arredores de Moorefield. Quando sairam do carro e começaram a andar para a casa, Mackenzie já podia ouvir os lamentos da mãe atingida pelo sofrimento antes mesmo de chegar à porta da frente. Ela e Bryers trocaram um olhar inquieto quando Mackenzie levantou a mão e bateu na porta.

A porta foi aberta e um homem baixo com excesso de peso os cumprimentou. Por trás de um par de

óculos de lentes grossas, os olhos dele estavam vermelhos e cheios de uma dor que parecia saltar em Mackenzie.

“Vocês são os agentes?” Perguntou. Sua voz era rouca e grossa. Estava muito claro que ele estava chorando profusamente.

“Somos,” disse Mackenzie. “Se você acha que você pode nos atender, precisamos fazer algumas perguntas.”

“Eu vou fazer o meu melhor,” disse ele estendendo a mão. “James Peters. E eu tenho que pedir desculpas, mas eu não acho que minha esposa participará. Ela se trancou no quarto de Miranda e eu não

__”

James Peters deixou escapar um enorme soluço e quase caiu no chão. Bryers entrou em cena para apoiá-lo e quando o fez, o pequeno homem se inclinou para Bryers e chorou abertamente. Bryers fez o seu melhor para confortá-lo quando ele o levou de volta para dentra da casa. Mackenzie entrou e fechou a porta. De outro lugar da casa, ela podia ouvir a Sra Peters se lamentando.

"Sr. Peters,” Mackenzie disse quando os três estavam no pequeno hall de entrada. “Nós podemos voltar mais tarde se quiser.”

‘Não, está tudo bem,’ disse James Peters através das lágrimas. Ele sufocou um soluço e, finalmente, afastou-se do apoio de Bryers. “Vamos entrar. O Oficial Smith disse que era uma situação sensível ao tempo.”

“Bem, sim,” Mackenzie disse. “Se você puder fornecer quaisquer detalhes para nos ajudar, agradeceríamos. Acreditamos que tudo isso aconteceu nas últimas doze horas. Sendo tão recente, quanto mais informações tivermos, menos tempo o homem que fez isso tem para fugir.”

“Então o que você precisa saber? ” Perguntou James. Ainda havia extrema tristeza em seu rosto, mas havia também determinação. A raiva se escondia por trás de tudo isso, também.

“Vocês sabem se Miranda já tinha visitado o Parque Estadual Little Hill antes da noite passada?,”

perguntou Mackenzie.

“Eu não tenho ideia. Depois que ela começou a faculdade, ela fazia as coisas habituais da vida de faculdade. Ela não comentava sobre a faculdade. Ela nos ligava de vez em quando apenas para dizer oi.

Mas, o que ela fazia com o seu tempo livre, eu não sei.”

“Você conhece essa garota com quem ela deveria se encontrar? Cho Liu?”

“Não, mas nós tínhamos ouvido Miranda falar sobre ela. Elas pareciam estar começando uma boa amizade.”

Um lamento alto veio do andar de cima. A palavra soava como um grito gutural de *“Miranda!”*

James olhou para cima com o seu coração em pedaços. Ele então olhou para Mackenzie e Bryers. O

tormento em seu rosto fez Mackenzie se sentir quase fisicamente doente. Ela sentiu pena daquele homem, mas estava satisfeita por ele não ter visto o estado em que sua filha tinha sido encontrada.

“Eu sei... Isso é terrível,” disse Mackenzie. “Vamos deixá-los o mais rápido possível.”

“Sim, por favor... Eu—”

E então, ele começou a chorar novamente. Ele não podia olhar para eles, mas deu-lhes um gesto para prosseguirem enquanto chorava.

“Você pode pensar em alguém que poderia ser contra Miranda? Existe alguém com quem ela teve problemas no passado?”

A cabeça de James de repente subiu e olhou diretamente para eles. Uma espécie de realização flutuou em seus olhos por um instante, removendo o dilúvio de soluços por um momento.

“Rick Dentry,” disse ele.

“Quem é esse?” Perguntou Bryers.

“Um cara mais velho com quem Miranda ficou sem nós sabermos quando ela começou o ensino médio. Ele tinha acabado de se mudar para a cidade e tinha essa obsessão estranha com ela. Ele já tinha se formado em alguma outra escola quando eles começaram a sair.”

“Então, eles namoraram?” Perguntou Mackenzie.

“Por um tempo, eu acho.” Ele falava claramente agora, a raiva e a possível ligação com o aquele homem apareciam mais e mais. “Mas quando descobrimos, Miranda terminou com ele. Apenas o Rick continuou insistindo. Uma noite, enquanto Tabby, minha esposa, e eu estávamos em um jantar, ele veio para a nossa casa. Miranda saiu para falar com ele porque sabia que se tivesse permitido que ele entrasse, ela estaria em apuros. Ele... Tentou estuprá-la.”

Lágrimas saíram dos seus olhos, frescas e livremente. Estas, Mackenzie pensou, foram o resultado direto de raiva furiosa daquele pai.

“A polícia foi chamada?” Perguntou Mackenzie.

"Sim. Nós entramos com uma ordem de restrição contra ele. A situação ficou muito feia, porque ele passava por aqui para vigiar a casa.”

“Quando foi a última vez que o viu?” Bryers perguntou.

“Primeiro ano do ensino médio de Miranda.”

“Você disse que ele se mudou para cá de outro lugar,” disse Mackenzie. “Sabe de onde?”

“Eu não tenho certeza,” disse ele.“Não muito longe. Miranda nunca falou sobre com detalhes.”

Mackenzie deu ao Bryers uma olhada e ele concordou. Ele pegou seu telefone celular e saiu da sala, de volta para o foyer. Quando saiu, ela o ouviu tossir novamente. Ela o pegou fazendo isso várias vezes hoje, mas não tão mal como tinha sido ontem.

“Agente White”, disse James. “Pode... Podemos vê-la? Não parece real.”

“Ainda não,” Mackenzie disse, encolhendo-se apenas ao pensar que alguém teria que explicar aos Peters o quão mal o corpo de filha deles estava. “A cena ainda está sendo analisada. Mas alguém entrará em contato com vocês em breve.”

Mais uma vez, James perdeu-se na sua tristeza. Ele caiu no sofá e gritou em uma almofada. Ele tinha facilmente cinquenta e cinco anos de idade, mas ele parecia

um menino naquele momento. Mackenzie não podia fazer nada mais do que sentar lá, sem jeito, e esperar aquilo passar.

Depois de alguns momentos, Bryers saiu rapidamente de volta para a sala. “Uma verificação rápida do histórico de Rick Dentry, em Moorefield, West Virginia, revela uma lista muito interessante de residências antes *e* depois de se mudar para Moorefield.”

“Como o quê?” Perguntou Mackenzie.

“Como um breve período em Strasburg, Virginia, enquanto estava na escola. Ele então se mudou com sua família para Moorefield. Ele ficou aqui até três anos atrás, quando ele trabalhou em Roanoke como entregador de móveis. Mas, em seguida, ele voltou para Strasburg, onde vive atualmente.”

“Puta merda,” disse Mackenzie.

“Ah, isso fica ainda melhor. Ele está atualmente trabalhando como operador de serra com uma empresa madeireira em Strasburg. Ele vem fazendo isso há oito meses. Mas você gostaria de saber o que ele estava fazendo antes disso?”

“O quê?” ‘Ele estava treinando para ser um guia turístico do rio no Parque Estadual Little Hill.”

CAPÍTULO QUINZE

Aparentemente, Rick Dentry tinha acabado de sair do trabalho. Ele estava de pé ao lado de sua caminhonete, tirando uma motosserra e uma lata de gasolina da parte traseira do carro, quando Mackenzie e Bryers chegaram na entrada da garagem dele que estava toda empoeirada. Rick Dentry olhou com desconfiança e ficou de pé atrás do caminhão quando eles saíram do carro. Ele tinha cabelo comprido até os ombros e uma barba que precisava ser aparada. Atrás dele estava o seu trailer, parecia que era frágil a ponto de um vento forte conseguir explodi-lo sem muita dificuldade.

“Posso ajudá-los?” Dentry perguntou quando Mackenzie e Bryers saíram do carro. Ele tinha um sotaque forte do interior que fazia as quatro palavras soarem como duas, como sendo faladas em alguma língua estrangeira bizarra.

Mackenzie mostrou seu distintivo e deu alguns passos em direção ao caminhão.

“Eu sou a Agente White e este é o Agente Bryers,” disse ela. “Nós estamos trabalhando em um caso em que o seu nome surgiu e nós esperamos que você coopere respondendo a algumas perguntas.”

“Um caso em que *meu* nome surgiu?” Perguntou.

“Sim,” disse Mackenzie. “Cerca de cinco anos atrás, você estava envolvido com Miranda Peters, correto?”

Ele parecia um pouco chocado. Ela assistiu ele processar a questão e esperou que ele se comprometesse ao responder. No caminho para a casa de Dentry, Clements ligou e deu alguns fatos sobre o passado de Dentry. Havia a ordem de restrição feita pelos Peters, bem como duas ocorrências por excesso de velocidade. Havia também uma queixa de abuso doméstico movida por uma ex-namorada que mais tarde tinha foi retirada quando descobriu-se que a ex-namorada dele acabou na prisão por pequenos furtos e assaltos, ela não era exatamente a melhor das fontes de informação.

Em outras palavras, ele tinha um registro bastante limpo. Se ele era o cara (e Mackenzie já duvidava disso), ele teria que ter cometido um deslize para que fosse incriminado.

“Eu não sei se diria “envolvido,” disse Rick finalmente respondendo a pergunta. O olhar em seu rosto deixou claro que aquele não era um assunto sobre o qual ele que gostava de falar.

“Você estava envolvido o suficiente para ter uma ordem de restrição contra você,” Mackenzie pressionou.

“Ah.” Ele riu e revirou os olhos. “Sim... Uma menina um pouco mais jovem do que você gosta de fazer sexo com você até que mamãe e papai descubram. E então, de repente, você é um cara mau.”

“Você fez sexo com ela antes da noite em que tentou estuprá-la?”

Ele sorriu. “Não foi tentativa de estupro. Ela estava me provocando um pouco e depois ficou muito preocupada com o que seus pais imbecis iriam pensar sobre nós.”

“Para sua informação,” disse Bryers, “seus pais atualmente estão

‘Olha,’ Rick interrompeu com um grito. “Eu fiquei bem longe daquela família desde a ordem de restrição. Nenhuma mulher vale a pena por essa quantidade de problemas. Então, é isso, se é o que vocês querem saber—”

‘Não é,’ disse Mackenzie. “Pelo menos, esperamos que não.”

“Então por que diabos vocês estão aqui?”

“Porque Miranda Peters foi encontrada morta esta manhã,” disse Mackenzie. “Ela foi assassinada de uma das formas mais medonhas que eu já tive o desprazer de ver.”

Ela estudou o rosto de Rick ao revelar a informação. Na maioria das vezes, ela poderia ler bem uma reação. Ela sabia como era uma genuína reação de surpresa e choque. Algo realmente apareceu no rosto

de Rick, mas ela não tinha certeza se era choque ou descrença. Parecia mais tristeza. Arrependimento, talvez.

“Você acha que eu fiz isso?” Perguntou Rick. “É isso?”

Ele parecia furioso e ela também podia ouvir alguma tristeza em sua voz. Vendo o olhar em seu rosto e ouvindo o ódio em sua voz, Mackenzie tornou-se muito consciente do fato de que Rick ainda estava segurando a serra em suas mãos. Ela também estava ciente de que ele estava mais preocupado em ser acusado do crime do que sobre a morte de Miranda.

“Não, nós não estamos o acusando ainda,” disse Mackenzie. “Neste momento, seria extremamente útil se você pudesse simplesmente provar o seu paradeiro na noite passada.”

“Eu posso facilmente fazer isso,” disse ele. “Mas isso não é da sua conta.”

“Ah, mas é,” disse Mackenzie. “Veja... Eu tenho *praticamente* razões suficientes para lhe algemar agora.”

“Besteira.”

“Diga-me, Sr. Dentry... Por que você não conseguiu ser um guia do rio do Parque Estadual Little Hill?”

Ele olhou para o chão e soltou uma risada teimosa. “Isso não é da sua conta, também.”

“Tudo o que tenho que fazer é ligar para descobrir. Mas eu tenho andando pelos arredores e feito ligações durante todo o dia. Mr. Dentry... Será que lhe interessa saber que o corpo de Miranda foi encontrado na floresta do parque Little Hill?”

Esse comentário pareceu desarmá-lo. E, desta vez, a expressão em seu rosto soletrou para Mackenzie: este definitivamente não é o seu cara.

“O quê?” Perguntou. “Como?”

“Isso é o que estamos tentando descobrir”, disse Mackenzie. “Então, por favor... Ajude-nos a descartá-lo dessa equação rapidamente.”

“Eu fui demitido do trabalho como guia do rio por causa do meu problema com bebidas,” disse Rick.

Sua voz ainda estava atordoada e fez Mackenzie cogitar se ele teve, no fundo, alguns sentimentos muito verdadeiros por Miranda Peters em algum momento. “Minha supervisora era a Debbie Henderson. Ligue para ela, se quiser. Ela vai te contar tudo.”

‘E sobre a noite passada?’ Perguntou Bryers. “Você tem um álibi confiável?”

“Eu vim para casa, jantamos e depois fomos para o bar. “The Oak Post” é o nome do bar. Posso dar nomes de pelo menos cinco caras que podem confirmar que eu estava lá até às onze, mais ou menos.”

‘E depois?’ Perguntou Mackenzie.

Rick acenou jogando o seu polegar por cima do ombro. “Depois disso, foi lar doce lar. Eu tive que acordar às cinco para ir para o local de trabalho.”

“Mr. Dentry, quando foi a última vez que viu Miranda Peters?” Perguntou Mackenzie.

Ele pensou sobre isso por um tempo e franziu a testa enquanto a memória vinha à tona. “Ela deve ter sido uma aluna do primeiro ano do ensino médio, eu acho. Eu fiquei caidinho por ela... Eu dirigi para a casa dela umas poucas vezes e

esperava vê-la, sabe? Na quinta ou sexta vez, eu a vi. Ela estava regando as flores de sua mãe no quintal da frente. Era muito bonita.”

‘Existe alguma coisa que você gostaria de acrescentar?’ Mackenzie perguntou, agora mais determinada do que nunca que Rick Dentry não tinha nada a ver com a morte de Miranda.

"Não," disse ele. “Só... Deus, ela está *morta*?”

“Sim,” disse Mackenzie. “Só mais uma coisa, Sr. Dentry. O quanto você diria que conhece os terrenos ao redor de Little Hill?”

“Bem, eu acho. Há partes que são realmente apenas nada mais do que bosques e mato que cresceu

excessivamente. Um monte de nada.”

‘Você conhece qualquer lugar onde as pessoas possam se esconder?’

‘Não de improviso,’ disse ele. “Mas você sabe, há histórias sobre pessoas sem-teto que costumam acampar ao redor do parque. Quando eu estava tentando ser guia, eu não acho que isso era um problema.”

‘Obrigada,’disse Mackenzie. “Nós agradecemos por ter gastado o seu tempo conosco.”

Ela e Bryers voltaram para o carro. Como eles saíram, Mackenzie viu que Rick Dentry ainda estava de pé ao lado da traseira de seu caminhão. Ele ainda segurava a motosserra como se não tivesse ideia do que fazer com ela.

“Você acha que ele é inocente?” Perguntou Bryers.

“Sim, ele não é o nosso cara.”

Ela olhou de volta para ele mais uma vez no retrovisor antes de Bryers levá-los para a estrada. Rick Dentry parecia um homem imerso em seus pensamentos, talvez olhando para o seu passado, para o momento em que tudo tinha dado errado para ele.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Era 5:15 no momento em que saíram da casa de Rick Dentry e Mackenzie estava exausta. A simples ideia de dirigir de volta para Quantico e fazer a viagem novamente no dia seguinte não fazia sentido para ela. Não fazia sentido para Bryers, tampouco. Enquanto Mackenzie estava dirigindo, ele ligou para McGrath e pediu autorização para passar a noite em Strasburg.

Vinte minutos mais tarde, eles fizeram check-in em um hotel pequeno mas surpreendentemente pitoresco. Eles pegaram dois quartos individuais e quando Mackenzie se esticou em sua cama ao fechar a porta, ela pôde ouvir Bryers no quarto ao lado. Ele estava tossindo novamente. Eram tosses secas e fortes que estavam começando a preocupá-la. Mas se ele continuava a não dar importância para aquilo, ela não via motivo para se preocupar com ele.

Ela quase andou para o quarto ao lado para ver se ele queria sair para para comer alguma coisa, mas decidiu não fazer isso. Ela estava cansada, e achava que ele estava cansado também, e ela precisava de um tempo sozinha para processar os eventos do dia. Ela folheou a agenda que encontrou na mesa de cabeceira e pediu comida chinesa.

Enquanto esperava pela entrega, ela separou todas as informações pertencentes ao caso. Ela colocou cada documento na cama e ficou de pé olhando para eles. Ela olhou para as imagens horríveis dos corpos, os relatórios sobre as pistas que tinha, até agora, tudo parecia que era apenas um monte de becos sem saída. Tinha que haver uma ligação aqui em algum lugar—uma ligação além do parque Little Hill e a condição dos corpos.

Ou talvez fosse a única ligação que ela realmente precisava e ela não foi capaz de decifrá-la ainda.

O que estou deixando passar? Ela refletiu. *Será que a resposta para tudo o que eu estou procurando está na minha cara?*

Ela olhou as anotações manuscritas de ontem de manhã e acrescentou Miranda Peters a tudo. Com relação às próprias vítimas, não havia ligações reais. O que ela sabia era que ela ainda não era capaz de afastar a sensação de que o desaparecimento de Will Albrecht, dezenove anos atrás, estava relacionado a tudo aquilo. Ela sentiu como se aquilo fosse uma peça-chave do quebra-cabeça.

Mas por quê? O que estava faltando?

Ela olhou uma lista das partes do corpo que tinham sido amputadas, à procura de uma conexão.

Poderia ser algo fisicamente motivado. Talvez espiritualmente também. Dedos, pernas, cabeças... Qual era a relevância daquelas partes, se havia alguma?

Ela olhou para as informações nos vinte minutos seguintes, vasculhando de um lado da cama para o outro. Ela não parou até que uma batida na porta quebrou sua concentração quando sua comida chinesa chegou.

Ela comeu, lentamente, carne de porco “moo shu” e biscoitos fritos, achando um pouco inquietante ter a capacidade de comer qualquer coisa com as fotos da cena do crime olhando para ela. Ela tentou descobrir o que poderia levar um homem a ser tão violento. Certamente ele estava ciente de sua necessidade de violência e de que o que ele estava fazendo era errado. E se fosse esse o caso, sua violência era provavelmente intencional, como o fato de despejar os corpos em locais espalhados por todo o parque.

Ele estava rindo da cara deles, jogando algum jogo demente de gato e rato? Não importa o quanto ela olhava para os mapas do parque, ela não conseguia ver nenhuma conexão, não nos locais onde os corpos haviam sido objecto de despejo ou no local de acampamento de Miranda Peters. Então, o que era tudo aquilo? Ela nunca foi de crer que pessoas matassem sem nenhuma razão. Mesmo se insanidade fosse a

origem, havia sempre alguma causa subjacente. Às vezes, era uma causa menor, como o assassino ter fascínio por outros assassinos... Um interesse que se tornou uma fantasia doente.

Mas não havia nada fantástico sobre estes assassinatos. A própria natureza dos desmembramentos dizia algo de muito mais básico, mais primitivo.

Ele queria atenção. Isso era óbvio. Isso a fez pensar que o assassino era uma criança só que nunca tinha conseguido elogios de seus pais ou o irmão de pessoas muito bem-sucedidas que nunca se sentiu realmente inserido na família. E uma vez que os corpos são de ambos os sexos, isso descartava qualquer motivo de sexismo.

O que mais? O que mais posso descobrir sobre ele?

Com base nas fotos da cena do crime, havia apenas uma coisa certa: eles estavam lidando com um indivíduo doente.

O pior de tudo era que ela *sabia* que eles iam pegar o bastardo se ele continuasse despejando suas vítimas nas terras do parque. Com drones aéreos e segurança extra ao longo das entradas para o parque, não havia nenhuma maneira de escapar. Eles pegariam ele, finalmente, mas a questão era quantos mais ele poderia matar antes de ser pêgo.

Com seu jantar quase terminado e o anoitecer quase tomando o céu do lado de fora da janela do quarto do hotel, seu celular tocou na mesa de cabeceira. Ela olhou para ele como se fosse um inseto irritante, mas percebeu que ela deveria atendê-lo. Quando ela o pegou, viu um código de área familiar que quase a fez ignorá-lo de qualquer maneira.

Alguém estava chamando de Nebraska.

Seu primeiro pensamento foi que era Zack, ligando para despejar a miséria que ele sentia por ela não ter se envolvido com ele ainda mais. Mas este não era o número de Zack, a menos que ele estivesse ligando do telefone de outra pessoa. Com seu interesse despertado, ela respondeu à chamada com um rápido, “Olá?”

“Ei. Mackenzie?”

A voz masculina do outro lado da linha era familiar, mas ela não pôde fazer esta conexão imediatamente.

“Sim, Mackenzie. Quem é?”

“Ei, fodona. É o Porter.”

O nome a deixou atordoada por um momento e a emoção que tomou conta dela a surpreendeu. Walter Porter—seu parceiro do DP de Nebraska. Ele tinha sido um parceiro que tinha se importado muito pouco com ela até seus últimos dias em Nebraska. E agora, quase seis meses após vê-lo pela última vez (em uma cama de hospital), era como receber um telefonema de um fantasma.

"Porter," ela disse, sua voz soando longe. "Meu Deus! Como você está?"

"Eu? Não tão mal. Com seis anos antes da aposentadoria, eles finalmente

decidiram me dar uma chance como detetive. Seu caso, eu acho. Difícil tarefa. E você, *Agente* White?

"As coisas estão indo bem," disse ela. "A Academia foi uma experiência, com certeza. Mas eu consegui."

“Eu estou contente de ouvir isso. Eu sei que isso não significa nada para você, mas eu estou orgulhoso de você.”

‘Isso na verdade significa mais do que você pode imaginar,’ disse Mackenzie.

Um breve silêncio se passou entre eles e foi então que Mackenzie se perguntou por que Porter estava ligando para ela. Ele nunca tinha sido o tipo de cara que ligaria apenas para conversar. Quando ela estava prestes a perguntar sobre o motivo da ligação, ele finalmente chegou ao ponto.

“Ouça,” disse Porter. “Eu tive que pedir um favor para ser a pessoa que iria te ligar. Eu pensei que poderia ser melhor ter essa conversa com alguém que você conhece do que com um cara duro do DP do estado de Nebraska.”

‘Qual é o problema, Porter?’ Ela perguntou.

“Não há nada *de* errado,” disse ele. “Mas alguns dias atrás, um investigador particular fodão descobriu algo que diz respeito a um caso antigo não solucionado. Não significa nada para ele, mas ele levou isso para o DP do estado e eles analisaram.”

‘Que caso?’ Perguntou Mackenzie.

“Bem, a partir desta manhã, a polícia do estado de Nebraska retomou o caso do seu pai. Não foi oficialmente reaberto ainda, mas se for, ele poderia ir para o FBI em breve. E... Bem, você sabe como eles funcionam. Interesses pessoais e tudo mais .”

Caso do meu pai? Ela ouviu bem? Só a ideia daquilo lançava um calafrio através do corpo dela.

Imagens do corpo de seu pai passaram velozmente por sua mente por um momento vertiginoso, ela sentiu como se ela estivesse no quarto onde ele tinha morrido.

“Você está aí?” Perguntou Porter. Sua voz soava como se estivesse a um milhão de milhas de distância.

“O caso do meu pai? Você tem certeza?”

‘Positivo.’

‘Eu não serei atribuída a ele,’ disse Mackenzie.

“É por isso que estou ligando. Para lhe alertar. Talvez você possa dar uma espiada antes que se torne uma coisa federal.”

‘Você sabe o que este investigador encontrou?’

“Eu não tenho ideia. Na verdade, eu nem sei muito sobre este novo caso. Eu estou tentando descobrir, mas não queria perder muito tempo antes de deixar você tomar conhecimento.”

‘Qual era o nome do investigador?’ Ela perguntou.

“Um cara pelo nome de Kirk Peterson. Você quer seu contato?”

“Isso seria ótimo. Você pode mandar para mim?”

“Pode apostar. Olha... cuidado, fodona.”

‘Você, também, velho.’

“Ai.”

“Porter desligou, deixando Mackenzie com uma espécie estranha de nostalgia girando em sua mente.

Em primeiro lugar, ouvir por Porter e depois por vê-lo desenterrar memórias de seu pai.

Meu pai, pensou.

Ela sempre se perguntou como seria se resolvesse seu caso um dia—talvez por conta própria, em seu tempo livre. Até esta manhã, o caso já estava morto há mais de vinte anos. Então, o que em nome de Deus poderia ter chegado a ponto

de fazer com que o Departamento do Estado de Nebraska desse uma segunda olhada no caso depois de todo esse tempo?

Mackenzie sentou-se na beira da cama, o caso do assassino do Parque Estadual momentaneamente foi esquecido. Perguntou-se quem poderia colocá-la de volta em Nebraska. Ela nunca tinha feito amizades no DP de lá e sabia que iria ser um inferno tentar passar por toda aquela burocracia.

Seu celular fez um barulho quando Porter mandou uma mensagem com a informação de contato para Kirk Peterson.

Olhando para ele, ela sabia o que tinha que fazer. E não ia ser fácil. Mais do que isso, seria provavelmente arriscado.

Ela suspirou e puxou um número que a fez suar apenas olhando para ele.

Ela, então, pressionou CHAMAR e só podia esperar e rezar pelo melhor.

CAPÍTULO DEZESSETE

A primeira chamada foi para McGrath. Enquanto esperava por ele, ela sentiu-se crescentemente nervosa e ansiosa. Seu estômago parecia que se amarraria em nós quando o telefone começou a tocar em seu ouvido.

McGrath respondeu no quarto toque e soou estranhamente agradável. *Bom,* ela pensou. *Talvez eu o peguei de bom humor.*

“É Mackenzie White”, disse ela.

“White, o que tem feito? Como estão as coisas lá em Strasburg?”

“Indo devagar, senhor. Detesto ter que dizer isso, mas não é por isso que estou ligando. É porque...

Bem, há algumas coisas acontecendo em Nebraska com a minha família. Um incidente muito sensível e grave relacionado com a minha família.”

‘Porque você está me contando isso?’

‘Eu gostaria da sua aprovação para eu ir lá’, disse ela. “Não deve demorar muito.

Talvez dois dias, por aí.”

McGrath ficou em silêncio por um tempo. Quando ele respondeu, seu bom humor parecia ter diminuído um pouco. “Você acha que precisamos de um outro agente lá para cobrir você?”

“Não, senhor,” disse ela. “Por uma questão fatídica, nós provavelmente teríamos que voltar para DC

amanhã. Eu vou, obviamente, ficar o mais atualizada possível através de e-mails e telefonemas enquanto estiver fora.”

‘Tudo bem’, disse ele. “Eu vou permitir isso. Confio que Bryers pode lidar com as coisas na sua ausência. Mas, com o risco de parecer insensível, não posso lhe dar mais do que 48 horas.

“Entendido?”

“Sim, senhor. Obrigado.”

Com a chamada terminada, Mackenzie respirou fundo. Supôs que tinha mentido para ele por omissão.

Claro, ela sabia que se McGrath descobrisse que ela estava indo para casa para enfrentar um caso potencialmente federal antes de realmente cair sob jurisdição federal, ele perderia as estribeiras... E com razão.

Ela sabia que estava se arriscando muito. McGrath estava finalmente começando a ficar mais caloroso com ela e ela estava envolvida em um caso bastante mais relevante agora. Abandoná-lo por razões que poderiam, eventualmente, causar-lhe ainda mais problemas e hostilidade com McGrath e seus superiores beirava a tolice.

Mas esta era a sua família. Este era o seu *pai.* E se ela pudesse finalmente resolver o caso e deixar tudo aquilo para trás, talvez os terríveis pesadelos iriam finalmente parar.

Ou, uma parte mais sábia de seu pensamento dizia que , *revisitando tudo aquilo poderia deixar os pesadelos ainda* piores.

Ela pensou no sonho que tinha tido com um coelho—um sonho distorcido que representa um evento real de sua vida. Embora tivesse sido uma variação que a tinha tirado dos seus sonhos com o quarto encharcado de sangue, ele ainda assim tinha sido terrível.

Mas ela não tinha pensado em seu pai dessa forma há um longo tempo. Nesse sonho, mesmo que apenas por um momento, ela tinha chegado a se lembrar dele como o homem amável e divertido que tinha sido. Era uma lembrança que o pesadelo do quarto e a descoberta de seu corpo tinham roubado dela.

Escolhendo não dar à essa linha de pensamento qualquer fundamento, ela reuniu-se todas as anotações do caso sobre o assassino do parque e as jogou em sua bolsa sem muita organização, algo que era muito diferente da conduta dela. Quando ela fez isso, ela acessou o Expedia em seu telefone e reservou o

primeiro vôo que pôde para Lincoln, Nebraska. O melhor que podia fazer era um vôo de Dulles às 23:05, com duas paradas antes de levá-la para Lincoln às 8:35

na manhã seguinte.

Para chegar em Dulles, porém, ela teria que percorrer um trajeto. Ela brincou com a ideia de chamar um táxi, mas não se sentia bem. Em um momento de vulnerabilidade que ela não esperava, ela sabia que queria o Bryers neste assunto. Ela não queria sua ajuda unicamente, mas ela precisava compartilhar isso com *alguém.* Sentia-se segura em saber que ele não iria delatá-la para McGrath e, mais que isso, ela estava realmente começando a confiar nele como um amigo e confidente.

Era logo após oito horas, quando ela bateu na porta dele. Ela tinha uma muda de roupa, no porta-malas do carro—algo que ela tinha embalado caso precisassem ficar mais em Strasburg (o que agora parecia brilhante da parte dela).

Quando ele chegou à porta, ela podia ouvir Bryers tossindo. Era quase um som comum agora, mas ainda a deixou preocupada.

Ele pareceu surpreso ao vê-la na porta. Ele também havia, aparentemente, pedido comida já que estava comendo uma enorme fatia de pizza.

“Ei, White. O que está acontecendo?”

‘Então... Eu acho que preciso lhe perguntar se podemos andar mais de carro esta noite depois de tudo o que já aconteceu,’ disse ela.

“Eu pensei que ficaríamos aqui para evitar o deslocamento.”

“Foi,” disse ela. “Mas alguma coisa... Aconteceu.”

Ele olhou para ela com curiosidade por um momento e então franziu a testa. “Você está bem?”

Ela sentia como se fosse chorar a qualquer momento, mas conseguiu engolir o choro. “Eu não sei”, disse ela. “Mas agora, eu preciso de você para me levar em DC—para Dulles. Se você não puder, eu vou pegar um táxi. Fica a menos de uma hora e—”

‘Não, não, eu vou levá-la,’ disse ele. “Mas... Dulles? Para que diabos?”

“Eu só recebi um telefonema de um homem com quem trabalhei no DP de

Nebraska. Ele estava ligando para me dar um alerta sobre um caso... Um caso que parece estar ligado ao meu pai.

Bryers pensou nisso por um momento e assentiu. “Ele te chamou para avisá-la, não foi? Ele queria que você soubesse antes que os federais o recuperassem.”

"Sim. E Bryers... Eu sei que é pedir muito, mas preciso que você mantenha segredo. Eu convenci McGrath sobre a ideia de voltar, mas eu não fui totalmente honesta com ele. Eu só... Eu *não* posso ficar sem verificar isso e…”

‘Está tudo bem,’ disse Bryers. “Nós estamos falando sobre seu pai. Seu segredo está seguro comigo.

Apenas... tenha cuidado.”

“Terei. Então, e a carona?”

“Claro,” disse ele. “Apenas preciso me vestir.”

***

Fazer a transição das florestas de Strasburg para o tráfego intenso em Dulles era quase um sonho para Mackenzie. Ela estava distraída com a ideia do caso de seu pai sendo reaberto. Mesmo depois de ter dito tudo ao Bryers, desde a morte de seu pai até a chamada de Porter, ela achou difícil de acreditar em tudo aquilo.

Quando Bryers colocou o carro no meio-fio do aeroporto, ele abriu o porta-malas e saiu com White.

Mackenzie agarrou sua pequena bolsa e jogou por cima do ombro.

“Obrigada, Bryers”, disse ela

“Disponha,” disse ele. "Seu segredo está seguro comigo. Mas se você passar das quarenta e oito horas que o McGrath lhe deu, eu receio que não poderei

ajudá-la.”

“Eu sei. Eu vou fazer o meu melhor. E, por favor, mantenha-me informada sobre quaisquer atualizações sobre o caso do parque.”

‘Manterei’, disse ele.

Depois de um breve silêncio, desajeitado, Mackenzie virou e se dirigiu para o aeroporto. Ela sentiu que a sua saída de perto de Bryers tinha sido muito breve, quase rude, de alguma forma. Mas ela estava trabalhando contra o relógio. Ela podia lidar com o sentimentalismo mais tarde.

Dentro do aeroporto, ela fez o check-in, agarrou seus bilhetes e se dirigiu para o banheiro. Ela se trancou em um banheiro, trocou-se com a única muda de roupa que tinha na bolsa, e fez o seu melhor para refrescar-se. Nas pias, ela jogou um pouco de água fria em seu rosto, arrumou o cabelo, e então foi em busca de seu portão de embarque.

Sentou-se e percebeu que ainda tinha uma hora e meia antes de o avião partir. Ela se perguntou se ela poderia ser capaz de tirar um cochilo nas cadeiras desconfortáveis de lá, mas desistiu depois de dez minutos.

Enquanto esperava, havia uma coisa que continuava vindo à sua mente... algo que sabia que precisava fazer, mas não conseguia ter a paciência para suportar. Com um suspiro pesado e um mal-estar no estômago, Mackenzie tirou seu telefone e buscou um nome no qual ela tinha pensado muitas vezes desde que foi para Quantico.

Stephanie.

Dizer que Mackenzie e sua irmã mais nova, Stephanie, tinham um relacionamento distante era muito gentil. Elas sempre estiveram em desacordo; mesmo antes da morte do pai delas, quando elas passaram pela infância, não se davam bem. Mas foram os anos que seguiram a morte de seu pai e a decadência gradual de sua mãe rumo a um surto psicótico que realmente as prejudicou. Stephanie decidiu deixar o sofrimento e a desordem de sua vida defini-la, enquanto Mackenzie tinha trabalhado duro para ter certeza de que escaparia. Isso no final das contas levou Stephanie a uma vida de relacionamentos abusivos, empregos escassos e drama contínuo. Mackenzie, por outro lado, estava atualmente no meio do bem-estar de ter alcançado um objetivo que tinha definido para si mesma depois que seu pai morreu.

Com toda essa história pesada em seu coração, Mackenzie pressionou o botão CHAMAR.

O telefone tocou quatro vezes antes de ser atendida. Antes de ouvir a voz de Stephanie, havia uma batida alta do outro lado. A música alta pulsava através do telefone de Mackenzie a partir do do telefone de Stephanie.

“Olá?”, disse Mackenzie.

“Sim?” Perguntou Stephanie. “Quem é?”

“É Mackenzie.”

Mais uma vez, ela só podia ouvir a música tocando ao fundo. Mackenzie assumiu que Stephanie estava fora em algum lugar festejando e bebendo. Ela tinha certeza que era onde cerca de metade do salário semanal de sua irmã ficava.

“Oh,” Stephanie disse, simplesmente confusa ou desapontada. “O que foi?”

“Eu queria que você saiba que eu vou voltar para Nebraska por um tempo. Eu queria saber se você talvez quer me encontrar para almoçar ou algo assim.”

‘DC não dá mais para você?’ Perguntou Stephanie.

O tom de sua voz e o sentimento de estar à beira do aborrecimento confirmou o que Mackenzie tinha pensado: Stephanie estava bebendo.

“Bem, eu só vou estar fora por um ou dois dias.”

“Ok”, disse Stephanie, claramente não se importando.

Vai ter que ser dessa maneira, então, pensou Mackenzie. “Eu voltarei, para o caso do meu pai”, disse ela. “Algo veio à tona sobre o caso no DP do estado que levantou questões suficientes para terem um outro olhar para o caso.”

Stephanie ficou em silêncio novamente. A música continuou a retumbar em seu ouvido. Era uma terrível música country-pop da atualidade. “Steph?”

“Por qual razão dos infernos este caso foi reaberto?” Disse Stephanie.

“Eu não tenho certeza ainda”, disse Mackenzie. “É por isso que eu estou indo lá.”

“E você está me dizendo isso *por quê?”* Perguntou Stephanie.

“Porque eu pensei que você gostaria de saber. Eu pensei que você queria,”

“Não, Mackenzie. Porra! Por que você não pode simplesmente deixar isso pra lá? Ele está morto.

Nada vai mudar isso. E qualquer que seja a culpa que tem sempre a motiva, é desperdício de tempo e energia.”

‘Não é culpa’, disse Mackenzie. Embora, quando os pesadelos eram piores, ela costumava acordar com uma emoção muito parecida com culpa esfaqueando-a no coração.

“Eu não me importo o que é”, disse Stephanie. “Olha ... obrigado por pensar em mim. Mas nãoo.

Deixe-me fora disso.

Antes de Mackenzie falar outra palavra, Stephanie desligou.

Mackenzie lentamente colocou o seu telefone de lado, querendo gritar, querendo chorar, querendo fazer um buraco na parede do aeroporto.

Mas ela não fez nenhuma dessas coisas. Em vez disso, ela encontrou o café mais próximo ao longo do aeroporto e sentou-se em silêncio enquanto esperava seu avião para embarcar quando uma espécie triste de antecipação percorreu sua mente. O caso de seu pai estava à beira de ser reaberto.

E todos os seus piores pesadelos estavam prestes a tomar vida.

CAPÍTULO DEZOITO

Brian Woerner não tinha ideia do que estava acontecendo em Little Hill, mas ele pretendia descobrir.

Ele tinha visto pela primeira vez o drone voando sobre a propriedade quando saiu de sua casa para verificar sua caixa de correspondências. Ele trabalhava em casa, então, qualquer coisa fora do comum que acontecesse lá fora era de grande interesse para ele, mesmo quando alguém fazia algo tão simples como

paisagismo em sua rua.

Ele vivia a meia milha da entrada para o parque, ele também tinha notado a presença policial entrando e saindo do parque. Isso, somado ao fato de que ele tinha visto o drone que paira sobre as copas das árvores, o fez pensar que havia algo acontecendo ali.

Trabalhando em casa como um blogger e editor não ficcional, Brian, por vezes, encontrou-se pesquisando coisas interessantes e muitas vezes controversas. Talvez tenha sido esta faceta do seu trabalho que lhe deu uma inclinação especial para uma desconfiança do governo e para conspirações. E

enquanto não havia helicópteros pretos sem identificação na área, Brian encontrou-se muito interessados no que poderia estar atraindo a polícia do parque Little Hill. Ele tinha certeza de que a polícia local não tinha a necessidade ou o orçamento para a tecnologia de drone, então *aquilo* o fez se perguntar em que os federais estavam envolvidos.

E isso é o que o fez decidir fazer uma pesquisa por si só. Seu blog geralmente se concentrava em conspirações governamentais, de eleições presidenciais fraudulentas a esforços de divulgação sobre bases UFO. Se havia algo obscuro acontecendo em Little Hill, isso iria se encaixar perfeitamente com o seu conteúdo habitual. E ele pode até mesmo ser o primeiro a dar a notícia.

Claro, uma ida ao parque até o centro do visitante mostrou para ele que o parque estava fechado. Não havia nenhuma razão explícita, apenas um cartaz na cabine do guarda que afirmava que o Parque Estadual estaria fechado ao público até aviso prévio.

A evidência de algo suspeito estava se acumulando mais e mais. E é por isso que ele se viu pegando uma estrada de volta para a entrada traseira do Little Hill, menos de uma hora depois de ser afastados pelo guarda. Como um cara de vinte e cinco anos de idade que passou sua adolescência fazendo muito sexo nas traseiras dos carros e camas de caminhões nestas florestas, ele sabia todos os cantos do parque.

Ele tinha, de fato, passado a maior parte do seu tempo livre aos quinze e dezesseis anos de idade, propositadamente andando pelo parque em busca de lugares para trazer as meninas.

Então, quando ele viu um jipe do parque bloqueando a entrada dos fundos, Brian não se desesperou.

Ele sabia de pelo menos quatro outros caminhos para o parque, pelo menos dois dos quais ele tinha certeza de que os guardas do parque não se incomodariam em bloquear.

Ele acabou de volta através das estradas vizinhas, desta vez estacionou seu carro na boca do que tinha sido uma estrada de terra usada por caçadores quando ele era criança. Ele trancou seu carro, pegou seu telefone e câmera, e começou a andar.

Vários metros acima da velha entrada para a pista de terra, havia uma antiga corrente pendurada entre dois postes de madeira. Uma placa simples, “ Não Ultrapasse”, estava no meio da placa, crivada de buracos de bala. Brian ignorou este sinal (como fazia quando era adolescente) e caminhou estrada acima antes de entrar na floresta. Os bosques estavam por toda parte, mas ele escolheu a mata mais densa à direita.

Ele sabia imediatamente que haveria uma colina que iria levá-lo para baixo, para uma área plana de terra. Por causa de suas andanças na adolescência, ele conhecia bem essas florestas. Ele nunca entendeu o motivo que levava as pessoas que diziam amar a natureza a ter calçadas pavimentadas em um parque onde havia tanta vida selvagem para ser explorada.

Na parte inferior do morro, um riacho fino traçava o seu caminho através dos bosques. Ele deu um grande passo e pulou sobre ele, e quando ele estava do outro lado, ele viu uma linha de marcadores de madeira cobertos com tinta vermelha. Os marcadores tinham cerca de 60 cm de altura e, ele sabia, serviam como fronteira física do local onde começava a parte oeste do parque estadual. Cerca de uma milha por dentro da floresta, ele sabia que chegaria à uma trilha, uma trilha secundária de terra que acabaria ao lado do riacho que tinha acabado de atravessar. Era um caminho muito mais bonito de se admirar do que as trilhas oficiais do parque, mas eram também um caminho mais aventureiro.

Ele estava indo para aquela trilha, certo de que poderia usá-la para chegar perto o suficiente das trilhas pavimentadas centrais. De lá, talvez ele seria capaz de ter uma boa ideia sobre o que estava acontecendo. Ele caminhou em silêncio e ficou olhando para o céu. Se o drone viesse e ele fosse visto, ele não tinha certeza do

quão problemático seria sair do parque, bem como escapar da segurança nas entradas secundárias.

Foi durante uma de suas análises do céu que ele ouviu os passos saindo do bosque à sua esquerda.

Droga, pensou Brian. Eles tinham oficiais aqui, investigando o local?

Ele começou a recuar lentamente, pronto para correr de volta pelo caminho que ele tinha vindo, esperando que ele poderia fazê-lo de volta até a colina sem ficar sem fôlego. Mas, quando ele estava prestes a começar a corrida, ele viu um homem sair da mata fechada da floresta à sua esquerda. Ele certamente não era um policial e provavelmente não era um guarda florestal, também,. Ele estava vestido com uma camiseta preta e um jeans desbotado. Ele poderia estar confuso, talvez perdido na floresta.

Ele estava carregando algo em suas mãos, escondendo atrás das costas. Brian não sabia dizer o que era, mas ele tinha certeza que era algo longo. Um rifle, talvez?

“Oi”, disse Brian. “Você me deu um susto.”

“Ah, é?” Perguntou o homem. "Desculpe-me. Eu não queria.”

O homem chegou mais perto e mais perto, caminhando lentamente. Quanto mais se aproximava, mais Brian podia ver que a expressão em seu rosto não era de confusão. Ele não tinha certeza do que era, exatamente. Os olhos do homem estavam arregalados e ele tinha um leve sorriso no rosto.

Instintivamente, Brian deu um passo afastando-se.

“O que você faz na floresta em um dia como este?”, perguntou o homem.

Apenas andando por aí, sabe?” Brian disse. ‘Eu estava indo o parque, mas os policiais parecem ter fechado o local temporariamente.’

Brian esperava que a menção sobre os policiais pode assustasse o homem. Ainda assim, o homem se aproximou. Foi então que Brian finalmente viu o que ele estava segurando atrás das costas. Era um machado velho e gasto.

“Sim, os policiais gostam foder com tudo em lugares que não são desejados”, disse o homem. ele olhou ao redor para a floresta e, finalmente, pegou o machado atrás dele. “O que eles poderiam fazer em um lugar bonito como este?”

Talvez fosse o tom do homem ... ou talvez o olhar em seu rosto. Fosse o que fosse, Brian não gostou.

Ele começou a andar devagar para trás sem ficar de costas para o homem. Dar as costas a este homem de repente parecia uma ideia muito ruim.

Brian riu nervosamente em resposta ao comentário do homem sobre policiais, principalmente porque ele não tinha ideia do que fazer.

“Você parece ter encontrado um caminho para o parque, no entanto,” o homem disse. “Isso é muito engenhoso.

“Bem, eu a conheço muito bem”, disse Brian.

“Sim, eu também”, disse o homem. “Eu a conheço muito bem.”

Lentamente, ele enfiou a mão no bolso e retirou seu telefone. Ele tinha a sensação de que chamar logo o 911 poderia ser uma boa ideia.

Mas assim que ele tocou na tela do aparelho, o homem veio em uma corrida louca. Ele se moveu tão de repente e tão rápido que Brian mal teve tempo de reagir. Ele deixou escapar um pequeno grito de surpresa e, em seguida, virou-se para correr.

Ele fez isso em três passos antes que o homem o pegasse.

Algo duro golpeou-o por trás, colidindo com a parte traseira de sua cabeça.

Antes que o mundo ficasse negro e sua cabeça explodisse, Brian tinha tempo suficiente para pensar: *Ele não conseguiu me pegar com a ponta do machado, mas a extremidade plana. Eu não estou morto.*

Eu ainda não estou morto.

CAPÍTULO DEZENOVE

Mackenzie tinha conseguido adormecer no trecho final do voo para Lincoln depois de sair sonolenta nas paradas e breves escalas. Ela acordou ao som do piloto anunciando que iriam desembarcar em dez minutos e quando as rodas do avião batessem no chão, seriam 08:07 em Nebraska.

Ela perdeu muito pouco tempo, só parando em uma pequena lanchonete dentro do aeroporto para pegar um muffin e um café antes de ir para a loja de aluguel de automóveis. Foi até ela chegar ao volante que percebeu que nunca tinha sequer se incomodado em criar qualquer tipo de plano. Era intencional, no entanto. Por mais que ela odiasse admitir para si mesma, ela não queria ter qualquer tipo de plano. Ela não queria pensar demais sobre aquilo, especialmente porque ela agora tinha menos de quarenta horas para estar de volta em Strasburg.

Antes de sair da garagem de automóveis de aluguel, Mackenzie abriu o texto que Porter tinha enviado.

Ela não hesitou enquanto ligava para o número de Kirk Peterson. Ele respondeu ao primeiro toque, como se ele estivesse esperando por sua chamada toda a manhã.

“Olá?” Ele disse.

“Kirk Peterson?”

“É ele falando”, disse ele.

“Quem fala é Mackenzie White. Eu estou,”

‘Eu sei quem você é’, disse ele com uma pitada de malícia em sua voz. “Seu amigo Walt Porter me disse que você provavelmente ligaria.”

“Bem, eu estava esperando que você tivesse tempo para se encontrar comigo.”

“Você está em Nebraska?” Perguntou ele, surpreso.

"Sim. Lincoln.”

‘Nesse caso, sim, eu ficaria feliz em me encontrar com você. Você toma café?’

Ela olhou para a xícara que tinha comprado no aeroporto, quase vazia no porta-

copos do carro. “Sim.”

“Vamos nos encontrar para um café, então,” ele disse. “Eu posso te encontrar em meia hora.”

***

A primeira reação de Mackenzie sobre Kirk Peterson era de que ele era um homem lindo. Quando ele sorriu enquanto ela se sentou à mesa com ele em uma Starbucks a dez minutos de distância do aeroporto, ela pensou que ele parecia uma versão mais masculina de Ryan Reynolds. Ele era ridiculamente bonito, mas tinha uma qualidade nele que a fez pensar que ele seria um grande aventureiro. Ele parecia estar em seus trinta e poucos anos. Uma sombra das cinco da tarde cobria a metade inferior do rosto dele e um par de olhos castanhos profundos dominava a metade superior.

Ele estava vestido com uma camisa branca básica de botões, uma gravata e jeans escuros. Além de sua xícara de café, ele também tinha uma pasta em cima da mesa.

“Olá”, disse ele, estendendo a mão. “Kirk Peterson.”

“Mackenzie White”, disse ela. “Obrigada por se encontrar comigo.”

“De nada. Eu entendi que este caso recente pode ter potenciais links com a morte de seu pai.”

‘Bem, isso é o que Porter diz,’ disse ela. “Mas ele não tem muita informação.”

“Seja direta comigo aqui”, disse Peterson. “Você está tentando pegar isso antes que caia nas mãos dos federais, certo?”

“Certo.”

“Nesse caso, eu acho que você deveria ouvir sobre o caso, eu acabei de concluí-lo.” Ele deslizou a pasta para ela, mas não tirou a mão de cima imediatamente. “Você pode se inclinar para ver. Se alguém passar e ver algumas das fotos que estão aqui, eles podem vomitar seus chás e cafés com leite.”

Ela abriu a pasta, inclinando-se. Quando ela começou a procurar através dos

documentos e fotos, Kirk Peterson começou a dar as informações básicas do caso.

“Começou com uma esposa me chamando para pegar o marido que potencialmente a estava traindo *e* lentamente acabando com a poupança da faculdade do filho deles. Então, eu o vigiei e descobri que ele não estava traindo a sua esposa, mas ele *estava* tendo algumas reuniões de fim de noite com um grupo de pessoas que fazem parte de um cartel de drogas que opera no Novo México. Isso não fazia sentido, porque esse cara era totalmente “limpo”. Sem registro, sem antecedentes, assistente técnico na equipa de futebol Pee Wee de seu filho, tudo correto como deve ser.

“Então, quando eu tive provas suficientes para apresentar a esposa e a polícia, eu sabia que eu tinha que fazer uma ligação, uma dura ligação que iria arruinar com uma vida perfeita de moradores de bairro nobre. Apenas, cerca de meia hora antes de fazer a ligação para a esposa, eu recebi um telefonema. Foi do DP local em Morrill County, onde o cara vivia. Sua esposa o encontrou morto em seu quarto com dois buracos de bala na parte de trás da cabeça. Ela estava em casa quando aconteceu e ela não se lembrava de ter ouvido nenhum tiro.”

Mackenzie olhou para as várias fotos na pasta. Seu coração pulou uma batida. As imagens poderiam ter sido tiradas diretamente de seus pesadelos. Um homem estava de bruços em sua cama, sangue nos lençóis, cabeceira e paredes. Ela não podia ver o rosto do homem, tornando muito mais fácil para ela imaginar que era seu pai.

“E você está certo de que a esposa é inocente?” Perguntou Mackenzie. “Ela pensou que ele poderia estar lhe traindo. Talvez ela ficou com ciúmes e,”

Ela parou de falar, já sentindo que era uma pista fraca para perseguir.

“Eu pensei a mesma coisa”, disse Peterson. “Mas isso não se encaixou na situação. A polícia está certamente investigando e tenho certeza que os federais irão com força quando pegarem o caso. Mas eu quase posso lhe garantir que a esposa não fez isso.”

Ele fez uma pausa, como se estivesse esperando por ela. Ela ainda tinha alguns documentos para percorrer, principalmente fotos da cena do crime que, felizmente, não incluem o corpo. Ela folheou o resto quase casualmente, mas depois parou quando se aproximava do fim.

Ela piscou os olhos impulsivamente para se certificar de que eles estavam trabalhando direito. Ela olhou para uma das imagens... um documento onde duas imagens foram colocadas lado a lado. Por um momento, ela literalmente esqueceu de respirar.

“Sim”, disse Peterson. “Eu queria que você visse. Não havia nenhuma maneira de ter explicado isso corretamente sem mostrar as fotos.”

Ela só balançou a cabeça. O documento mostrou duas imagens. Uma delas foi a frente de um cartão de visita e o outro era a parte de trás do cartão de visita com algo rabiscado nele.

“Isto foi encontrado na cena?” Perguntou ela.

“Sim.”

Ela olhou para o cartão ainda mais. Na frente do cartão tinha escrito: *Barker Antiguidades: Peças Colecionáveis Raras Novas ou Antigas.*

As palavras fincaram seu coração. Ela tinha visto este cartão antes, mas não este *exato*.

Ele havia sido encontrado no bolso de seu pai após sua morte.

Mas as palavras na parte de trás fez disso algo bastante singular. Não havia nada na parte de trás do cartão encontrado no bolso de seu pai há quase vinte anos.

Ela olhou para as palavras e sentiu um pouco de choro fraco subindo pela garganta.

Havia um nome rabiscado no verso deste novo cartão, escrito em letra cursiva.

Benjamin White.

O nome de seu pai.

CAPÍTULO VINTE

“Isso não faz sentido.”

As palavras pareciam finas ao sair da boca de Mackenzie. Vinte minutos se

passaram desde que ela tinha visto a imagem do cartão de visita e eles tinham prontamente deixado a Starbucks. Eles estavam atualmente no carro de Peterson. Ele estava dirigindo quando ela olhou atordoada através dos documentos novamente.

“Eu sei”, disse Peterson. “Talvez visitar a cena vai ajudar. Eu sei que você tem um talento especial para dissecar uma cena.”‘Você disse que foi em Morrill County?’

“Sim. A casa fica a cerca de uma hora e quarenta minutos de distância. Você pode ficar no carro comigo por tanto tempo?”

Uma hora e quarenta minutos, ela pensou com um pouco de humor seco. *Apenas meio tímida a respeito da distância entre Quantico e Strasburg.*

“Sim”, disse ela. Ela já não estava mais distraída com a aparência dele. O peso leve da pasta no colo estava pesando agora, a única coisa em que o seu cérebro pode focar. Ela olhou para as fotos do homem na cama, um homem chamado Jimmy Scotts, de acordo com as informações do arquivo. Ela fez o seu melhor para não sobrepor a imagem de seu pai sobre as imagens do homem, mas era difícil.

“Essa conexão”, disse Peterson. “O cartão de visita. Você tem alguma ideia?”

‘Nada’, disse Mackenzie. “Quando meu pai foi morto, a polícia e o FBI procurou em todos os lugares, mas não conseguiu encontrar a Barker Antiguidades. Houve um lugar no Maine, mas o cartão de visita era muito diferente e era de um veterano de setenta anos de idade. Eles analisaram o lugar incansavelmente mas não havia nenhuma conexão.”

‘Eu tenho os mesmos resultados’, disse Peterson. “O lugar parece não existir.”

“Mas por que alguém iria imprimir até cartões de visita para um negócio falso?”

“Me confunde”, disse Peterson. “É como você disse... não faz sentido.”

Isso é uma subavaliação, pensou enquanto ela finalmente desviava o olhar da pasta no seu colo para a paisagem estranhamente familiar de Nebraska que aparecia de fora da janela do Peterson.

***

Sua circuito através Morrill County levou-os em uma rota que contou com uma vista distante da rocha Chimney Rock. Mackenzie assistia cume à distância e, pela primeira vez, percebeu que havia algo sobre Nebraska que ela perdeu. A beleza dos longos trechos de terra, a sensação de isolamento, os amplos céus abertos.

Sua saudade foi curta, no entanto. Vinte minutos depois de colocar a Chimney Rock no retrovisor, Peterson dirigiu um pequeno bairro nobre. Ele tomou foi mais fundo no bairro e, finalmente, parou na frente de uma casa bonita de dois andares.

“A esposa está com sua irmã agora, em Omaha”, disse Peterson. “Ela já me deu o sinal verde para revisitá-la. A polícia local concorda, também. Honestamente, eu acho que eles estão com uma espécie de esperança de que os federais passem por aqui o mais rápido possível.”

Eles,saíram do carro de Peterson e entraram na residência dos Scotts. Embora o lugar estivesse vazio, ele tinha a sensação de um espaço que recentemente tinha sido preenchido com as pessoas indo e vindo; era um sentimento com o qual Mackenzie havia se acostumado desde que começou como uma detetive em um lugar não muito longe daqui, na verdade.

Peterson a levou através da casa, em direção ao quarto. Ela tomou notou a caixa de lenços na mesa de café na sala de estar. Vários usados e amassados na mesa e no chão. Ela observou cada detalhe que pudesse encontrar apenas para se distrair: um quadro ligeiramente torto na parede, a poeira em cima de uma lâmpada decorativa no corredor e uma ilustração do Superman no chão, fora do quarto, descendo o corredor .

Mas ela já não podia distrair-se quando Peterson abriu a última porta ao longo do corredor. Ele empurrou-a e Mackenzie entrou.

A cama estava desarrumada mas a cena de outra forma parecia exatamente como nas fotos de Peterson, sem um corpo. Os respingos de sangue na parede e na cabeceira permaneceram.

“Há quanto tempo ele morreu?” Ela perguntou.

“Cerca de 48 horas ou mais”, disse Peterson.

“E ninguém esteve aqui desde que você esteve?”

“Eu não acho. Talvez alguns forenses do Estado. Este era originalmente meu caso, mas eu não sou exatamente um policial, não importa o quanto a mulher tentasse me colocar no comando de tudo.”

Mackenzie caminhou lentamente ao redor da cama. Ela fez uma careta quando estudou os respingos de sangue na parede. Eles tinham uma ligeira inclinação para a direita, indicando que Jimmy Scotts havia sido baleado em ângulo; o atirador estava provavelmente de pé à sua esquerda quando puxou o gatilho.

Scotts também estava provavelmente dormindo quando foi baleado na parte traseira da cabeça, sem se mexer.

“Você disse que a esposa estava em casa quando aconteceu?” Perguntou ela.

"Sim. Na sala de estar, assistindo Jimmy Fallon. Ela não sabia que ele estava morto até que ela veio para a cama e sentiu o sangue nos lençóis.”

“Se Fallon estava no ar, era provavelmente entre 22:30 e 23:30, sim?”

‘Isso é o que achamos.’

‘E você tem certeza de que a esposa não seria suspeita?’

‘É extremamente duvidoso.’

‘Tenho chances de falar com ela?’

“Eu posso dar o contato dela se *realmente* quer isso, mas ela não vai falar com você. Ela está devastada. E duvido que você pudesse falar com ela mais tarde. A não ser que você consiga fazer uma mágica para ser designada para o caso.”

***

Ela estudou o cômodo, olhando por trás dela . Havia duas janelas ao longo da parede traseira. Ela caminhou até elas e procurou por sinais de arrombamento e invasão. Havia algumas marcas de riscos ao longo da borda externa, mas nada

condenável.

“Estou indo de volta para fora,” ela disse.

‘Indo para verificar as janelas? Peterson perguntou.‘Eu fiz isso. Mas apenas para fazer o básico costumeiro da minha averiguação. O que você está pensando?’

“Eu estou pensando que os respingos de sangue estão em ângulo e que o atirador *tinha* que estar atrás dele e atirando da esquerda. Eu também acho que ele estava muito tranquilo, mas não tranquilo o suficiente para entrar através da janela ao lado da cama. Uma dessas janelas tem que ser por onde o cara chegou. Nelas ou pela porta da frente.”

Peterson fez um som de *hmmm* quando a seguiu para fora pela porta da frente e foram para a lateral do quintal dos Scotts. O quintal era pequeno, o lote era cortado por uma fina carreira de árvores que

separava a maior parte do quarteirão do quarteirão seguinte. O quintal em si tinha talvez um quarto de um acre, não muito grande.

Ela foi até a janela e era um pouco alto demais para se olhar. Isso instantaneamente a fez olhar para o chão. Ela olhou para detectar quaisquer sinais de entalhes-do atirador tendo que usar algo como um banquinho para chegar à janela. Ela procurou por dois minutos e nada. Ela, então, observou o quintal procurando por qualquer objeto que alguém poderia ter usado para subir na janela. Mais uma vez, ela não viu nada. Havia uma bicicleta vermelha, presumivelmente do filho de Jimmy Scotts, encostada na parede distante dos fundos da casa, mas uma verificação rápida não mostrou sinais de alguém ter usado isso como uma escada improvisada.

“Precisa de um impulso?” Peterson perguntou com um sorriso quando ela começou a olhar para as janelas novamente.

“Não, obrigado”, disse ela, tentando não parecer frio.

Eles voltaram para dentro, de volta ao quarto. Lá, Mackenzie abriu as janelas e olhou para o quintal.

Com a cabeça de fora da janela, ela poderia dar uma boa olhada lá fora. Mais uma vez, ela não conseguia ver nada que indicasse uma entrada forçada.

Ela olhou de volta para a cama sem roupas de cama. “Alguém já verificou os contatos da vítima para ver se ele conhecia alguém que pode conhecer um lugar chamado Barker Antiguidades?”

“Não que eu saiba. Você acha que alguém deveria fazer isso?” Perguntou.

"Sim. E o departamento vai atribuir a alguém quando assumir.”

Com isso, ela foi pelo corredor. Peterson foi atrás dela, claramente, um pouco intimidado por ela.

‘Você acabou aqui?’ Ele perguntou.

“Sim , acho que sim”, disse ela. ‘Você se importaria de me levar de volta para…?

‘Para onde?’Ele perguntou. ‘Seu carro?

Ela pensou por um momento antes de perguntar: “Você tem que ir para qualquer lugar em breve?

‘Não. Hoje, não.’

‘Há uma pequena cidade cerca de uma hora a leste daqui. Belton. Você conhece?’

‘Sim. É onde o seu pai mor... Onde você cresceu, certo?’

“Como você sabe disso?” Ela perguntou.

‘Eu li os arquivos de seu pai, disse ele.‘É uma parte do meu trabalho como um investigador particular.’

“Bem, então, bom trabalho. Você se importaria de me levar? Eu acho que me poupa um pouco de tempo ao invés de ser levada todo o caminho de volta para Lincoln, assim eu posso voltar.”‘Não é um problema’, disse ele.

Eles foram para o carro dele e voltaram para a estrada.

Eles foram para leste e dentro de vários minutos, Mackenzie sentiu um aperto no peito e um jeito de respirar que parecia ter urgência naquele ato.

Depois de vinte anos, ela estava voltando para a casa onde seu pai tinha morrido... a casa de seus pesadelos.

Ela estava, supôs, indo de volta para casa.

CAPÍTULO VINTE E UM

Não era uma verdadeira surpresa para Mackenzie descobrir que a casa onde viveu até os onze anos tinha sido abandonada. A aparência dela, era de que tinha sido abandonada por algum tempo. Ela se perguntou se alguma família tinha sequer ficado incomodada com o lugar depois de sua família ter se mudado há quase vinte anos.

De fato, a maior parte da cidade de Belton parecia estar da mesma forma. Ele nunca tinha sido uma grande cidade, tinha uma população de pouco mais de dois mil habitantes, quando Mackenzie era menina.

Em seu caminho, eles passaram por várias empresas com janelas estampadas por placas de aluguel e leasing. Apenas alguns lugares permaneceram abertos: a loja da esquina, um barbeiro e o café local, sobre o qual ela ficou bastante surpresa por não ter fechado; ele estava por um fio quando ela vivia aqui.

Sua casa de infância parecia resumir o destino de Belton, Nebraska. O telhado estava sem telhas. A varanda da frente ainda estava de pé, mas parecia à beira do colapso. As janelas estavam imundas, cobertas de uma coloração marrom provocada pelo tempo e negligência.

“Lar doce lar, hein?” Peterson perguntou quando eles caminharam em direção à varanda.

Mackenzie conseguiu apenas dar uma risada fraca. Ela olhou para a esquerda e viu que a casa de seus vizinhos estava no mesmo estado. Uma placa imobiliária velha e desbotada desapareceu há muito tempo caída no quintal cheio de mato. Além da casa vizinha, só havia floresta. Mackenzie olhou além de sua casa de infância e viu árvores finas por trás dela e, muito mais para trás, o início de um milharal morrendo onde começava a linha de propriedade de outra pessoa.

Quando ela subiu na varanda, seu coração saltou no peito. *Você está realmente fazendo isso?*

Antes que ela tivesse tempo para se concentrar na pergunta, ela empurrou a porta da frente. Ela não estava surpresa de encontrá-la bloqueado. Ela não viu sinais de presença imobiliária e ficou claro que o lugar tinha virado ruína. Ninguém comprou aquela casa. Ninguém se importava com ela.

Com uma espécie doente de prazer, Mackenzie levantou a perna e deu um chute forte na porta. Seu objetivo foi alcançado, pegou logo abaixo da maçaneta. A porta voou para trás, levando um pedaço do antigo quadro batente com ele.

“Merda”, disse Peterson. “Você tem certeza do que está fazendo?”

“Se isso se tornar um problema, o proprietário pode me cobrar”, disse ela.

Peterson deu de ombros e apontou-a para dentro. “Seu show,” ele disse.

Mackenzie respirou fundo, ficou firme e depois entrou.

Ver a casa em tal estado de abandono a dilacerou ela. Não havia móveis, sem imagens, e nenhum real espaço vital. Ela só viu quartos vazios, o mofo no tapete e o descolorido da maioria deles. Esta casa realmente só existia em suas memórias e as memórias agora pareciam mentiras. Não parecia o lugar em que ela tinha crescido, mas sim algum modelo estranho dele.

Ainda assim, ela sabia que o quarto tinha sido a sala de estar. Ela também poderia dizer que p quarto ao longo do pequeno corredor tinha sido o dela e da Stephanie. Ela conhecia tudo muito bem, com informações que tinha sido marcadas em seu cérebro através do poder dos pesadelos. Ela sabia muito bem que poderia passar um tempo em cada um desses cômodos e ter algumas memórias, algumas que podem, até mesmo, fazer-lhe bem.

Mas ela não estava aqui para relembrar. Ela esteve aqui para enfrentar seu passado, para enfrentar um momento que ainda a assombrava, enfrentar um momento de sua infância que teve, de repente, que voltar à sua vida de uma forma muito real e inesperada.

Ela ignorou todos os outros quartos e se dirigiu diretamente para a parte traseira da casa. Ela podia

ver a porta do quarto de seus pais e por um momento terrível, ela estava certa de que não era diferente da noite em que ela a empurrou e descobriu o corpo de seu

pai.

Ela sentiu as mãos tremendo. Seu coração era como um pistão de motor em seu peito. Ela parou na frente da porta, congelada por um momento. Então, sem se preocupar com Peterson, ela disse: “Eu gostaria de algum tempo para mim, se você não se importa”

“Claro”, disse Peterson. “Eu estarei lá fora, no carro. Apenas grite se precisar de mim.”

Ela balançou a cabeça, distraída, ainda olhando para a porta.

Quando ouviu Peterson andando pela porta da frente, seus passos rangendo na antiga varanda, ela estendeu a mão para a porta. Com uma mão leve, ela abriu a porta.

Por um momento, ela sentiu como se estivesse caindo.

O que você está fazendo? Que diabos você está fazendo aqui?

O quarto parecia muito maior, sem qualquer mobília. Sem a cama no centro, a âncora de todos os seus pesadelos, parecia um abismo.

Ainda assim, era inequivocamente o antigo quarto de seus pais. Havia um pequeno entalhe da mesa de cabeceira ao lado do lugar onde a mãe ficava, o ventilador de teto brega no centro do teto, e claro, os respingos marrons fracos sobre o tapete. Ela lentamente entrou na sala e ficou sob o ventilador de teto, exatamente onde a cama ficava. Ela respirou profundamente e conseguiu não engasgar com o cheiro de poeira, mofo e negligência.

O cartão de visita para Barker Antiguidades tinha sido encontrado no bolso de seu pai, tal como tinha sido encontrado no bolso Jimmy Scotts. Quando ela estava na sala, ela se perguntou quem tinha dado a ele, onde ele o pegou. Onde exatamente neste tapete a pessoa estava?

Sem ideia de que havia lágrimas em seus olhos, Mackenzie caiu no chão de joelhos. Ela olhou para os velhos respingos de sangue seco no chão.

Algo parecia agitar dentro dela, quase como o chacoalhar da cauda de uma serpente debaixo de uma pedra. Fosse o que fosse, parecia envolver seu coração

e enviar seus tentáculos por todo seu corpo.

Qualquer sinal de tristeza ao revisitar esta casa foi erradicado, substituído pelo que ela lentamente percebeu ser uma espécie rasteira de raiva.

Isso a fez se sentir desagradável. Isso a fez se sentir obscura .

E talvez isso era o que ela precisava.

Eu odeio esta casa, ela pensou. *Talvez eu sempre a odiei e nunca entendi isso.*

Ela se levantou e caminhou até a janela que tinha que já esteve sobre a mesa de cabeceira da sua mãe.

Ela olhou para o quintal cheio de mato, a árvore em pé quase morta ao lado da garagem. Esta cena inteira, como esta casa, parecia algo saído de um filme mudo em preto-e-branco.

Parecia algo saído do passado. E isso é exatamente onde ele pertencia.

Do nada, Mackenzie fechou o punho, recuou e socou a parede do quarto. Seu punho atravessou o gesso e ela estava quase envergonhada de ter se sentido tão bem fazendo aquilo. Ela puxou a mão e sua pele descascou um pouco. Um pequeno ponto de sangue surgiu no pó de gesso.

Ela deu uma última olhada ao redor da sala e, em seguida, caminhou em direção à porta. Ela não se incomodou, dando uma última olhada enquanto se afastava.

Tinha sido um soco imaturo, com certeza. Mas agora, quando ela se afastou do quarto que a tinha assombrado por tanto tempo, uma parte dela se sentiu como se estivesse finalmente deixado algo para trás, para sempre.

Ela lentamente examinou o lugar, vendo-o através dos olhos de alguém que tinha, até cerca de dez segundos atrás, temido aquilo. Agora era nada mais do que um fantasma que tinha perseguidor, fechando

o círculo de onde ele começou a assombrá-la.

Ela tentou ver o quarto através dos olhos de um assassino furtivo, em vez de ser a menina assustada que tinha encontrado seu pai morto na cama. Era um lugar

pequeno, ficava ainda menor com a cama que havia lá. De acordo com os relatórios mais recentes do caso, a esposa de Jimmy Scotts estava na casa quando ele morreu.

Mackenzie chegou fez o caminho de volta para seu passado e lembrou que todos tinham estado em casa na noite da morte de seu pai. Ela e Stephanie estam em quartos separados. Mackenzie estava indo para a cama, lendo um capítulo de *Ramona the Pest.* A mãe estava dormindo no sofá, passou com uma garrafa de vinho barato e estava com TV ligada silenciosamente em frente a ela.

Mackenzie tinha ouvido o tiro, mas não tinha percebido o que tinha sido. Até que ela pensou ter ouvido outro som que ela se levantou para investigar.

Que som é esse?

Ela ficou ali, congelada. Teria ela conseguido, de alguma forma desvendar aquilo, não querendo pensar sobre isso? Tinha revisitado este quarto maldito? Tinha—]

Que som é esse, droga?

Ela ouviu passos. E então a abertura da porta da frente e ela se fechando calmamente.

Foi quando ela colocou o livro de lado e saiu para o corredor. Ela tinha ido direto para o quarto de seus pais, querendo dizer a seu pai que ela pensou que alguém estava na casa... ou alguém *tinha* estado na casa e depois escapou.

Mas a visão daquilo havia se trancado, supunha, foi em espiral para algum inferno subconsciente.

Oh meu Deus, ela pensou. *Alguém veio direto para a casa e fez isso. E minha mãe... ela estava no sofá dormindo no momento... desmaiada e provavelmente bêbada e-Assim como a esposa de Jimmy Scotts'.*

Havia uma conexão lá, uma realidade obscura aparecendo que não conseguia fazer sentido. Havia demasiadas semelhanças para serem uma coincidência.

Ela sabe? A mamãe sabe? Será que ela-

“Não”, ela disse em voz alta.

Mas o pensamento terminou-se em sua cabeça de qualquer maneira: Será que ela tem algo a ver com isso?

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Peterson estava esperando por ela no carro, sentado sobre o capô e olhando para a plantação de milho seco ao longe, atrás da casa.

“Você está bem?” Perguntou.

“Sim, eu sou estou”, disse Mackenzie. “Obrigada por me trazer aqui.”

“Disponha. Há qualquer outro lugar para você precisa ir?”

“Não, eu acho que não. Eu acho que preciso conseguir um vôo de volta para DC.”

“Parece que foi uma viagem perdida’, disse Peterson. “Tem certeza que não há outro lugar em que eu possa levá-la?”

Havia um outro lugar em mente, mas ela não via motivo para tal. Era um campo de seu passado, o mesmo campo onde ela não viu (mas ouviu) seu pai tirar um coelho ferido do sofrimento. Estranhamente, ele nunca pensava sobre o coelho, mas sim na pipa que ela deixou cair.

Ver essa imagem em sua mente quase a fez pedir para ele levá-la lá. Era um pedaço de propriedade privada, a quinze minutos de distância, um lugar em que sua família fazia piqueniques e brincadeiras de pega-pega.

Mas assim como o quarto que ela tinha acabado de deixar para trás, ela sabia que era hora de sair do campo e todas as coisas associadas a ele.

"Não, eu estou bem. Você poderia apenas me levar de volta para o meu carro? Eu acho que só farei um check-in em um hotel perto do aeroporto.”

Eles dirigiram em silêncio absoluto por meia hora. Ela poderia supor que Peterson queria dizer alguma coisa, mas estava resistindo à vontade. Aparentemente, porém, trinta minutos foi seu limite.

“Então... esta viagem aqui... foi como um tipo de exorcismo?” Perguntou.

“O que você quer dizer?”

“Bem, você voou até aqui para olhar para uma cena recente de crime e, em seguida, uma casa que não tenha sido ocupada há pelo menos quinze anos. Você não tem nada em mãos e agora está voltando.”

”‘Honestamente, eu não esperava encontrar nada de concreto’, admitiu ela. “Mas o que você me mostrou com o cartão de visita... isso abre todo um novo mundo de coisas. E eu não tenho tempo suficiente para investigar como deve ser. Eu tenho que estar de volta em DC amanhã e já são duas e meia.”

Ela manteve a revelação, de cortar o coração, que sentiu em casa para si mesma. Era, ela pensou, algo que ela iria segurar por tanto tempo quanto pudesse.

“Tudo bem se os federais entrarem no caso e assumirem ele?” Perguntou Peterson.

“Eu não diria que estou bem”, disse ela. “Mas eu acho que vou ter que lidar com isso.” O que ela não disse foi que ela já estava tentando pensar em algumas maneiras criativas para garantir que ficasse no caso, quando ele caísse no colo de o FBI.

“Eu vou tentar ficar à frente aqui também”, disse Peterson.

"Isso seria legal. Obrigada.”

‘Então... como é o bureau, em comparação com a vida de um detetive aqui?’ Peterson perguntou.

‘Eu gosto. Acho que é o que eu sempre quis fazer.’

“Não é muito sufocante?”

“Parecia em um primeiro momento... especialmente na Academia. Mas definitivamente valeu a pena.

Quero dizer... nada pode proporcionar a liberdade de ser um investigador

particular, eu suponho.'

Ele sorriu e olhou para ela com uma piscadela maliciosa. "É uma espécie de vida glamourosa."

Ela se lembrou do quão gato ele era quando ele olhou para ela daquela maneira. Onde diabos os homens como ele estavam enquanto ela estava perdendo seu tempo com o Zack?

Eles se calaram novamente. Mackenzie olhou para o arranhão em suas juntas onde ela tinha furado com o soco na parede do quarto. Ela pensou em como a casa tinha se deteriorado e sentiu liberdade. O

lugar que tinha assombrado seus pesadelos durante tanto tempo não era mais o lugar assustador e horrível que a estava assombrando. Ele era uma ruína e parecia triste. Talvez agora, que ela havia enfrentado a situação, ele perderia seu poder sobre ela. Talvez agora, que ela tinha desbloqueado o segredo escondido dela, ela poderia finalmente deixar isso no passado.

A viagem de volta para a Starbucks, onde eles se encontraram seis horas e meia atrás parecia ser mais rápida. Seus pensamentos haviam lhe deixado ocupada, já que ela tinha uma estranha atração, quase incomum por Kirk Peterson.

"Você vai apenas deitar por um tempo antes de voltar?" Perguntou Peterson.

"Sim. Vou reservar um voo o mais cedo possível na parte da manhã. Sete ou oito horas de sono em um quarto isolado sem nada para se fazer é o que eu preciso."

'Talvez uma bebida ajudaria', Peterson sugeriu. "Talvez uma bebida com um determinado investigador particular?"

Ela considerou isso por um momento. Qual seria o problema?

O mal, pensou, visitar sua antiga casa levou você a um lugar muito obscuro, você precisa não precisa encobrir esse sentimento com álcool e luxúria.

'Obrigada, mas não,' ela disse. "Eu realmente aprecio a sua ajuda, mas eu acho que eu só preciso descansar. Este tipo de coisa... Eu acho. O dia exigiu muito de mim emocionalmente."

Peterson concordou, claramente desapontado, mas não muito.‘Eu entendo’, disse ele.“Mas ei... Eu farei o que disse. Eu ficarei atento ao caso e alcançarei para você se alguma coisa se desenvolver. Tenho certeza que o seu velho amigo, Porter, fará o mesmo.”

‘Obrigada, Peterson’, disse ela.

Ela saiu do carro e caminhou sozinha, dois passos a mais. Quando ela virou, ela viu que ele ainda estava olhando para ela. Ele estava olhando para ela da mesma forma que Harry, às vezes, olhava para ela, ou de vez em quando, a maneira como Ellington olhava para ela.

Apreciando a atenção dele, ela entrou no carro e dirigiu-se de volta para o aeroporto. Ela sabia, porém, que o sono demoraria um pouco. Peterson tinha mencionado uma bebida e era tudo o que, de repente, ela podia pensar. Talvez apenas algumas bebidas em um quarto de hotel a sós não seria tão potencialmente prejudicial como sair para um bar com um investigador particular lindo.

Quando ela se aproximou do aeroporto, ela manteve os olhos abertos para ver hotéis que não se parecem com uma lata de lixo. Se ela ia desperdiçar uma noite fazendo nada mais do que ficar mais familiarizada com seus pensamentos e teorias sobre o caso do parque (e vamos ser honestos, sobre o pai dela também), podia pelo menos ter um quarto melhorzinho.

Quando ela estava procurando um hotel que não se parecesse com uma armadilha barata, seu celular tocou. Ela leu o nome no visor e seus ombros afundaram. Era o Bryers. E se Bryers estava chamando, havia provavelmente uma má notícia.

“Ei, Bryers”, disse ela. “Já sentiu minha falta, né?”

“Sim, de fato. Mas isso é outra coisa”, disse ele. “Eu odeio fazer isso com você, mas eu preciso de você em Strasburg bem rápido.

“Por quê?”, ela perguntou, seu coração batendo.

Ele limpou a garganta e, como uma longa pausa seguiu, ela sabia que não podia ser algo bom.

“Alguém está desaparecido em Little Hill.”

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Mesmo depois do vôo com um efeito de olhos vermelhos e partida às 00:15 com uma breve escala em Chicago, Mackenzie ainda não havia pousado em Dulles até depois de 09:10 da manhã seguinte. Ela bateu o tempo de quarenta e oito horas de McGrath em quase um total de oito, mas ainda se sentia atrasada, como se estivesse sustentando o caso.

Bryers a encontrou no aeroporto e a informou rapidamente enquanto acelerava através do fluxo de tráfego até DC. Bryers, no entanto, foi capaz de evitar o tráfego mais denso quando ele saiu na interestadual e mais uma vez voltou para Strasburg.

“Ontem à tarde, um dos guardas do parque estava patrulhando as estradas e viu um carro estacionado fora da estrada não muito longe de uma das estradas de manutenção ao norte do fim do parque. Ele seguiu alguns ligeiros rastros na folhagem, mas não conseguiu encontrar nada.

Havia algumas pegadas confusas, mas nada que pudéssemos usar.

Se fosse qualquer outro dia, eles não teriam pensado duas vezes. Mas dadas as circunstâncias, eles verificaram com muita atenção. Estamos esperando que o Estado coloque um helicóptero no parque para uma melhor cobertura da aérea até o final do dia.”

‘Então, quem é a pessoa desaparecida?’ Ela perguntou.

“Eles checaram a placa do carro e descobriram que pertence a Brian Woerner, vinte e cinco anos de idade. Um residente de Strasburg. Sua casa está, na verdade, a um pouco menos de meia milha de distância do parque.”

‘Então ele se entrou para o parque?’

“Parece que sim. Entrou de fininho. Ele conhecia bem as estradas vizinhas e as velhas estradas de atalho. Isso se ele entrou na mata. Mas certamente parece que sim.

Clements e seus rapazes verificaram a casa de Woerner e ele não estava lá.

Então, verificaram com sua família e ninguém viu ele por cerca de dois dias. Então, agora, estamos supondo que ele foi a próxima vítima."

"Merda. Bryers, desculpe-me, eu perdi tudo isso."

"Nada de mais. Nós simplesmente não temos muito tempo agora, você e eu estamos indo direto para a casa da mãe dele para obter algumas informações. Ela sabe que seu filho está desaparecido, então a parte mais difícil acabou."

Mackenzie compreendeu o sentimento por trás de tal comentário, mas ela não tinha nenhuma ilusão de pensar que a parte mais difícil havia acabado. Na verdade, ela não podia resistir, mas sentia que eles estavam bem no meio da parte mais difícil e agora tinham que encontrar o seu caminho de saída.

***

Wendy Woerner foi, compreensivelmente, nada mais do que chocada. Fazia menos de vinte horas desde que ela tinha sido informada de que seu filho estava desaparecido e poderia muito bem estar envolvido em uma série de assassinatos que ocorreram na área recentemente—assassinatos que ela sabia que eram atribuídos ao que a mídia rotulava de Assassinatos do Camping.

Quando Mackenzie e Bryers se sentaram em sua sala de estar, a irmã de Brian que respondeu mais.

Ela tinha dezoito anos e, ao mesmo tempo, ficou claro que a notícia também tinha afetado ela, ela estava fazendo o seu melhor para ficar forte e ajudar sua mãe.

O nome da irmã era Kayci e quando ela ofereceu-lhes café, Mackenzie aceitou. Ela não tinha dormido

nada na viagem de volta para Dulles, então ela só tinha cerca de seis horas de sono ou algo assim nos últimos dois dias.

"O seu irmão tem o hábito de passar tempo na floresta?" Perguntou Mackenzie. Ela estava muito cuidadosa em usar as palavras como faz, em vez de fez. Usar o verbo no passado, quando o destino de seu irmão ainda não era conhecido, poderia ser muito ruim.

“Não que eu saiba”, disse Kayci. “Fato é que ele não é do tipo que gosta de passeios ao ar livre.”

“Então, foi surpreendente ouvir que ele estava no parque?”

“Com certeza.”

“Quando foi a última vez que falou com ele?” Perguntou Mackenzie.

“Há dois dias”, disse ela. “Ele perguntou se eu queria ver um filme com ele. Ele não tem muita vida social, ele me tem como uma amiga a maior parte do tempo.”

‘Então, ele é do tipo solitário?

“Sim, mas por escolha. Ele sempre se fecha em sua casa e fica on-line o tempo todo. Ele tem esse blog, que basicamente é a razão do viver dele.”

‘Que tipo de blog?’ Perguntou Mackenzie.

Kayci revirou os olhos e sorriu em memória de seu irmão. Ela pegou o telefone, digitou algo realmente rápido, e em seguida, entregou para Mackenzie.

“Esse é o seu blog,” disse ela. “Ele é um obcecado por conspirações. Ele tem uma campanha para ser lançada, começando com um podcast, mas nunca deu o ponta pé inicial.”

Mackenzie percorreu alguns posts. Havia artigos que o Brian tinha escrito sobre os Illuminati, Bohemian Grove, MK Ultra e uma recente tentativa de infectar a população americana com uma gripe por meio de fontes de água locais.

Um pensamento ocorreu para Mackenzie, quando ela entregou o telefone de volta para Kayci. “Você sabe se ele mantém anotações ou arquivos de histórias que ele planeja escrever?”

“Toneladas”, disse Kayci. “Ele escreve em caderno do tipo brochura. Mamãe tem alguns aqui; ela foi até lá para fazer sua própria busca esta manhã, e bem, isso terminou meio mal. Ela trouxe alguns deles de volta para cá.”

‘Eu posso vê-los?’ Perguntou Mackenzie.

"Claro. Um momento."

Kayci levantou-se e entrou no cômodo adjacente. Quando ela saiu, Mackenzie aproveitou para observar Bryers. Ele parecia confuso e muito cansado.

'Você está bem?' Ela perguntou.

Ele assentiu, mas não disse nada. Ele não foi muito convincente. Ela se perguntou se ele estava um pouco chateado por ela não estar aqui quando essa parte do caso veio à tona. Ela queria pressioná-lo um pouco mais para saber que estava acontecendo, mas então, Kayci voltou para o quarto.

Quando ela entregou à Mackenzie uma pilha de quatro cadernos, Bryers tossiu atrás dela. Fez um som seco, como uma tosse brônquica profunda que não tinha catarro para expelir.

Quando ela folheava os cadernos, Mackenzie levantou a poeira quase de imediato. O caderno em cima da pilha era claramente o mais recente, a última anotação foi datada de dois dias atrás, o dia que ela partiu para Nebraska. Havia apenas uma nota para esse dia, escreveu com urgência e de um jeito ligeiramente desleixado.

Dizia:

Forte presença policial no Parque Estadual Little Hill, com drones. Por quê? Pessoas desaparecidas, uma estranha busca feita pelo Estado? Notícias locais DISSERAM que um corpo foi

descoberto lá recentemente, mas não deram muitos detalhes. O que será???

"Você já leu este caderno?" Perguntou Mackenzie.

"Sim, eu vi a maioria dele", disse Kayci. "Mas ele sempre foi assim… Desconfiado com o governo.

Por quê? Você acha que a anotação mais recente significa algo? Eu acho que isso explicaria a razão que o teria levado para o parque."

'Talvez,' Mackenzie disse, embora ela tivesse bastante certeza de que era uma ligação sólida. Ela bebeu o resto do seu café e se levantou.

Bryers fez o mesmo por trás dela e Mackenzie tomou conhecimento de que ele estava se movendo com grande esforço. Parecia que ele estava à beira de cair no sono. Havia um olhar em seus olhos que era quase vítreo, fazendo-a se perguntar em que diabos ele tinha se metido em tão pouco tempo depois que ela se afastou.

Mackenzie estendeu a mão e apertou a de Kayci. "Obrigada pelo seu tempo e ajuda. Nós vamos fazer o nosso melhor para encontrar o seu irmão e ter certeza que ele chegará bem em casa." Ela virou-se para Wendy, ainda tão imóvel como uma pedra em uma poltrona do outro lado da sala de estar.

"Obrigada novamente, Sra Woerner", disse Mackenzie.

Wendy não disse nada. Ela nem sequer balançou a cabeça. Era um pensamento mórbido, mas Mackenzie não poderia evitá-lo, mas se perguntar se a mãe já tinha aceito o fato de que havia uma boa chance de que quando o seu filho fosse descoberto, ele estaria morto.

Mackenzie e Bryers saíram de casa e se dirigiram para o carro. "O que você acha dessa última anotação no caderno?" Perguntou Mackenzie. "Se Brian Woerner tinha um blog sobre desconfianças sobre o governo e conspirações, ele faria qualquer coisa para descobrir por que havia uma forte presença policial no parque, especialmente porque havia um drone. Ele parece ser um tipo de Alex Jones."

'Tem que ser isso', disse Bryers, abrindo a porta do lado do motorista. "Ele viu o drone voando sobre o parque e ficou curioso. Talvez ele—"

Ele não terminou a frase. Na verdade, quando Mackenzie foi para o banco do passageiro, ela o ouviu fazer um barulho de tosse suave e, em seguida, houve uma batida na lateral do carro. Ela olhou e viu que ele tinha caído e estava se apoiando contra a lateral do carro.

Mackenzie correu para fora do carro, correndo ao redor do capô e foi para o seu lado o mais rápido que pôde. Ela chegou lá na hora; no momento em que ela chegou ao seu lado, ele começou a entrar em colapso, inclinando-se para a esquerda. Mackenzie o pegou e ele não passava de um peso morto.

"Bryers? Bryers, o que é isso?"

Ele balançou a cabeça e soltou um suspiro pesado.

Ele levou um momento para se recompor. Lentamente, sua força parecia voltar. Ele apoiou-se contra a lateral do carro e piscou os olhos rapidamente como um homem que de repente acordado.

“Bem, isso é embaraçoso”, disse ele suavemente. “Sinto muito, Mac.”

“Desculpe? Por quê?”

“Por não ser honesto. Por não dizer a você, mais cedo.”

‘Dizer-me o quê?’

Ele a olhou nos olhos com uma emoção que ela jamais tinha visto nele e disse:

“Eu estou morrendo.”

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

“Morrendo?”, disse Mackenzie, sua voz em pânico e soava um pouco agressiva demais de dentro do carro.

Bryers se recusou a falar sobre isso imediatamente. Fazia dez minutos desde o seu colapso. Eles foram mandados para o DP de Strasburg para conversar com Clements e Smith. Agora que ele parecia ter tomado juízo e não tinha medo de entrar em colapso novamente, parecia mais aberto para falar sobre isso. Ainda assim, Mackenzie tinha insistido em dirigir.

"Sim. E muito rapidamente, ao que parece.”

‘Como você pode ser tão simplista sobre isso?’Ela perguntou. Ela estava entre a irritação e e a preocupação e não conseguia descobrir em qual deveria se concentrar.

‘Eu tenho que ser,’ ele disse. “Os médicos estão dizendo que é tarde demais para realmente reverter a situação. Então, é se preocupar desnecessariamente e dizer “ai de mim” ou eu posso lidar com isso de uma maneira melhor.”

“O que é isso?”, ela perguntou. “O que você foi diagnosticado com?”

“Nível quatro de hipertensão pulmonar’, disse Bryers.“Aparentemente eu a tive durante anos e nunca soube disso. Até o momento em que eu fui a um médico por causa de uma ligeira dor no peito e falta de ar, quando descobriram, era tarde demais.”

‘Meu Deus’, ela disse, a raiva agora desaparecendo e deixando a preocupação assumir o posto.‘Não há nada que eles possam fazer?’

“Existem tratamentos e medicamentos experimentais, sem resultados reais. Eu poderia tentar, mas eles me disseram que as chances são pequenas. Eu poderia me comprometer a permanecer no hospital, mas tudo pode falhar e teria que desperdiçar o fim da minha vida em uma cama de hospital, condenado. E eu não farei isso.”

‘Quanto tempo você tem?’ Perguntou ela.

Bryers sacudiu a cabeça. “Eu não terei essa conversa com você”, disse ele. “A última coisa que eu preciso é de um parceiro cuidando de mim como uma criança. Sem querer ofendê-la.”

“E manter isso para si mesmo faz você parecer um daqueles velhos eremitas que querem ser deixados sozinhos. Pessoas que pensam que ninguém pode ajudá-los. Sem ofensa.” Ele sorriu para ela. “Você sabe como lançar um argumento, hein?”

“Quanto tempo, Bryers?”

“Talvez 18 meses, no máximo.”

“E no mínimo?”

Ele suspirou e olhou para fora da janela. “Talvez seis.”

“Jesus...”

“Eu estou bem com isso”, disse Bryers. “Honestamente, não está afetando muito o meu dia-a-dia.”

“Exceto quando desmaia aleatoriamente”, Mackenzie disse com alguma maldade.

“Sim, exceto por isso.”

“Como McGrath permite que você trabalhe com essa merda de diagnóstico?” Ela perguntou.

“Porque ele não sabe. Eu não disse a ele. E você também não dirá. Lembre-se, Mac... Eu estou mantendo algo em segredo para você, também.”

Ela olhou para ele, horrorizada. “Bryer ... você não pode—”

“Eu não vou passar o fim de minha vida em um hospital”, disse ele. “Mas eu vou te dizer. Eu prometo: quando este caso do parque for resolvido, chega para mim. Vou falar com o McGrath e ir para casa para esperar a morte.”

Mackenzie se encolheu. “Pare de ser tão fatalista sobre isso.”

Bryers riu alto, um riso que se tornou uma tosse. “Eu estou morrendo, Mac. Parece ser o perfeito momento para ser fatalista.”

A raiva estava rastejando de volta, agora não apenas pela própria situação, mas sua incapacidade de controlá-la. Ela pensou que agiria da mesma forma, se alguma vez recebesse tais informações. Ela iria trabalhar e trabalhar até os momentos finais, quando ela já não pudesse mais fazer nada. Ela apertou a mandíbula e fez o seu melhor para não confrontá-lo com raiva e também fez o seu melhor para não começar a chorar.

“Eu não vou comprometer este caso”, disse Bryers “Você tem a minha palavra. Se eu começar a me sentir fraco de novo, como eu fiz na casa dos Woerners, eu vou deixar você saber e ficarei fora um pouco.”

‘Não estou preocupada com isso’, disse ela. “Eu estou preocupada com você. ”

“Como eu disse. É tarde demais agora. Então, farei o meu melhor para ser útil com o tempo que me resta. E, por favor, não fique ofendida quando digo isso, mas eu realmente não quero mais falar sobre isso.”

Ele disse esta última parte com uma voz severa que ela não tinha ouvido ainda. Isso conseguia perturbá-la, mas novamente, ela podia entender. Ela provavelmente iria lidar com isso da mesma maneira. Então, ela não disse nada. O carro permaneceu em silêncio todo o caminho de volta para o DP

de Strasburg.

***

Três horas mais tarde, o cansaço bateu nela. Felizmente, foi depois de falar com Clements e Smith, uma reunião que tinha conseguido acontecer sem ela cair no sono. Até agora, não há conexões sobre a quarta vítima e seu carro, achado sem nenhuma prova. Eles separaram deveres para manter o caso em andamento com o auxílio dos guardas do parque, Clements e seus homens trabalhando em uma barricada mais rigorosa dentro e fora do parque e Mackenzie e Bryers indo mais a fundo sobre quem Brian Woerner era. Será que ele tinha inimigos? Teria ele criado problemas com o seu blog?

Mackenzie pensou que leria o blog, particularmente as seções de comentários, no quarto de hotel até que ela adormecesse.

Esses planos, no entanto, foram abalados quando saíram da delegacia de Strasburg e ela viu Harry Dougan ao lado do carro.

Ele sorriu, como se estivesse concedendo algum enorme favor à ela. Ela nem mesmo fingiu. Ela perguntou por que McGrath iria enviar mais agentes aqui quando ele sabia muito bem que, com os guardas do parque, DP local e o DP estadual, já era quase um circo.

Bryers deu-lhe um sorriso e entrou no carro. Ele deu a Harry um aceno indiferente quando ele entrou no banco do passageiro. Ele, então, olhou através dos e-mails em seu telefone, dando a Mackenzie um momento com o Harry.

“O que você está fazendo aqui?” Mackenzie perguntou para ele.

“Eu estou livre por dois dias”, disse Harry. “Eu pensei que eu poderia vir e dar uma mão. Ouvi dizer que tem uma possível quarta vítima.”

‘Nós estamos bem, Harry’, disse ela.

“Você e Bryers? E os guardas do parque, eu ouvi. Sim... muitos caciques para poucos índios, hein?”

“Exatamente. É por isso que eu não entendo por que você está aqui.”

“Eu estou livre’, disse ele. “Eu queria ajudar. Eu queria ver você.”

“Por Deus, Harry, isso é sério? Olha... Eu vou lhe dizer isto uma vez com pelo menos algum tipo de filtro, mas depois disso, não posso prometer sutilezas. Eu não posso ter você aqui agora. Há muita coisa acontecendo e eu não posso adicioná-lo à pilha de merda que está ficando fora de controle.”

‘Fora de controle?’ Perguntou. “O que você quer dizer?”

Ela não podia nem olhar para ele. Por razões que ainda não tinha digerido, o fato de que ele tinha aparecido sem avisar como um cavaleiro indesejado de armadura brilhante a irritou.

“O que quero dizer é que há muito mais acontecendo na minha vida agora do que apenas este caso”, disse ela. “E eu não preciso de você aqui para torná-lo mais complicado.”

“Bem, eu dirigi até aqui. Não podemos pelo menos jantar ou algo assim?”

‘Não, não podemos’, disse ela.

“O que há de errado?” Perguntou. “Eu pensei que você ficaria feliz—”

“Com o quê?” Ela gritou. “Para dançar educadamente em torno do fato de que você tem uma queda por mim e que eu, com dificuldade, tento não rejeitar? Não vai acontecer, Harry. Você é um bom agente, mas não preciso de você aqui agora. Assim, ambas as razões para vir até aqui sem ser convidado são inúteis. Então, por favor… vá embora.”

Ela viu a dor entrar em seu rosto por apenas uma fração de segundo antes de virar as costas para ele e entrou no carro. Ela bateu a porta, acionou o motor, e não perdeu tempo ao retirá-lo da vaga de estacionamento. Ela deu mais uma olhada nele quando saiu e sentiu-se um pouco insensível por não ter se importado com sua maneira hostil ao falar com ele.

“Ai”, disse Bryers.

Ela balançou a cabeça, ainda chateada. “Sim, eu poderia ter lidado melhor com isso. Mas eu não tenho tempo a perder com... com um absurdo trivial. Eu sinto que estamos correndo contra o tempo.”

Bryers assentiu, olhando seriamente para fora da janela.

“Eu conheço esse sentimento.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

As florestas da Virgínia à noite eram como um show orquestral particular. Ele ouviu o show enquanto estava sentado em uma cadeira de madeira velha e bebia de uma outra jarra Maçom cheia com o que seu pai chamava de White Lightning—uma receita que tinha sido passada através dos homens de sua família desde quando a Proibição quase arruinou o país.

Honestamente, ele não ligava muito para o gosto. Não havia muito gosto, de qualquer maneira. Mas ele gostava da queimadura. Ele gostava da maneira como poderia fazê-lo se sentir quase desligado do mundo quando bebia o suficiente.

Ele geralmente estava cheio, até a borda, com aquela sensação de queimadura quando ele começava a trabalhar. Capturar as pessoas para ajudá-lo a espalhar a sua alegria era fácil; elas eram trazidas para ele, dadas a ele por mãos muito mais suaves do que as suas. Mas quando chegava a hora de pegar as sementes das pessoas que ele mantinha no buraco no chão em seu quarto, ele precisava da sensação de queimadura. Ele precisava se sentir mais leve do que qualquer coisa em torno dele. Ele precisava estar desapegado. Era um trabalho horrível, mas era necessário.

Ele olhou para a lua sobre as árvores finas. Ele sabia que, poucas horas antes, havia algo voando sobre a floresta. Um desses drones que ele tinha lido a respeito em uma revista, há alguns meses. Ele supôs que aquilo significava as autoridades na busca dele. Ele sabia que isso iria acontecer, finalmente.

Foi por isso que ele parou por tanto tempo após a primeira vítima. Ele ficou com medo, com a certeza de que a polícia iria descobrir o que ele estava fazendo.

Mas então, o que fazer? Quando ele ouviu pela primeira vez o chamado, ele sabia que acabaria por ter que se sacrificar. E tudo bem para ele. Quem era ele, senão um servo de tudo o que ele viu diante de si?

As árvores envoltas na noite, as escassas nuvens beijando as bordas da meia

lua-cheia, o canto dos grilos, rãs de árvore e até mesmo um mergulhão ou dois à distância.

Sim, ele tinha sido chamado. Ele tinha sido chamado para derramar sangue e devolver as sementes vivas de carne humana para a terra de onde vieram.

Ele sentiu que seu trabalho estava quase pronto. Se o quarto sacrifício significava que estaria terminando o seu trabalho ou que a polícia iria em breve encontrá-lo, ele não sabia. E tudo bem, porque ele não queria saber.

Com a cabeça pesada e seu estômago roncando, ele voltou para dentro da cabana. O cheiro da bebida alcoólica que ele estava fazendo encheu o lugar. Ele estava fermentando as bebidas em dois baldes grandes na parte de trás do seu espaço central. Enquanto caminhava em direção a eles, ele podia ouvir os sons do seu próximo sacrifício no quarto ao lado.

Ele tinha aprendido uma lição com o último. Ela tinha quase escapado dele, fazendo-o ter um outro olhar, mais rígido, sobre como ele conteve os sacrifícios. Caminhando para o fim, tudo tinha que estar perfeito.

Ele não estava pronto para matar este ainda. Os sacrifícios necessitavam de sofrimento, em primeiro lugar. Eles precisavam sentir um perigo verdadeiro, fome verdadeira. Eles precisavam apreciar a morte quando ela chegasse. Isso fazia a carne e sangue deles ficarem mais flexíveis para o solo—enriquecidas e mais puras.

Ele entrou no puxadinho de sua pequena cabana. Ele olhou para os bancos, para a marreta e machado.

Ele então olhou para as folhas de compensado no chão, contendo o próximo sacrifício. O homem tinha caído tranquilamente cerca de uma hora atrás e não tinha dado um pio desde então.

Apenas para verificar, ele bateu o pé nas folhas de madeira compensada. No mesmo instante, o homem

escondido no chão sob elas começou a gritar. Ele estava chorando, ele estava gritando, e ele estava suplicando, tudo ao mesmo tempo.

Ele balançou a cabeça e caminhou de volta para os baldes. O luar não estava

pronto, mas estava perto o suficiente. Ele pegou um pouco de bebida da jarra, tomou um longo gole e sentiu a queimadura.

Um dia... talvez dois.

Era quando ele iria matar esse homem, o homem que era provável que fosse o sacrifício final para a floresta—para a natureza.

Ele se perguntou se deveria explicar seu trabalho a eles antes de matá-los. Talvez eles o apreciariam um pouco mais. Talvez seria mais fácil de aceitar a certeza absoluta de morte.

Mas no momento em que ele levantava o machado ou alguma outra lâmina, ele via algo em seus olhos, várias vezes: uma palidez, um choque absoluto, que parecia os levar até um abrupto clamor final. E nesse momento final, ele sabia que eles não raciocinavam. Eles não entendiam nada.

Ninguém jamais iria entender, não a menos que eles, também, tivessem ouvido o chamado.

Um chamado para definir um caminho corrigido pela natureza. Um chamado para repor as coisas, para refiná-las.

Ele supunha que estava fazendo a obra de Deus, realmente. Ele estava removendo a sujeira da preocupação humana e transformando em algo divino. Ele estava retornando o sangue, a carne e as miudezas de volta para a terra de onde tinham vindo. E por isso, ele era um santo.

Do quarto, ouviu o seguinte sacrifício gemendo fracamente. O sacrifício parecia já saber que seu tempo era curto.

Alguns simplesmente tinham que pagar a sua dívida mais cedo do que outros.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Mackenzie se sentiu derrotada enquanto dirigia em direção a Quantico na manhã seguinte. Ela estava comendo um biscoito de linguiça que ela pegou em um drive-thru e estava se perguntando por quanto tempo ela seria capaz de manter esse ritmo. Eram 06:45 quando ela e Bryers passaram pela placa de Strasburg. Eles estavam deixando o lugar sem ligações reais e com uma pista

sobre a quarta vítima que estava insuportavelmente fria.

Ela sabia que era bobagem se sentir derrotada. Mas quando McGrath ligou e ordenou que voltassem porque parecia um desperdício de mão de obra ficar perto de Little Hill, o que mais ela deveria pensar?

Na manhã chegou pesada. Quando ela finalmente entrou em seu apartamento logo após oito horas, ela se permitiu tomar um banho demorado. Enquanto estava sob a água quente e deixando seus músculos se soltarem, ela fez o seu melhor para se preparar para um dia cheio de pesquisa e busca, sabendo que um assassino, muito provavelmente ainda estava à solta em Strasburg. O helicóptero foi acionado para começar a passar mais tarde hoje e houve uma frágil esperança de que ele ajudaria. Ela sabia, porém, que o Estado era mesquinho com recursos e se não houve resultados dentro de um ou dois dias, o helicóptero seria enviado de volta para o lugar de onde ele tinha vindo.

Ela deixou seu apartamento o mais rápido que pôde, precisando se sentir produtiva. Ela foi para a sede e passou várias horas compilando biografias sobre as vítimas, só para chegar à conclusão de que elas não tinham nada em comum. Ela ainda tinha verificações cruzadas para ver se qualquer um dos nomes de usuário nas seções de comentários do blog de Brian Woerner poderia ser uma das outras vítimas. Mas era um beco sem saída, também.

Como se isso não foi frustrante o suficiente, ela tinha os outros dois obstáculos monumentais em sua cabeça: a revelação de Bryers sobre sua saúde e a eventual reabertura do caso de seu pai. Ela estava esperando McGrath chamá-la a qualquer momento para avisá-la que o FBI havia assumido um novo caso em Nebraska, um caso que estava ligado ao caso antigo de seu pai, mas até agora, não havia nada.

E que, de certa forma, foi bom. Porque ela agora teve a ideia repugnante que, talvez, sua mãe sabia sobre isso. Isso seria uma grande vantagem. E então perguntas seriam feitas sobre por que ela ainda não tinha falado com a sua mãe.

E isso não era algo que ela estava disposta a responder ainda.

Além de tudo ela tinha maltratado totalmente o Harry. No entanto, ela sabia que era um caso terrível de questão de tempo e nada mais, ela estava bastante contente porque ele tinha vindo. A ferida sarou e ela podia agora cortar essa parte questionável de sua nova vida à distância.

Pouco depois ela saiu para o almoço, ainda lendo posts no blog de Brian Woerner para algum tipo de esperança de uma conexão, ela se viu olhando cópias digitais das fotos que Kirk Peterson tinha fornecido. Ela olhou para o cartão de visita da Barker Antiguidades, olhando de ambos os lados. Ver o nome do pai escrito no verso era como olhar para alguma relíquia de fora do tempo, uma nova descoberta que poderia ajudar a restabelecer visões anteriores de uma civilização perdida.

Isso mudou tudo. Isso apresentou um novo lote de perguntas em torno da morte de seu pai. E quanto mais ela olhava para ele, mais ela sentia que não só o homem que matou Jimmy Scotts se gabava das mortes de uma maneira sutil, mas ele também estava jogando... um jogo que ela não sabia as regras. Um jogo que ela nem sabia o nome ainda.

Ela estava meditando sobre isso enquanto se dirigia para o recipiente mais próximo café, que estava localizado em uma pequena alcova que servia como uma sala de mini-intervalos. Quando ela derramou o seu quarto copo do dia, uma voz familiar por trás dela a assustou.

“Bem-vinda de volta.”

Ela se virou e viu Ellington sorrindo para ela. Ele parecia entediado e talvez um pouco cansado. Ele também estava segurando uma xícara de café.

“Obrigada”, disse ela.

“Você estava começando a gostar de Strasburg?” Perguntou. “Eu acho que se contrapõe à agitação daqui.”

“Não é tão ruim.”

Ellington, olhando para trás, certificou-se de que o corredor estava vazio. Ele então entrou na alcova e chegou bem perto dela. Havia apenas cerca de 90 cm entre eles.

Eu vou te perguntar uma coisa. Se você acha que eu estou sendo inconveniente, diga-me para eu calar a boca.

Ok?”

‘Eu sei fazer isso’, disse ela.

“Eu ouvi de um passarinho verde, de dentro do departamento, que você fez uma viagem para Nebraska esta semana. Uma espécie de coisa de família, algo inesperado. Está certo?”

Ela quase mandou ele se calar. Mas ela estava muito interessada em saber como ele sabia daquilo e por que ele se importava.

“Sim, certo”, disse ela.

“Posso perguntar para quê?”

“Eu prefiro que não”, disse ela.

"Compreensível. Mas peço somente porque McGrath está procurando agentes para ajudar com um caso desse tipo, atualmente. Em algum lugar perto de Lincoln, eu acho. Eu li o resumo sobre o caso e há uma certa ligação a um determinado caso antigo que lhe possa interessar. Soa familiar?”

‘Você vai me prender por isso?’Ela perguntou.

“Absolutamente não”, disse ele, com a voz mais calma do que nunca. “Eu estava me perguntando se você conseguiu obter uma vantagem inicial, enquanto você estava lá.”

“Por debaixo dos panos?”

Ele balançou a cabeça, dando outro espiada pelo corredor para se certificar de que eles ainda estavam sozinhos.

“O link para o caso de meu pai é inegável”, disse ela. “A partir de agora, porém, a única pista parece ser uma falsa bandeira deixada por alguém envolvido. E sem ofensa, mas isso é tudo que eu me sinto confortável em dizer para você.”

‘Tem alguém lá que estará lhe dando informações?’

“Talvez. Por quê?”

“Eu posso ser um “espião” também, você sabe. Ocorreu-me quando vi que eu realmente não sei muita coisa sobre o caso do seu pai. Parece vergonhoso.”

‘Por que isso?’

Ele levantou a cabeça e olhou para ela com curiosidade. “Porque você me interessa”, disse ele.

“Talvez um pouco demais.”

Uma pequena onda de calor se desenrolou em seu estômago, mas ela se manteve concentrada nela.

“Essas não são palavras que devem ser ditas por um homem casado.”

“Está certo”, disse ele. “Mas e por um homem com papéis do divórcio, há duas semanas?”

“Lamento ouvir isso”, disse ela, realmente se lamentando.

“Eu também. No início. Eu adoraria falar com você sobre isso. Na verdade, isso é uma mentira. Eu realmente só queria uma desculpa para sair e tomar uma bebida com

você.”

‘A necessidade de uma bebida deve ser suficiente.’

“Acho que sim. Então o que você disse?”

“Eu digo que soa bem. Mas agora, não. Há muitas coisas acontecendo agora. Eu tenho que resolver o caso do Parque Estadual Little Hill. E e o caso de Nebraska—”

Ele levantou as mãos em sinal de rendição simulada e deu alguns passos para trás. "Não diga mais nada. Eu entendo completamente. A oferta está aí. Apenas me chame quando a quiser.”

Com isso, ele se afastou e se foi. Mackenzie não queria admitir para si mesma, mas ela queria que ele ficasse. As brincadeiras que faziam eram normais entre

eles. Era algo seguro e... bem, como se fosse levar a algum lugar.

Ela voltou para o seu gabinete e olhou para a fotografia do cartão novamente. Ela sabia que sua mente deveria estar no caso do parque. Ela sentiu que havia algo que estava faltando... alguma enorme pista que estava sentada bem na frente dela, tão óbvia que tinha sido menosprezada.

Mas ainda assim, o cartão de visita e nome rabiscado de seu pai eram muito difíceis de serem ignorados. Alguém tinha escrito seu nome muito claramente, muito deliberadamente. Mas quem tinha escrito isso? Para isso, quem saberia o nome dele e como ele tinha sido morto?

Minha mãe, por exemplo, ela pensou.

De repente, ela desviou o olhar dos arquivos e pastas. Ela deslizou as informações do caso Nebraska para o lado e começou a folhear rapidamente as fotos e detalhes de Little Hill. Ela olhou para os locais dentro do parque, observando como eles eram todos afastados. Ela desenrolou seu mapa da área e traçou os pontos que ela havia desenhado nele com o dedo.

Assim como a ligação entre os cartões de visita de vinte anos, ela sentiu que havia algo lá... alguma pista apenas esperando por ela para arrebatá-la.

O fato de que isso não viria para ela era enlouquecedor.

Ela fechou a pasta e abriu o diretório para a sede. Ela teve uma ideia de como possivelmente tirar de si a coisa, mas não era de um jeito bonito. Lá em Nebraska, ela tinha um vislumbre de uma parte dela que ela pensou que tinha enterrado. Ela tinha ido para o seu lado obscuro. Ir para o obscuro era algo que ela tinha feito bastante durante a sua adolescência. Ela ficava violenta e confusa e agia de forma espontânea em algumas ocasiões.

E ela temia chegar à conclusão que ela estava procurando, ela só tinha que tocar em algumas dessas bordas mais obscuras.

Ela encontrou o número que ela estava procurando no diretório e chamou, achando que ela estava realmente disposta a explorar a raiva e hostilidade que tinham feito ela socar a parede de sua casa da infância há dois dias.

Se ela estava sendo honesta, uma pequena parte dela tinha perdido isso.

Uma pequena parte dela queria isso de volta por algum tempo.

CAPÍTULO VINTE E SETE

Mackenzie empacou um pouco com a visão do escritório da Drª. Madeline Goldsmith. Era doentiamente pretensiosa e parecia que tinha saído de algum drama muito ruim de domingo na TV, no horário nobre. Ela se encontrou com a Dr.ª Goldsmith duas vezes ao chegar a Quantico, de acordo com as ordens do FBI graças à sua ascensão rápida à fama após o caso do Assassino Espantalho, o que tinha mais ou menos feito ela ficar famosa e a levou para o FBI.

Ela tinha ido a essas duas sessões só porque eram obrigatórias, mas as evitou depois disso. Parecia ser algo que a Dr.ª Goldsmith fazia quase contra ela. Ainda assim, ela tinha concordado em ver Mackenzie nesse mesmo dia, agendar um encontro às 15:00, apenas uma hora e meia após Mackenzie ter ligado para ela.

Recusando-se a se tornar um clichê vivo sentado no sofá, Mackenzie estava junto da janela da Dr.ª

Goldsmith e olhou para DC. Ela viu um grupo de estudantes da Academia fora de uma sala de aula e tentou lembrar como era isso. Fazia menos de nove semanas, mas parecia uma eternidade.

“Por que você esperou tanto tempo para falar comigo, Mackenzie?”, Perguntou Goldsmith.

“Eu não vejo necessidade. Sem ofensas.”

‘Você disse que você acha que falar comigo pode ajudá-la a trazer à tona alguma pista para este caso em que você está trabalhando, certo?’

“Sim. Eu acho que posso ser levada a este detalhe que eu não consigo relacionar com o tipo de questionamento certo sobre o caso.”

‘E você acha que eu posso fazer isso para você?’ Perguntou Goldsmith.

“Acho.”

“Isso é por causa da sua reputação de ser capaz de entrar na mente das pessoas

que procura?

Você acha que se eu puder de alguma forma entrar em sua cabeça e forçá-la a falar sobre certas coisas, você pode sem querer descobrir a resposta que você está procurando?"

'Sim', Mackenzie disse, um pouco desconfortável.

"Ok", disse Goldsmith. "Isso não é ortodoxo e não é o que eu costumo fazer, mas vamos tentar. Por que você não me chamou para falar o que está lhe incomodando estes últimos dias, além das questões óbvias do caso?"

Mackenzie passou os próximos quinze minutos contando o caso do parque e a tensão entre o DP do estado, o DP local e os guardas do parque. Ela, então, disse para Goldsmith sobre sua viagem improvisada para Nebraska e como isso a tinha afetado. A única coisa que ela deixou de fora foi a notícia devastadora que Bryers lhe dera. Ela estava guardando isso para si mesma por enquanto.

"Eu quero começar com você socando a parede do quarto onde seu pai morreu. O que foi aquilo?"

"Eu estava frustrada."

"Eu preciso de mais do que isso, Mackenzie."

Ela olhou para a mão do soco e fez uma careta. "Esse maldito quarto tem me assombrado toda a minha vida. Para perceber que eu estava lá há alguns dias... e que foi a minha maneira de dizer "que se foda".

Eu estou cheia. Eu não posso deixar isso me afetar mais."

'Você está realmente cheia?'

"Eu gostaria de estar. Eu gostaria de pensar assim."Além dessa suspeita persistente sobre a minha mãe, ela pensou, mas não se atreveu a dizer.

"E essa conexão entre o novo caso e caso de seu pai. Você sente que é, de certa forma, ressuscitar a culpa que você diz que sentiu sobre a morte do seu pai?"

"Não. Eu não me sinto culpada por isso. Eu não tenho me sentido assim há

algum tempo. Mas há aquele sentimento obscuro que sentia. Veio em mim de novo, como quando eu era uma adolescente estúpida com raiva."

'Como pensamentos obscuros?' Perguntou Goldsmith.

"Sim, mas mais do que isso. É como ver o mundo através de uma lente de negatividade e ódio. Eu meio que entro nele algumas vezes para entrar na mente de um assassino—para pensar como eles. E eu não tenho sido capaz de fazer isso ainda com este caso. Algo parece fora do lugar desta vez."

'Faz você se sentir como uma agente inadequada?'

Mackenzie pensou sobre isso por um momento e depois balançou a cabeça lentamente. "Não. Faz-me sentir fraca. Eu tenho muita coisa me distraindo."

'Bem, seu trabalho não pode suprir tudo, ser a sua vida inteira', disse Goldsmith.

'Eu lentamente estou descobrindo isso', Mackenzie disse. "Mas, com este trabalho, isso pode acontecer tão facilmente."

"Há alguém que poderia ajudá-la nisso? Alguém que pode ajudá-la a mapear os meandros da sua vida? Um membro da família? Alguém com quem você se relaciona amorosamente?"

'Não', disse Mackenzie.'Eu praticamente afastei qualquer pessoa que preencha essas funções. Eu realmente só posso contar agora com o Bryers e ele—"

"Ela,parou aqui, pensativa. Era mais do que querer manter a saúde de Bryers em segredo, algo tinha acendido. Uma ideia. Um indício de uma teoria.

"E Bryers?"

"Nada," ela disse distraída. Sua mente estava recuando um pouco para algo que a Goldsmith tinha dito.

Alguém que pode ajudá-la a mapear os meandros da sua vida...

"Mackenzie?"

“Um momento”, ela disse, começando a andar ao redor da sala.

Talvez ela tivesse sido incapaz de entrar na cabeça deste assassino porque não era na cabeça de um assassino que ela estava tentando entrar. Talvez houvesse... bem, talvez ajudasse.

Mas a palavra ajuda não foi o que criou a faísca em sua mente. Foi outra palavra: mapa.

“Conseguimos?” Disse Goldsmith. “Você achou o que você estava procurando?”

Mackenzie balançou a cabeça lentamente.

Ela pensou em Brian Woerner. Ele tinha ido para o Little Hill apesar das barricadas. E então, ele aparentemente foi levado sem que o drone, guardas do parque ou carros de polícia o vissem. Quais eram as chances de se fazer isso? Claro, ele tinha chegado no parque, porque ele conhecia o lugar, mas quem mais saberia isso? Quem mais saberia onde é seguro para caçar um visitante curioso?

Quem mais poderia ter mapeado a área tão perfeitamente?

“Merda”, disse Mackenzie. "Eu tenho que ir. Muito obrigada.”

‘Ok’, disse Goldsmith quando Mackenzie foi até a porta. ‘Mas Mackenzie?’

‘Sim?’ Ela disse, impaciente.

“Não espere tanto tempo para me ver de novo?”

Mackenzie respondeu apenas com um aceno de cabeça. Antes que a porta fechasse mesmo atrás dela, ela pegou o telefone e ligou para Bryers. Ele respondeu no segundo toque e parecia um pouco cansado.

Parecia que ele tinha tossido muito ultimamente .

“Você disse que queria estar na ativa antes, certo?”, perguntou Mackenzie.

"Sim. Por quê?”

“Eu acho que tenho uma ideia. Eu acho que eu sei quem orquestra as mortes no Little

Hill.”

‘Quem?’

‘Você tem alguma ideia de quem estava mais próximo de onde Brian Woerner entrou no parque?’ Ela perguntou.

“Hum... sim, eu tenho certeza que foi um dos seus bons amigos, os guardas do parque.”

“Você pode estar pronto para sair para Strasburg em dez minutos?”, Perguntou Mackenzie.

“Eu posso estar pronto em cinco”, disse ele, não parecendo cansado.

Mackenzie correu para a garagem, confiante de que este seria a última horrível viagem para Strasburg que ela teria que fazer.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Quando Mackenzie puxou o carro para o pequeno estacionamento da delegacia de Strasburg, Clements e Smith já estavam esperando. O crepúsculo estava se aproximando, estabelecendo-se em silêncio sobre a pequena cidade. Smith deu um pequeno aceno quando saíram do carro. Clements, por outro lado, não parecia feliz. Ele aproximou-se deles como um soldado marchando para a guerra, sua mandíbula e seus olhos se estreitaram.

Você tem certeza disso?” Perguntou Clements.

“Como eu lhe disse ao telefone,” Mackenzie disse: “Eu não estou absolutamente certa, mas tudo aponta para ele. E a pior coisa que poderia acontecer é acabarmos com um guarda do parque ficando muito chateado depois de tudo ter sido dito e feito.”

‘Holt,’ Clements disse, balançando a cabeça. “Charlie Holt. Você acha que ele fez isso?”

‘Eu não sei’, repetiu Mackenzie, quase como se ela estivesse falando com uma criança de cinco anos de idade. “Mas eu acho que nós precisamos investigar.”

“Nós ainda temos que ter cuidado com a forma como abordamos isso”, disse Smith. “Você está acusando um guarda florestal do estado de alguns atos muito hediondos.”

“A coisa é a seguinte,” Clements disse, “Eu quase achei isso fácil de se acreditar. Holt sempre pareceu meio estranho, sabe? Olhando para o espaço o tempo todo, resmungando para si mesmo. Sempre colhendo castanhas de carvalho como um drogado obcecado.”

‘Eu percebi’, disse Mackenzie. “A fixação por castanhas mostra que ele fica nervoso sobre algo.

Olhando para trás, relembrando, era mais do que apenas uma coisa compulsiva como fumar quando um fumante fica nervoso. Ele estava inquieto... ele estava ocupando suas mãos, como se estivesse com medo.

Ele poderia literalmente saltar para fora de sua pele.”

‘Você puxou seus antecedentes?’ Bryers perguntou Clements.

“Sim”, disse Clements. Ele deu para Mackenzie uma pasta que ele estava segurando em suas mãos o tempo todo.

Mackenzie olhou-a rapidamente, procurando qualquer coisa que se destacasse para ela. Charlie Holt tinha vinte e sete anos de idade e tinha começado o trabalho como um guarda florestal graças a uma graduação em agricultura na Virginia Tech. Ele começou há dois anos como guia para os programas orientados para a juventude do parque e, finalmente, foi indicado para a patrulha de segurança antes de entrar como um guarda um ano depois. Ele não tinha antecedentes criminais, mas também não havia outras referências além das poucas da faculdade.

“Não há nada de antes da faculdade?” Ela perguntou. “Informações escola do ensino médio ou outra coisa?” Perguntou Mackenzie.

“Não”, disse Clements. “Mas por que isso importa?”

“Não sabemos onde ele cresceu? Onde é que ele viveu antes de ir para Virginia Tech?”

‘Não tenho certeza’, disse Clements. “Eu tenho certeza que para se candidatar como um guarda florestal não se exige muito senão uma verificação básica de antecedentes e informação da faculdade. E

pelo que eu posso dizer, ele está limpo.”

O silêncio caiu entre os quatro-um silêncio que não terminou até Clements chutar o pneu de seu carro de patrulha e dizer: “Ah, o inferno. Vamos acabar com isso. Mas não todos os quatro. Se formos atrás dele e nós estivermos errados, eu não quero que pareça assédio moral.”

‘Só você e eu então’, disse Mackenzie. “Bem, rápido. Vai ser como puxar um

Band-Aid.”

‘Para você, talvez’, disse Clements. “Se estivermos errados sobre isso, eu vou ter que enfrentar a reação dele.”

Mackenzie entendia sua preocupação, mas ela também sentiu que seu palpite estava certo. Para a floresta tão bem, para saber quando os drones estavam saindo... ou era um policial local ou um guarda.

E com base na maneira que Charlie Holt tinha reagido quando o FBI tinha entrado e sua postura ao longo do perímetro no dia que Brian Woerner conseguiu passar, certamente valia a pena conferir. O fato de que ele tinha um período tão vazio em seu registro também a fez sentir que ele era um excelente candidato.

Era uma certeza que sentiu solidamente quando entrou no banco do passageiro do carro de patrulha de Clements. Quando eles saíram, ela assistiu o Bryers andar para dentro da estação com Smith e sentiu que eles precisavam agir rápido. Algo sobre Bryers a lembrava do seu tempo limitado de vida, ele teve um sentimento como se o seu tempo estivesse se esgotando, também.

***

Charlie Holt vivia em uma casa de um andar caindo aos pedaços na borda leste

de Strasburg. Era um bairro de classe média baixa com grama alta e calçadas rachadas. Em menos de vinte minutos de carro de Little Hill eles chegaram, e quando Clements estacionou o carro, a noite tinha caído completamente.

Mackenzie achou quase reconfortante simplesmente caminhar até a porta da frente de Charlie e bater. Era o tipo de comunidade— tranquila, com postes em cada esquina e sem nenhuma necessidade real de se sentir seguro.

Clements bateu na porta. Mackenzie fez questão de recuar para parecer menos intimidante. Ela lembrou da reação de Charlie à sua presença naquela primeira cena do crime. Se ele sentisse que ela estava por trás daquilo, ele poderia não falar nada. Mas se ela ficasse na retaguarda ela poderia talvez, até mesmo, parecer subservientes ao Clements— poderia ser sua melhor estratégia.

Charlie respondeu vários segundos mais tarde. Ele abriu a porta um pouco e Mackenzie notou sua expressão quando viu que estava em sua varanda. No início, houve confusão e, em seguida, um flash de medo. Ela observou os olhos dele de perto, sabendo que os olhos que deslocavam nervosamente geralmente indicavam tanto culpa quanto algo sendo escondido. Com Charlie Holt, ela viu aquele sinal indicador com bastante facilidade. Ele absolutamente estava escondendo alguma coisa e ele não estava feliz em ver um chefe da polícia local e uma agente do FBI lhe visitando.

“Charlie,” Clements disse, “Eu gostaria de fazer-lhe algumas perguntas sobre a confusão que aconteceu no Little Hill. Tudo bem?”

Charlie não respondeu de imediato. Ele desviou os olhos de novo, desta vez olhando para o chão. “Eu acho”, disse ele, hesitante. “Vamos entrar. Mas... bem, por que ela está aqui?”

“Porque é um caso federal”, perguntou Mackenzie. “Minha presença aqui elimina um intermediário e acelera a comunicação. Nada grande.”

‘Ela está certa’, disse Clements. “Nós apenas temos algumas perguntas básicas.”

Charlie os levou para sua casa. A TV estava em Wheel of Fortune e um prato de macarrão com queijo e cachorros-quentes estava no sofá. Mackenzie viu tudo isso, mas ela também notou que Charlie pegou seu telefone celular da pequena mesa de café e o colocou no bolso imediatamente. Ele fez isso rapidamente,

como se estivesse tentando escondê-lo.

“Então, você sabe que um cara local está sumido”, disse Clements. “Brian Woerner.”

“Sim, eu sei.”

“Nós estávamos imaginando como ele entrou no parque com os policiais e guardas bloqueando as estradas”, disse Clements. “Você faz ideia de como isso aconteceu?”

“Nada”, disse Charlie. “Algumas dessas crianças locais conhecem a floresta quase tão bem quanto eu.

Ele provavelmente costumava ir lá para baixo com alguma garota. Ou ficar chapado, ou algo assim.”

‘Provavelmente’, disse Clements. “Charlie, você sabe que deveria estar monitorando a estrada onde Woerner acessou o parque?”

Mackenzie escutou tudo isso quando ela viu o resto da sala. Ela não queria vasculhar a casa sem a sua permissão. Como de costume, Clements foi interrogá-lo muito agressivamente; Mackenzie não queria dar-lhe mais um motivo para surtar prematuramente. Ele era culpado de alguma coisa e ela esperava descobrir sem que coisas ficassem desagradáveis.

“Eu não sei”, disse Charlie, finalmente, respondendo a última pergunta. “Andrews, talvez?”

“Não foi você?” Perguntou Clements.

"Não. Eu estava... ah, inferno, eu esqueci. Eu estava lá embaixo, na estação de água a maior parte do dia, protegendo aquele caminho.”

‘Oh, tudo bem’, disse Clements. Ele deu Mackenzie um breve olhar que mostrou a ela que era uma mentira. Ele franziu a testa um pouco, sabendo que eles fariam.

Mackenzie avançou então. Enquanto ela não concordava com a maneira como Clements estava se aproximando, ela sabia que tinha que aderir. “Tira bom e

tira ruim" é uma conceito que só funciona nos filmes. Na realidade, a consistência era o que normalmente dava resultados.

"Charlie, eu posso consultar o seu telefone?", ela perguntou.

"O telefone?"

"O que eu vi você deslizar em seu bolso como um mágico quando chegamos."

'Para quê?', perguntou Charlie.

'Só para verificar. Você parecia ansioso para tirar isso de nossas vistas.'

'Você precisa de um mandado para isso, não é?' Charlie perguntou.

"Droga, Charlie", disse Clements.'Basta deixar-me ver o seu telefone.'

'Não é da sua conta.'

'Se.eu tiver que ter um mandado, eu terei,' disse Mackenzie. "Ou você pode me poupar de um problema e uma taxa de obstrução apenas se entregando e—"

Ela foi interrompida no meio da frase quando Charlie estendeu a mão, agarrou seu prato de macarrão com queijo e cachorro-quente, e jogou-o como um Frisbee.

Clements teve apenas o tempo suficiente para deixar sair um rápido "Que mer-"antes que fosse atingido no rosto.

Levou exatamente dois segundos para Mackenzie se mover. Charlie já tinha corrido para a parte de trás da casa. Seus passos trovejaram através do lugar como um rebanho de vacas. Mackenzie foi atrás dele, sem saber se ele estava tentando uma fuga ou correndo para pegar uma arma.

Ela o seguiu até um pequeno corredor que levava à uma pequena cozinha. Atrás dela, ela podia ver a porta traseira e a noite esperando lá fora. Charlie estava se dirigindo para a porta de trás, aparentemente pensando que ele poderia escapar.

Por trás dela, Mackenzie ouviu Clements gritando o nome de Charlie com uma

fúria primitiva. Ela ignorou-o, no entanto. Charlie era rápido, mas ele também estava nervoso e com medo. Ele foi para a cozinha, mas quando ele se virou e se dirigiu para a porta dos fundos, Mackenzie se abaixou e se lançou nos joelhos dele.

Ela acertou ele, bateu nas pernas dele. Ele tombou, batendo a cabeça na borda do balcão da cozinha.

Mackenzie subiu rolando, bateu forte em uma fileira de armários ao longo do chão. Ela, então, mergulhou

em Charlie antes que ele tivesse tempo para sequer descobrir o que tinha acontecido.

Mackenzie plantou um joelho em suas costas e puxou seus braços para trás. Nesse instante, Clements veio correndo para a cozinha. Ele quase empurrou Mackenzie fora de Charlie para que ele pudesse algemá-lo.

“Fique de pé, porra” Clements murmurou. Ele arrancou Charlie e empurrou-o com força contra o balcão.

Mackenzie fez o possível para desviar o olhar de Clements. Havia macarrão e queijo em seu cabelo e manchas em seu rosto. Um pedaço de cachorro-quente estava preso entre o pescoço e o colarinho da camisa.

“Charlie, você está preso”, Clements falou fervilhando de raiva. Ele então virou-se para Mackenzie e disse: “Se você contar sobre isso, eu vou matá-la. E se eu não puder lhe matar, eu vou me matar.”

Ele sorriu e arrancou o pedaço de cachorro quente para longe de seu pescoço.

“Seu segredo está seguro comigo”, disse ela. Ela deu um passo para frente e enfiou a mão no bolso de Charlie. Ela pegou o telefone e mostrou para Charlie.

“Qual é a sua senha?”

Charlie balançou a cabeça em resposta.

Mackenzie deu de ombros. "Não importa. Podemos ter alguém fazendo isso dentro de uma hora. Nesse meio tempo, eu acho que nós precisamos ter uma

conversinha.”

CAPÍTULO VINTE E NOVE

A sala de interrogatório no interior do DP de Strasburg não era muita coisa, mas alguma coisa sobre ela, na verdade, alimentava o humor de Mackenzie. Era pequena, limitada, e pouco iluminada. Ela cheirava a fumaça de cigarro velho e suor. A única câmera existente estava no canto superior esquerdo da sala, gravando a sessão e passando para uma pequena TV em uma sala de exibição no corredor. Porque o lugar era tão pequeno e fechado, não havia muito mais do que um grande armário, realmente. Essa sala era um pouco mais quente do que o resto do edifício.

Charlie Holt se sentou na pequena mesa no centro da sala. Ele parecia nervoso e até um pouco assustado. Ele tentou parecer um cara durão no carro a caminho do departamento de polícia, mas ele tinha desmoronado logo que foi levado para a sala de interrogatório. Apesar disso, ele se recusava a falar. Ele não iria responder nem mesmo a mais simples, a mais básica das perguntas.

Havia apenas uma cadeira no quarto, e Charlie Holt estava sentado nela. Mackenzie ficou de costas contra a parede, olhando-o de perto e tentando entendê-lo.

“Charlie... jogar seu jantar em um policial mostra algum tipo de desequilíbrio mental ou um grau de culpa. Você entende por que desconfiamos de você, certo?”

Charlie não disse nada. Ele só olhou para ela fugazmente, da mesma maneira que ele tinha feito no primeiro dia em que ela e Bryers entraram no caso.

“Quanto mais tempo você ficar quieto, mais suspeito parece”, ela prosseguiu. “Mais do que isso, se você não me der algumas respostas, eu vou desistir e deixar o Xerife Clements vir aqui e questioná-lo. E

confie em mim... ele ainda está muito chateado e envergonhado com o que aconteceu. Dadas as circunstâncias, acho que é melhor falar comigo.”

Charlie abriu a boca para dizer algo, mas então engoliu de volta no último momento. Ele balançou a cabeça e disse: “Eu não falo.”

“E por que, Charlie”? Ela disse “O que é que você não quer falar?

Os assassinatos?”

Seus olhos foram para a mesa e todo o seu corpo parecia rígido. Ele estava com medo. Mas Mackenzie pensou que poderia haver algo mais acontecendo. Ele estava com medo... mas não dela. Ele estava com medo de dizer alguma coisa que não deveria, mas sua linguagem corporal e reação a fez pensar que era mais do que derramar seus segredos. Ela tinha visto este tipo de coisa antes, durante a sua formação na Academia e algumas vezes em uma escala menor quando ela estava trabalhando como detetive em Nebraska.

“Você sabe onde Brian Woerner está, não é?” Disse Mackenzie.

Ele permaneceu em silêncio.

“Quanta força é preciso para cortar uma perna na altura do joelho?” Perguntou ela, esperando que ele confessasse. “E o que você usa para fazer um corte tão bem feito, mesmo através do osso?”

Ele segurou seu silêncio, mas começou a se contorcer desconfortavelmente na cadeira. Ela estudou-o, observando seu rosto e estreitamento de seus olhos. Ele estava com medo, chateado... mas outra coisa.

Ele estava certamente escondendo alguma coisa, mas ela não achava que era algo que ele tinha feito. A reação a suas descrições violentas e sua recusa absoluta de falar em a fez pensar que algo estranho estava em jogo aqui.

Uma ideia tão profunda surgiu em sua cabeça que ela levantou-se com pressa.

O período vazio em seus registros... nada antes da faculdade ...

Ela aproximou-se da mesa e ficou quieta. Ela simplesmente estudou o rosto de Charlie por um momento e viu tudo o que ela precisava ver. Para garantir, no entanto, ela acrescentou mais uma pergunta.

“Você não matou aquelas pessoas, não é?”

Ele olhou para ela por um momento... por um rápido segundo, na melhor das hipóteses. Mas era tudo o que precisava ver. Havia um alívio lá. Havia verdade

lá. E estava também... bem, havia algo mais, também.

Ele não é o nosso cara. Bem, ele não é o assassino, de qualquer maneira. Se eu estiver certa sobre isso... oh meu Deus ...

“Eu já volto, Charlie.”

Mackenzie deixou a sala de interrogatório, fechando a porta com força atrás dela, e se dirigiu para a próxima sala no fim do corredor. Ela se juntou a Bryers, Clements e Smith, todos estavam reunidos em torno da pequena TV aparafusada à parede.

“Deixe-me falar com ele”, disse Clements.

“Ainda não,” disse Mackenzie. “Smith, você se lembra das especificidades do rapto Will Albrecht?”

“Da maioria delas, sim. O que você precisa saber?”

‘Will tinha quantos anos quando ele foi levado?’

‘Sete’, Smith respondeu. “Um mês antes dos oito.”

“Dezenove anos atrás?” Perguntou Mackenzie.

“Sim”, disse Smith. “Por que voc ... não. De jeito nenhum.”

“Will Albrecht teria vinte e sete anos de idade hoje. Charlie Holt tem vinte e sete anos de idade. Ele também tem um registro com alguns poucos anos faltantes antes da faculdade.”

‘Isso é o inferno’, disse Clements.

“É mesmo?”, Perguntou Bryers. “Vamos descobrir.”

Ele pegou seu telefone celular e fez uma ligação. Ele caminhou até o fundo da sala para falar com a pessoa na outra linha. Murmurou calmamente quando uma onda de tensão começou a encher a sala.

“Deixe-me ver se entendi”, disse Clements. “Você espera que eu acredite que Will Albrecht sobreviveu seu rapto e depois voltou para sua cidade natal, sem

ninguém perceber que era ele? Não só isso, mas que ele aceitou um emprego como um guarda florestal e agora está matando as pessoas?"

"Você está parcialmente certo', disse ela. "Você sabe tão bem quanto eu que sua família se mudou para longe após o rapto. Portanto, não há família aqui que o reconheceria. Eu não acho que ele voltou. Eu acho que ele nunca foi embora."

Ele olhou para ela.

"O que você está dizendo?" Perguntou.

Ela suspirou.

"Eu não acho que ele está matando essas pessoas", disse ela. "Mas eu acho que ele está ajudando alguém."

"Ajudando quem?" Clements, claramente não entendeu.

Mackenzie olhou para trás.

"O psicopata que o sequestrou há vinte anos."

Todos olharam para ela, claramente processando a informação, como um pesado o silêncio cobriu a sala.

"Ele está mostrando sinais de proteger alguém", Mackenzie continuou. "Ele não está preocupado com seus próprios segredos. Ele parece mais preocupado com um deslize e em dizer algo que não deve. E que quase certamente, indica que há outra pessoa envolvida. E sempre que eu direciono as perguntas para a natureza horrenda dos crimes, ele fica visivelmente desconfortável."

Enquanto Clements e Smith refletiram sobre isso (Smith com um sorriso impressionado em seu rosto),

Bryers se juntou a eles novamente. "Eu tenho a Inteligência trabalhando para puxar uma certidão de nascimento do Charlie Holt, a graduação na Virginia Tech e sua documentação a atual contratação como funcionário no parque Little Hill. Devemos ter resultados muito em breve."

Clements olhou para a tela da televisão com as mãos nos quadris.

“Inacreditável”, disse ele. “Se isso for verdade...”

“Eu quero esperar o telefonema da Inteligência”, disse Mackenzie. “Eu quero saber isso com absoluta certeza antes de falar com ele novamente. Ele está com medo e frágil no momento. Se eu puder usar isso como uma arma, ele vai desmoronar muito facilmente, eu acho.”

‘Mas e se ele é o assassino?’, Perguntou Smith. “Quero dizer... pegamos ele assim? Acaba o caso assim, tão facilmente?”

Era um pensamento agradável, mas Mackenzie estava quase certa de que Charlie Holt (se esse era o seu nome, algo que ela duvidava muito fortemente) não era um assassino. Com a forma como os corpos haviam sido abatidos e um tipo estranho de exibição, o assassino provavelmente estaria muito orgulhoso do seu trabalho... não encolhido e à beira das lágrimas.

Mackenzie o assistiu na televisão. Ele não conseguia ficar confortável na cadeira. Em uma ocasião, ele se virou e olhou para a câmera, como se ele pudesse sentir os olhos dela sobre ele na sala ao lado.

Atrás dela, todos os outros circulavam ansiosamente. Smith saiu para um café. Clements saiu para verificar alguns assuntos menores em seu escritório. Bryers ficou ao seu lado, mas permaneceu em silêncio. Ela sentiu ele por trás dela como um fantasma... e dada a sua condição atual, era uma sensação estranha.

Ela não tinha certeza de quanto tempo tinha passado quando o telefone de Bryers tocou. Ele respondeu rapidamente e Mackenzie fez o seu melhor para ouvir como Bryers deu uma série de Sim s e Obrigados.

Quando ele terminou a chamada, um minuto depois, ele parecia um pouco sério ainda.

“Não há nenhum registro sobre Charlie Holt antes do ensino médio”, disse ele. “Ele estudou na Barnes Middle School e Escola Superior Barnes na Pensilvânia. Antes disso, porém... nada. Não há registro de uma certidão de nascimento. Não há registros de vacinação antes do ensino médio. E o único contato de emergência que a Inteligência achou é Bob White... falecido em 2011. Outra coisa, há uma questão sobre a autenticidade dos registros do ensino médio.”

‘São falsificações?’“Eu não tenho certeza. Os caras da inteligência estão olhando. Ainda assim, eu acho que é um exagero dizer que Charlie Holt é Will Albrecht.”

Mackenzie não tinha tanta certeza.

“Só há uma maneira de descobrir”, disse ela.

CAPÍTULO TRINTA

Quando Mackenzie voltou para a sala de interrogatório, ela estava muito ciente dos três pares de olhos que estavam olhando para ela através da câmera. Ela também estava muito consciente do olhar desconfiado no rosto de Charlie.

“Esta é a sua última chance”, disse Mackenzie. “Você fala agora ou você vai passar algum tempo na cadeia.” Isso, ela sabia, não era certo a menos que pudessem apontar algo sobre ele, mas ela tinha certeza que ele não saberia uma coisa dessas.

Charlie apenas encolheu os ombros.

“Por que você tentar escapar quando apenas fazemos algumas perguntas sobre o caso? Como um guarda do parque, você deveria estar mais do que dispostos a ajudar.”

Ele ficou quieto. Mackenzie quase desejou que ele fizesse isso desafiadoramente. Talvez com os braços cruzados ou com um sorriso malicioso no rosto. Mas não... Charlie estava tremendo em suas botas, os lábios trêmulos e olhos cheios, à beira de se derramar em de lágrimas.

"Bem. Fique quieto“, disse ela ‘Mas, enquanto isso, eu quero contar para você uma história. Tudo bem?’

Sem lhe dar tempo para entender o que ela queria dizer, Mackenzie começou: “Enquanto os terríveis assassinatos no parque Estadual são certamente trágicos, é importante notar que não é a primeira vez que algo terrível aconteceu no parque. Veja você... cerca de vinte anos atrás, um menino desapareceu. Ele tinha sete anos e foi sequestrado logo nos arredores das trilhas quando ele saiu à frente de seus pais e se distanciou em sua bicicleta. A polícia procurou e procurou, mas o garoto nunca apareceu.”

Mackenzie fez uma pausa, inclinando-se sobre a borda da mesa e olhando diretamente em seus olhos.

Uma lágrima finalmente derramou por sua bochecha, e depois outra. Ele soltou um pequeno gemido lamentável e olhou para longe dela.

“A história continua com um guarda florestal que tem trabalhado no parque Little Hill por alguns anos.

Ele é um cara bastante agradável mas o engraçado é que, quando a polícia começou a olhar a sua história, havia uma grande lacuna. Não há nenhum registro dele de quando era uma criança—nem antes de frequentar o ensino médio, na Pensilvânia. E então,—”

‘Pare’,disse ele. “Basta, pare!” Ele fungou e olhou para ela novamente. Ele parecia perdido. Ele parecia derrotado e arruinado.

Mackenzie afastou-se da mesa, a apenas alguns passos, para não parecer tão ameaçadora. Ela então suspirou e usou um tom suave e tranquilizador.

“Onde você estava todos esses anos, Will?”

“Ele estava cuidando de mim.”

“Quem?”

Will Albrecht sacudiu a cabeça. Foi a primeira vez que ele parecia absolutamente disposto a cooperar. Sua mandíbula estava apertada e seu olhar, ainda derramando lágrimas, totalmente frio.

“Deixe-me ver se eu posso ligar os pontos para você”, disse ela. “Eu acho que há uma chance de que você tenha sido sequestrado e depois cuidado por quem quer que lhe raptou. Talvez vocês dois deixaram a área e viveram uma vida secreta em outro lugar. Pensilvânia, talvez. E depois você volta aqui com o seu sequestrador. Você assumiu um trabalho como um guarda do parque para poder... o quê? Ajudá-lo a encontrar suas próximas vítimas?”

Ele olhou para ela com um olhar estranho que era como uma espécie de raiva suplicante. "Não é desse jeito. Ele está... ele está ajudando—”

“Quem? E, pelo amor de Deus, por que você tem o ajudado?”

Ele balançou a cabeça novamente.

“Como você faz isso, Will? Como você pode escolher as pessoas para este homem matar? O que fez de Brian Woerner um candidato? Will... você sabe quem é o assassino, não é? Você foi ajudá-lo.”

“Eu... tinha que fazer. É Importante. O que ele está fazendo... tão importante. E ele... ele iria me machucar.”

“Will... se ele acha que é importante ou não, isso é errado. Ele está matando pessoas. Ele está dilacerando pessoas. . E você está ajudando esse cara!”

Ele apenas balançou a cabeça, em silêncio.

“Você tem que nos dizer quem é”, disse Mackenzie. “Você tem que nos ajudar a encontrá-lo.”

Mas ele permaneceu em silêncio.

Ela sentiu a raiva queimando por dentro, sentiu o lado obscuro querendo assumir. Mas ela tinha finalmente chegado até ele. Ela conhecia a farsa deste tipo de pessoa; ele tinha sido roubado e, em seguida, de forma eficaz, sofreu uma lavagem cerebral de quem o raptou. Se ela perdesse a paciência com ele, ele ficaria completamente fora do ar.

“Coloque-me na cadeia, se você quiser”, disse ele. Ele ainda estava chorando, mas sua voz era calma.

Quase em paz. “Faça qualquer coisa que você sente que tem que fazer. Mas eu não vou falar mais.”

Ela sabia que tinha de se afastar. Ela já tinha o desmascarado e descoberto a sua identidade falsa.

Ela tinha, de uma forma muito distorcida, invertido a vida dele naquele momento. Depois de um evento tão traumático, ela sabia que ele não desistiria de mais nada. Com sua identidade revelada, o que mais ele tinha a perder? Só uma coisa, aparentemente... a identidade do assassino. E ela tinha certeza que

ele iria se agarrar nisso com todas as suas forças.

“Tudo bem, Will,” disse ela. “Mas eu quero que você pense bem sobre isso. Eu quero que você pense sobre as cenas que você viu nas florestas... o trabalho do homem que você está protegendo. O sangue que foi derramado e o sofrimento que ele causou está em suas mãos, também. Você pode reparar isso fazendo a coisa certa.”

Mais uma vez, Will Albrecht sacudiu a cabeça.

Lentamente, Mackenzie voltou para a porta. Ela saiu da sala de interrogatório e quando ela estava de volta no corredor, ela começou a abrir e fechar os punhos. Raiva e lógica estavam batalhando e, nesse momento, ela honestamente não se importava com qual seria a vitoriosa.

Clements veio correndo ao seu encontro. Seus olhos estavam selvagens de excitação.

“Puta merda”, disse ele. “Você estava certa.”

“Mas ainda há um assassino lá fora”, ela disse, “e se Will não falar, não estamos mais perto de encontrá-lo.”

De dentro do bolso, o telefone tocou. Ela o deslizou para fora e olhou para a tela.

Era o McGrath.

O coração dela caiu de seu peito quando ela se perguntou sobre o que ele poderia estar ligando para falar. No mesmo instante, ela pensou sobre sua viagem à Nebraska e como ela havia mentido para ele sobre as razões por trás disso.

“Desculpe-me,” ela disse para Clements. “Eu tenho que fazer isso.”

Ela se afastou, respirou fundo, e então respondeu. “É a Agente White.”

“Mackenzie”, disse ele. “Você está em Strasburg?”

Sim, senhor. O que foi?”

‘Só queria ter certeza, pois aparentemente, você têm o hábito de mentir para os seus superiores sobre suas viagens para determinados lugares.’

‘Senhor, eu-’

“Cale a boca. Pela primeira vez, fique quieta, White. Eu preciso ter uma porra de uma conversa séria com você.”

CAPÍTULO TRINTA E UM

“Estou ouvindo”, disse ela. Ela odiava estar instantaneamente nervosa. Tinha a sensação de que ela sabia do que se tratava e descobriu que merecia seja qual fosse a consequência.

“Sua viagem para Nebraska,” disse ele. “Eu tenho autoridade para dizer que você não foi completamente honesta comigo. Você quer vir esclarecer isso agora ou eu terei que repreender você?”

Ela não viu motivo para mentir ou até mesmo hesitar. “Alguma coisa aconteceu lá. Um novo caso com ligação com o caso do meu pai. Um investigador particular de lá me colocou por dentro da situação.

Senhor... Eu nem sei se eu posso explicar por que, mas eu tinha que verificar isso antes que fosse para outra pessoa do departamento.”

‘E por que isso?’ Perguntou McGrath.

“Porque eu sabia que as chances de eu participar disso eram muito escassas. Eu tinha que dar uma olhada antes.”

McGrath ficou em silêncio por um tempo e quando falou de novo, suas palavras saíram lenta e calculadamente. “Eu compreendo a sua necessidade. Mas se você mentir para mim de novo, de tal forma, eu me encarregarei de tirar o seu distintivo.”

‘Sim, senhor.’

Ele suspirou, e uma longa pausa seguiu. Mackenzie sentiu seu coração batendo, perguntando se ela iria perder o emprego antes mesmo de começar.

“Olha,” ele finalmente disse, com um tom mais suave. “Eu tenho certeza que vou me arrepender disso mais tarde, mas eu vou dizer uma coisa: você termina com esta coisa logo antes que um outro corpo apareça e eu vou ver o que posso fazer por você sobre o caso do seu pai. Por sinal, ele oficialmente foi reaberto. A partir de amanhã será um caso ativo. E se eu colocá-la nele, você tem que ser discreta... por isso não fique muito animada ainda.”

‘Obrigada, senhor.’

“Não me agradeça ainda. Por agora, basta ir lá e pegar esse Assassino do Camping.”

Ele matou a chamada antes que ela tivesse tempo de lhe dar quaisquer garantias. Ela embolsou o telefone dela e caminhou rapidamente para a pequena sala de descanso. Smith e Bryers estavam sentados ao redor de uma pequena mesa, bebendo café em copos de isopor. Mackenzie pegou um pra ela e, em seguida, se juntou a eles.

“Smith”, disse ela, “Eu me pergunto se você me faria um favor, e deixaria o Bryers e eu a sós para conversarmos em particular?”

Smith concordou e se despediu. Ele parecia quase feliz por ter feito aquilo. Ele parecia inquieto e cansado quando saiu.

“Tudo bem?” Bryers perguntou quando Mackenzie se sentou.

“Bem, as coisas estão estranhas”, disse ela. “McGrath me chamou. Eu não sei como, mas de alguma forma ele descobriu porque eu eu voltei para Nebraska.”

‘Você acha que foi o investigador com quem você se encontrou?’

“Eu não posso ter certeza, mas eu acho que não. Mas eu não consigo pensar em qualquer outra coisa a respeito.”

“.‘Ele estava chateado?’ Perguntou Bryers.

“Pois e”, disse Mackenzie. “Ele certamente não estava feliz com isso, mas ele não estava tão chateado como geralmente fica com uma insubordinação. Ele até me disse que me colocaria no caso, se eu quisesse. Mas eu tinha que ser discreta a respeito.”

‘Isso é incrível’, disse Bryers. “Quando ele vai lhe enviar para lá?”

Ela encolheu os ombros e suspirou. “Eu não sei se eu vou.”

“Por que não” Ele perguntou.

“Porque isso é uma parte do meu passado. Um passado eu passei toda a minha vida tentando escapar.

Este caso parece uma ressaca no mar... me puxando para trás. E, embora parte de mim queria muito voltar lá e descobrir o caso sobre o meu pai... a parte mais inteligente de mim me diz para deixar isso para lá.”

O que ela não acrescentou foi o pensamento angustiante que ela tinha conseguido superar sem a orientação ou apoio do resto da família, por que ao deixar para trás o mistério da morte de seu pai seria diferente?

Havia, é claro, as novas revelações sobre sua mãe a serem consideradas.

“Isso é bastante notável em você”, disse Bryers. “E sendo direto, eu acho que é a decisão mais inteligente. Nebraska e tudo o que aconteceu lá são coisas do seu passado. O que você está fazendo agora... bem, é o seu presente e o seu futuro. Você é boa pra caralho no que faz, Mac.

Eu ainda estou chocado com a forma como você descobriu que Charlie Holt era realmente Will Albrecht. Nunca deixe o seu passado puxá-la para baixo ou impedi-la de seguir em frente.” Ele parou aqui e deu um sorriso fraco. “Escute um moribundo que não terá tempo para apreciar plenamente o seu futuro.”

“Bryers, você não pode pensar assim”, disse ela. “É derrotista. É—”

Uma batida na porta a interrompeu. Clements abriu a porta e entrou. Ele parecia quase apologético, como se ele soubesse que estava interrompendo alguma coisa importante.

“Desculpe-me por interromper”, disse ele. “Mas nós estamos caminhando e colocaremos o Albrecht numa cela durante a noite. Talvez ele fale algo amanhã.”

‘Talvez’, disse Mackenzie. Ela não podia deixar de notar a mudança em seu

comportamento. Ele tinha sido um homem totalmente diferente há quatro dias, quando ela e Bryers tinham entrado no caso. Ela se perguntou se foi por causa da sua eficácia ou por causa da natureza do caso que seu comportamento havia mudado.

“Então, você está bem com a prisão dele?” Perguntou.

“Eu acho que você tem motivos suficientes”, disse Mackenzie. “Eu também acho que não custa enviar algumas pessoas para a casa dele para ver se há alguma coisa lá que vale a pena. Will é a nossa melhor aposta para encontrar o assassino, e ele pode ser a nossa única chance.”

Clements balançou a cabeça, deu um rápido e áspero ‘Obrigado’ e, em seguida, saiu da sala.

Quando ele se foi, Bryers ficou de pé e se espreguiçou.

“Bom trabalho esta noite, Mac”, disse ele. “Que tal irmos para o hotel para pregarmos os olhos? Com Albrecht em uma cela, não há nada mais que possamos fazer aqui até ele decidir falar.”

Ela queria sair para potencialmente questionar Will Albrecht pouco mais. Certamente, ele iria sucumbir em algum ponto. Mas ela podia deixar instruções para se chamada com Clements e seus rapazes locais se isso acontecesse. Por enquanto, Bryers estava certo. Ela precisava dormir. Ela precisava recarregar as energias.

Bryers soltou uma tosse poderosa que sacudiu Mackenzie até os ossos. Ela franziu a testa para ele e, para poupar na simpatia e carinho que ela sabia que iria deixá-lo desconfortável, e então balançou a cabeça.

“Eita, Bryers”, disse ela. “Parece que você está mal. Vou dirigindo.”

Ela podia ver em seus olhos que ele gostava da brincadeira. “Provavelmente”, disse ele.

Ela abriu a porta para ele, mas manteve os olhos no chão, com medo que suas emoções pudessem traí-

la, com medo de começar a chorar a qualquer momento.

***

Embora ela estivesse exausta, Mackenzie estava na escuridão do seu quarto de hotel e olhou para o teto escuro, incapaz de encontrar o sono. Ela tentou manter sua mente sobre o caso do parque mas as imagens desse cartão maldito surgiam em sua cabeça novamente e novamente.

Barker Antiguidades, pensou. Um lugar que, aparentemente, não existe mesmo. Diabos!

Em muitos aspectos, a inclusão dos cartões de visita com as cenas das mortes de seu pai e de Jimmy Scotts era muito semelhante ao que o assassino estava fazendo em Little Hill. Ele estava massacrando suas vítimas e as expondo. Ele queria que as pessoas vissem as formas dos corpos. E a pessoa que deixou os cartões de visita queria deixar as pistas de uma forma sutil, porém ousada.

Mas por quê?

Sem resposta a esta pergunta próxima, Mackenzie finalmente se permitiu dormir. Sonhou, mas não o pesadelo habitual que a atormentava. Nesse sonho, ela estava em uma casa em que nunca tinha estado antes, mas estava cheia de formas e ângulos familiares. Ela segurava uma marreta nas mãos e estava quebrando as paredes. O gesso caia como neve ao seu redor. Quando ela quebrou outra parede, pôde ver a sala. Nela, ela podia ver Stephanie. Ela estava gritando em um telefone e embora Mackenzie não tivesse nenhuma maneira de saber isso, ela estava certa de que sua mãe estava do outro lado da linha.

Stephanie viu Mackenzie olhando através do buraco irregular na parede e veio correndo. Ela segurou o telefone para Mackenzie, com lágrimas nos olhos.

“Ela quer falar com você”, disse Stephanie.

Mackenzie estendeu o braço até o buraco e pegou o telefone.

Foi quando ela despertou na cama. Ela ouviu um telefone tocando, mas foi de alguma forma garantir que isso estava conectado ao sonho. Mas os sons familiares do seu toque básico de celular vinham do seu telefone, finalmente, isso a tirou completamente do estado de sono.

Quando ela pegou o celular da mesa de cabeceira, os olhos manchados de sono

viram os números digitais no despertador. 3:56.

Ela respondeu à chamada e não fez muito para disfarçar o fato de que ela tinha acabado de ser arrancada do sono. "Alô", disse ela, sem abrir muito a boca.

"Agente White?"

"Sim. Quem é ?"

'É Clements,'veio a voz do xerife. "Desculpe-me ligar em uma hora tão louca, mas eu acho que você pode querer vir até o DP de Strasburg."

"Por quê? O que está acontecendo?"

'É Charlie Holt... ou Will Albrecht, eu acho.'

'O que tem ele?', Perguntou Mackenzie.

"Ele se matou."

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Ela chegou à delegação, sem maquiagem ou café, às 4:18. Ela tinha certeza que teria problemas com o Bryers, mas ela não o chamou. Ela queria que ele descansasse. Além disso, não podiam fazer muita coisa agora que Albrecht tinha se matado. Não faz sentido roubar o necessário tempo de descanso de Bryers.

Uma ambulância estava estacionada lá, logo na frente das portas. As luzes vermelhas estavam piscando, pintando tudo de vermelho.

Clements a encontrou na porta, parecendo tão cansado quanto ela. Ele tinha duas xícaras de café em suas mãos, uma das quais ele entregou a Mackenzie.

"Onde está seu parceiro?" Perguntou.

"Eu o dormir", disse ela, graciosamente aceitando o café. "Não há nada que duas pessoas possam fazer por um suicídio que apenas uma não possa. Como ele fez isso?" Ela perguntou.

"Envolveu um lençol em volta do pescoço e se enforcou. Os médicos conseguiram trazê-lo de volta, mas o perdemos cerca de dois minutos antes de

eu ligar para você.”

Ele a levou para a parte de trás do prédio, onde havia três pequenas celas. Consistiam em assoalhos de concreto, uma cama estreita e uma pequena mesa ao lado da cama. A primeira estava ocupada com dois paramédicos e um corpo morto coberto com um lençol em uma maca.

Mackenzie olhou para dentro, confusa. “Como ele conseguiu se enforcar ali?”

Um dos paramédicos sacudiu a cabeça e disse: “Ele não se enforcou. Ele se engasgou. Amarrando uma extremidade do lençol em torno de seu pescoço com um nó de escoteiro e a outra extremidade no pé da cama. A cama é aparafusada à parede, quando ele ficou no chão e fez força para a frente, a cama não se moveu.”

‘Isso demonstra determinação’, disse Mackenzie.

“Você pode repetir”, o paramédico disse quando empurrou a maca para fora da cela. “Você precisa do corpo para alguma coisa?”

“Não”, Mackenzie disse, desapontada. “Tudo certo.”

Ela, então, não poderia resistir, e perguntou : E se ele era o assassino? E se o assassino foi capturado, suicidou-se, e fim do caso?

Ela queria sentir alívio com aquele pensamento, mas não sentiu. Ela sabia que Charlie/Will não era o assassino. Ela só esperava que essa fosse uma conclusão de Clements e Smith também.

“Desculpe-me por isso”, disse Clements. “Nós não temos câmeras de segurança nas celas ou guardas para vigiá-las. Em uma pequena cidade como esta—”

‘Eu sei’, disse Mackenzie. “E não se lamente. Não havia nenhuma maneira de você saber que ele faria isso.”

Eles caminharam até pequena sala de descanso onde o cheiro de café fresco fez Mackenzie perceber que sua primeira xícara quase não tinha mais café.

“E agora?” Perguntou Clements. “Se a sua teoria está certa e ele só estava trabalhando para alguém, este é um grande revés, certo?”

“Sim. Mas me escute, Clements. O assassino—a maneira como ele elimina os corpos, demonstra de arrogância. Ele queria que víssemos o seu trabalho. Se Will Albrecht era realmente o assassino, ele não teria se matado antes de confessar... talvez até mesmo ostentando ou se gabado disso.”

‘Tem certeza?’, Perguntou.

“Quase”, ela respondeu. “Ele estava realmente com medo de dizer a coisa errada... com medo de dizer algo incriminador. Ele disse alguma coisa todo o resto da noite?”

‘Nada’, disse Clements. “A única vez que eu vi um único sinal de vida nele foi quando levaram seus pertences pessoais dos bolsos. Revistamos ele imediatamente quando você e eu o trouxemos, claro.

Nenhuma arma nele. Mas quando tentamos tomar as castanhas dos bolsos e das mãos dele, logo depois que você e seu parceiro foram embora, ele perdeu o juízo .”

As castanhas, pensou Mackenzie. Ela então pensou nos cartões de visita nos dois casos em Nebraska.

Eles haviam sido deixados para trás como uma provocação. Mas no final, quando tudo foi dito e feito, era um tipo de identificador.

Talvez as castanhas possam ser um identificador também. Não havia impressões, nenhum sinal de luta ou rapto. Mas talvez as castanhas sejam uma pista em si.

“Onde elas estão?” Ela perguntou.

Clements deu de ombros. “Provavelmente no lixo. Posso verificar com o oficial de serviço que as levou com ele. Ele ainda está aqui.”

‘Eu acho que eu gostaria de falar com ele, por favor.’

“Claro que sim. Vamos lá.”

Clements a levou para a frente do edifício onde uma recepcionista entediada estava sentada atrás de uma mesa, olhando uma revista. Dois agentes estavam encostados contra a parede oposta. Um estava lendo um relatório enquanto o

outro falava com ele.

“Hey, Gary”, disse Clements.

O policial segurou o relatório olhou para cima e veio quando Clements chamou-o para a frente.

“Quando você tomou as castanhas de Albrecht, tinha mais alguma coisa nos bolsos?”, Perguntou Clements.

"Não. Fiapos apenas e sujeira.”

‘Quantas castanhas ele tinha?’Perguntou Mackenzie.

‘Eu não me lembro. Mas elas ainda estão no armário de provas, se você quiser vê-las.’

‘Obrigada,’ disse Mackenzie. “Clements, você pode pegar aquele saco para mim? E qual era o nome do outro guarda que estava na primeira cena com a gente?”

“Joe Andrews.”

“Você pode trazê-lo até aqui?”

“Sem problema”, disse ele.‘Você tem alguma ideia ou algo assim?’

‘Só um palpite’, disse ela.

Mas a verdade da questão era que ela esperava que poderia ser muito mais do que um palpite. Ela só tinha a esperança de que a sorte estava do seu lado.

Charlie Holt/Will Albrecht pegou aquelas castanhas do chão de algum lugar dentro do parque, pensou. E se elas nos disserem onde ele foi...como pegadas, um tipo de um rastro?

Quando ela seguiu Clements na parte de trás da delegacia, ela tirou seu telefone celular. Parecia que ela teria que acordar Bryers depois disso tudo. Ela o chamou e o acordou, contando sobre o que tinha acontecido enquanto ela continuou a seguir o Clements. Ela também lhe disse que um dos oficiais

chegaria em breve para buscá-lo e trazê-lo para a delegacia.

No armário de provas, Clements o destrancou com uma chave de seu cinto. Havia seis castanhas dentro de um saco plástico transparente. Uma delas tinha sido descascada quase até o núcleo. Mackenzie segurou o saco contra a luz. Olhando para as castanhas, ela viu que a sorte poderia estar do lado dela, afinal.

Cinco delas pareciam basicamente o mesmo, na aparência, (exceto a sem casca). Mas a sexta parecia diferente de alguma forma. Ela não entendia nada sobre árvores, mas ela tinha certeza de que a sexta era diferente porque ele tinha vindo de uma árvore diferente.

Enquanto isso poderia significar absolutamente nada, ela teve a sensação de que poderia ser uma grande pista.

Ao longo da próxima meia hora, Clements fez com que sua pequena sala de conferências fosse limpa e o café feito. Algumas chamadas foram feitas e Mackenzie fez o seu melhor para se recompor. A noite tinha sido uma loucura... inferno, os últimos três ou quatro dias tinham sido loucos. Ela sentiu-se lentamente se desmanchando e fez tudo para deter o cansaço antes que ele piorasse.

Quando Bryers chegou na estação quinze minutos depois, ele estava compreensivelmente irritado, mas não louco. Ele deu à Mackenzie um ligeiro aceno de agradecimento quando ele entrou na sala de conferência, onde um punhado de pessoas se reuniram. Ele se sentou à esquerda de Mackenzie enquanto Clements sentou-se à sua direita com o saco de provas com as castanhas. Do outro lado da mesa, Joe Andrews segurava um saco plástico branco que ele levou com ele.

Clements tinha informado a Andrews sobre a identidade real do seu colega de trabalho, mas também de seu suicídio. Andrews estava em um estado evidente de choque. Mesmo quando eles começaram a reunião improvisada, ele parecia muito fora de si.

“Então”, disse Clements. “Por que nos preocupamos com as castanhas?”

Mackenzie tomou a bolsa de Clements. Nela estavam as seis castanhas que haviam sido retiradas do bolso da calça direita de Will Albrecht, bem como os

fragmentos de algumas cascas. Ela então pegou a bolsa que Joe Andrews levou. Havia quinze castanhas no saco, todas tiradas do armário de trabalho do Will por Andrews.

Vinte e uma ao total. Ela esperava que houvesse uma resposta a ser encontrada em pelo menos uma delas.

“Você mesmo disse que ele sempre as pegava, descascava e ou as colocava em seus bolsos, certo?”, Perguntou Mackenzie.

“Sim”, disse Clements. “Ele tinha essa inquietação.”

“Ele e aquelas castanhas”, disse Andrews. “Ele estava sempre pegando castanhas. Às vezes, eu acho que ele nem mesmo sabia que estava fazendo isso. Bolsos estavam sempre cheios delas. Ele acabava de pegá-las e queria descascá-las, quase como se ele fosse comê-las. Eu sempre achei aquilo estranho.”

“Esse comportamento compulsivo é comum entre as pessoas com alta ansiedade ou alguma forma de trauma em suas vidas. Mas eu me pergunto... Sr. Andrews, o quanto você sabe sobre as florestas do parque?”

“Em termos de animais e rio, um pouco. Mas eu estou supondo que você quer saber mais sobre as castanhas, hein?”

“Sim. Em particular, eu estou quero saber sobre um saco de provas que parecia ser diferente dos outros.”

‘Espere’,disse Clements. “Olha... nós realmente queremos mergulhar em um estudo sobre castanhas?

Eu ainda acho que está encerrado. Este caso...acabou. Nós pegamos o cara e ele se matou. Eu entendo suas teorias e deduções, Agente White. Mas este é um desperdício do nosso tempo.”

‘Xerife, você tem que pensar sobre isso—”

‘Não’, disse Clements. “Eu não. Eu realmente não estou interessado em perder mais tempo com isso.

Se você quer ir a caça de castanhas na floresta, a escolha é sua. Mas eu não vou perder mais do meu tempo nisso."Ele então levantou-se e olhou para trás para ela enquanto se dirigia para a porta. "Você está convidada a terminar o seu estudo de castanhas na minha sala de conferências. Vou lhe dar mais cinco minutos e então eu vou pedir-lhe educadamente para sair e deixar meus homens encarregados disso."

Ele saiu, deixando Mackenzie, Bryers e Joe Andrews em um silêncio desconfortável.

"Bem, isso foi um pouco dramático", disse Bryers.

"Foi," Mackenzie concordou. "Sr. Andrews, você estava dizendo o quê?"

"Eu estava dizendo que eu realmente não posso ajudá-lo com qualquer conhecimento aprofundado sobre isso, mas temos um especialista em agricultura no parque com especialização em botânica.

Qualquer pergunta que você tenha sobre árvores ou sementes, ele é o cara que pode lhe ajudar."

'Quando eu posso falar com ele?'

'Eu vou pegá-lo no telefone agora', disse Andrews, puxando o seu telefone celular.

"Mas eu tenho que avisar a você... ele é um pouco excêntrico."

'De acordo com os meus últimos dias, eu acolheria alguém excêntrico', disse Mackenzie.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

A guarda do parque com especialização em botânica e agricultura era um homem com mais de sessenta anos, com um bigode espesso e um par de óculos que parecia que tinha sido formado a partir dos fundos de garrafas de vidro. Seu nome era Barry D'Amour e ele parecia um pouco feliz por ter sido chamado para trabalhar às seis da manhã. Ele já estava no trabalho atrás de um laptop quando Mackenzie e Bryers entraram em seu escritório. Mackenzie carregava o saco plástico de castanhas que Andrews lhe deu, completo com as seis que

tinham sido tiradas dos bolsos de Will Albrecht.

“Ah, Agentes White e Bryers, acertei?” D'Amour disse quando eles entraram.

“Sim”, disse Mackenzie. “Obrigado por se encontrar conosco tão cedo. E correndo o risco de parecer ingrata, estávamos esperando que pudéssemos fazer isso rápido. Se pudermos obter resultados a partir disso, poderíamos potencialmente desvendar um novo aspecto deste caso.”

‘Certamente’, disse D'Amour. Ele rapidamente removeu a desordem de sua mesa: o laptop, alguns cadernos, canetas e papéis espalhados. A única coisa que resta em sua mesa era uma pequena luminária.

“São aquelas as castanhas em questão?” Perguntou D'Amour.

“Sim”, Mackenzie disse, entregando-as.

“D'Amour espiou, sorriu de forma quase infantil, e lentamente, jogou as vinte e uma castanhas na mesa. Quando elas estavam na mesa, ele trabalhou rapidamente para alinhá-las em linhas e pilhas.

Enquanto trabalhava, ele olhou para cima para Mackenzie por um momento e perguntou: “O que eu preciso analisar?”

“Bem, eu notei que havia uma que era diferente das outras”, disse Mackenzie. “Com uma forma diferente e uma cor ligeiramente diferente. Eu queria saber se você poderia cruzar as referência delas com a área do parque em que os corpos foram encontrados. Eu também gostaria de saber se há alguma que se destaca por ser diferente das outras.”

“Sua primeira pergunta vai ser quase impossível de responder”, disse D'Amour. “A grande maioria delas parecem ser de carvalhos brancos e carvalhos castanheiros. Estes, juntamente com alguns carvalhos louro, serão no mínimo, oitenta por cento das árvores produtoras de castanhas em Little Hill. Eu quase posso garantir que essas castanhas estariam no chão em qualquer um dos locais.”

‘Tudobem’, disse Mackenzie. “Você disse que são carvalhos bastante comuns. Há alguma coisa estranha nelas?”

D'Amour apontou para uma pilha onde ele tinha empurrado três delas longe das outras. Mackenzie tinha certeza que uma delas era a mesma que ela tinha espiado na bolsa quando isso despertou sua suspeita.

“Uma delas, como você pode ver, está um pouco desgastada para se fazer uma boa estimativa”, disse D'Amour. “Mas eu acho que é a mesma das outras duas. Estas bolotas vêm de um pântano de carval. Você pode dizer a cor, a protuberância, a gordura contida nela, e a resistência ao longo da coroa. Tanto quanto eu sei, não há qualquer destes em qualquer lugar no parque. Árvores assim tendem a crescer melhor em locais úmidos. Às vezes, você vai vê-las ao longo das margens dos rios no Sul. Ou, como o nome sugere, em regiões pantanosas ou alagadiças.”

‘E há algumas como essa no parque?’Bryers perguntou atrás de Mackenzie.

“Não, não que eu saiba”, disse D'Amour. “Mas pode haver algumas espalhadas ao longo da periferia do parque, nos fundos, em direção ao canto ocidental da propriedade. Lá fora, algumas das árvores crescem de qualquer jeito.”

‘Há um rio ou pântano lá?’ Perguntou Mackenzie.

“Há um pequeno riacho que atravessa toda a região, mas ele nunca fica grande o suficiente para ser considerado um rio”, respondeu D'Amour. “Muitos anos atrás, antes das leis severas sobre o uso de parques públicos, as pessoas costumavam acampar lá e caçar rãs. Quando houve o problema com os desabrigados, alguns dos sem-teto ficaram lá em pequenos barracos que foram colocados fora das fronteiras do parque. Esses barracos foram construídos por caçadores, mas eram usados por sem-teto e aventureiros caçadores de rãs.”

“Que diabos é isso?” Perguntou Bryers.

“Já comeu pernas de rã?”, Perguntou D'Amour.

“Não. Já ouvi falar de pessoas que comem, entretanto.”

“Esse tipo de caçadores de rã ficam perto de áreas pantanosas ou no leito dos rios. A caça é feita principalmente com forcas. Um monte desse tipo de material era usado no interior do sul do país há pouco tempo.”

‘Você acha que haveria algum carvalho do pântano lá?’ Perguntou Mackenzie.

“Ah, eu quase posso garantir isso. Isso seria o único lugar que eu poderia pensar dentro de todo o parque onde eles crescem. Você vai conhecê-los só de olhar, porque eles tendem a crescer menos. Os ramos normalmente brotam um pouco menores do que a maioria dos outros carvalhos. E deve haver muita castanhas no chão à sua volta, porque as castanha de carvalho do pântano amadurecem em apenas uma estação.”

Mackenzie levou as três castanhas em questão em seu bolso. “Você disse que esta área está na borda ocidental do parque?”

“Sim.”

“Qual é a distância?”

D'Amour deu de ombros, mas ainda parecia muito animado. Mackenzie assumiu que um homem com conhecimentos botânicos que passou seu tempo estudando árvores e sementes geralmente não se envolveria nesse tipo de coisa com muita frequência. “A cerca de trinta e dois quilômetro daqui”, ele respondeu. “Vinte e quatro a partir da entrada principal do parque.”

“Você pode me mostrar onde em um mapa?”

D'Amour entrou em suas gavetas da mesa e tirou um mapa do parque que espalhou sobre a mesa. Ele passou os dedos sobre o papel e bateu em um local na borda esquerda da página. “Bem aqui.”

“E essas cabanas ainda estão lá?” Perguntou Mackenzie.

“Sim, pelo que sei.”

Mackenzie e Bryers trocaram um olhar. Ele balançou a cabeça.

Poderia ser exatamente onde o assassino estava.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Quando Mackenzie entrou na floresta meia hora mais tarde, ele se sentiu muito diferente do que da primeira vez em que ela e Bryers entraram no parque. Ao pegar a rota de Barry D'Amour, ela e Bryers foram capazes de orientar o sedan da agência cuidadosamente até embaixo, em uma velha estrada. A pista de terra

ramificada ficava fora da estrada principal a quase cinco quilômetros de distância do perímetro ocidental da fronteira de Little Hill. Enquanto se dirigiam para lá, a luz crescente da manhã parecia empoeirada e quase apocalíptica.

A estrada era rústica, mas viável. Ainda assim, ela levou dez minutos para percorrer vinte e quatro quilômetros que terminaram em um pequeno campo ermo. A estrada continuava além do campo, mas este foi o local onde D'Amour e Andrews lhes tinha dito para parar. A partir daqui, eles precisavam andar a pé para dentro da floresta até chegar à beira do perímetro do parque, cerca de dois quilômetros floresta a dentro.

Quando ela deu seu primeiro passo em direção à floresta com Bryers ao seu lado, ela se virou e olhou para trás para o campo. O sedan parecia um alienígena sentado lá, como uma nave espacial de uma terra avançada.

“Você está bem?” Bryers perguntou à ela.

"Sim. É apenas muito tranquilo aqui.”

‘Você acha que essa coisa das castanhas é a resposta para isso, não é?’, Ele perguntou enquanto eles caminhavam mais profundamente na floresta.

‘Eu acho que há uma boa chance’, disse ela. “ minha esperança é que, em sua habitual coleta, Albrecht só parava quando encontrava com quem quer que seja que ele está ajudando.”

‘Então você está convencida de que Albrecht não era o assassino?’

“Quase cem por cento. Mas se estamos aqui e de alguma forma encontra outra situação, eu vou ser a primeira a pedir desculpas para o Clements.”

Bryers concordou com a cabeça. Quando o fez, viu que seus olhos pareciam cansados. Pode ter sido sua imaginação, mas ela tinha certeza que ele também estava se esforçando um pouco demais para ter fôlego. Mas ele se movimentava sem reclamar. Ele ficou logo atrás de Mackenzie, não mais do que dois passos para trás.

Ela examinou a área e procurou árvores que combinavam com a imagem que ela tinha puxado em seu telefone no caminho até ali.Até agora, porém, ela não via

nada que se assemelhasse a um carvalho do pântano. D'Amour lhes havia dito que ela provavelmente teria que caminhar pelo menos uns dois quilômetros ou mais, até que ela começasse a vê-los.

Eles caminharam em silêncio. Ao caminhar, Mackenzie não aguentou e se perguntou o que Kirk Peterson estaria disposta a fazer naquele momento. Por causa da diferença de horário, ele provavelmente ainda estava dormindo, mas ela se perguntava o que mais ele tinha descoberto sobre o caso Jimmy Scotts.

Que, em seguida, a levou a ter aquela conversa com McGrath; ela ainda estava em uma espécie de choque de contentamento sobre o fato de que ele foi sutilmente lhe dando o sinal verde para levar o caso de Scotts e, como resultado, o caso reaberto de seu pai. Ela se perguntou se ele estava fazendo isso porque ele estava começando a acreditar nela ou se ele estava só esperando ela fracassar.

Ela espantou aquele pensamento quando notou uma dispersão de castanhas no chão. Ela ajoelhou e pegou, fazendo uma triagem. Nenhuma delas era um par para sua castanha do pântano.

Enquanto caminhavam adiante, Mackenzie começou a se perguntar que tipo de assassino precisaria de um assistente para sequestrar suas vítimas. Enquanto Will Albrecht nunca tivesse realmente admitido a ela, ela estava certa de que era o caso. Mesmo Clements e Smith pareciam acreditar também. Claro, que

tinha sido durante a excitação da revelação de que Charlie Holt era Will Albrecht. Naquele momento de júbilo, eles podiam ter concordado com qualquer coisa.

Pensar em como um homem poderia facilmente desviar seu sequestrado fez Mackenzie pensar que eles estavam lidando com um homem que tinha uma espécie carismática de charme, especialmente para corromper uma criança a pensar que o ato de matar era parte de um trabalho muito importante. Que não era apenas ok, mas necessário.

Tenho que ter cuidado, ela pensou. Esse cara é mais do que apenas um assassino. Ele é inteligente pra cacete, também.

Os estilos brutais dos assassinatos... ter um cúmplice... conhecer bem a floresta. Isso era algo que ele tinha planejado por um tempo muito longo. E que o tornou

ainda mais imprevisível.

Sua linha de pensamento foi interrompida pela voz de Bryers atrás dela. Era dura e irregular.

“Tenho que parar”, disse ele.

“Você está em bem?” Ela se virou e viu que ele estava ficando pálido e sem fôlego.

“Eu ficarei”, disse ele, sentando-se em um toco próximo. “Eu só preciso recuperar o fôlego. Meus pulmões estão queimando. O peito está um pouco Apertado. Já aconteceu antes, então eu sei que vai passar. Vá na frente. Veja o que você pode encontrar. Eu disse que não impediria o seu progresso.”

‘Bem, eu não posso simplesmente deixá-lo aqui’, Mackenzie argumentou.

"Certamente você pode. Basta marcar um ponto para voltar e me encontrar. E pelo amor de Deus... se você encontrar alguma coisa, não seja uma heroína. Volte e vamos fazer as coisas juntos... ou ligue pedindo reforço para o Clements.”

Mackenzie considerou isso por um momento antes de finalmente balançar a cabeça e continuar. Ela entendeu que não havia nada que poderia acontecer a ele, enquanto estava sentado sozinho. O carro estava a menos de meia milha atrás deles. E se ela achasse algo questionável, ela poderia voltar e eles poderiam se reagrupar.

“Grite se precisar de mim”, disse ela.

"Sim, senhora. Mas não se preocupe, “disse ele, batendo na sua arma. “Eu vou ficar bem.”

Mackenzie continuou, andando pelas florestas enquanto o sol da manhã era filtrado através dos ramos.

Ela tinha uma crescente ansiedade com a passagem de cada momento. Ela então percebeu o que tinha no bolso e começou a rolar uma das castanhas entre os dedos. Um frio sinistro passou por ela e ela a guardou rapidamente.

Ela olhou para a floresta à sua frente e tentou imaginar a cena... como Will Albrecht tinha se deparado com as castanhas do pântano. Será que ele se encontrou com o assassino por aqui em algum lugar? Havia algum tipo de caverna em algum lugar à sua frente, onde Will encontrou-se com o assassino? Será que o assassino dava instruções para o Will? Quem pegar? Como levá-los? Ela tentou imaginar o Will aqui em algum lugar, falar com o assassino e distraidamente pegar uma castanha que era ligeiramente diferente na aparência do que as outras que ele tinha apanhado e nervosamente colhido e descascado.

Aqui, no silêncio da floresta, era realmente muito fácil de imaginar.

Ela continuou e tinha caminhado talvez uns vinte minutos quando viu a primeira árvore de castanha do pântano. Parecia exatamente com a imagem que Barry D'Amour lhe tinha mostrado. Estava sem sua folhagem; ela podia ver os pedaços escuros no chão, as formas quase circulares das castanha espalhadas junto com as folhas.

Ela foi e pegou uma. Ela comparou com as de seus bolsos e descobriu que ela era uma correspondência exata. Ela olhou para frente e viu várias outras árvores daquela. Elas não eram tão numerosas quanto os outros tipos de carvalhos e pinheiros ao redor, mas elas pareciam crescer em número floresta a dentro.

Ela seguiu aquilo como uma trilha, percebendo que seu ritmo se desacelerou. As castanhas do pântano pareciam ameaçadoras para ela, como um sinal de que algo estava errado ali...

Depois de mais de três minutos, o chão desbarrancou um pouco. Pouco mais à frente dela, ela viu as margens lamacentas do sinuoso riacho que D'Amour tinha mencionado. Mais adiante, viu um velho e dilapidado barraco. Parecia uma cabaninha. Seu telhado cedeu e as placas estavam podres. Essa, ela pensou, era um dos antigos barracos de caça de rã que o D'Amour lhes tinha dito.

Ela deu alguns passos em direção a ela e antes de chegar, ela avistou uma outra estrutura do outro lado do riacho. Estava em uma pequena parcela de terreno na frente de uma elevação de terra onde pedaços de rocha atravessavam o solo. Esta estrutura era maior do que o barraco que ela tinha visto. Parecia quase uma cabana, parecia uma cabana primitiva. Mas tinha o que servia quase como uma pequena varanda torta. Um balde de cinco litros estava na frente dela.

E pelo que Mackenzie podia ver a esta distância, parecia que houve um movimento recente na folhagem em torno da frente do barraco.

Castanheiras do pântano cercavam o barraco por todos os lados. O chão estava coberto de castanhas.

É isso, pensou.

Sua mão foi instintivamente para a sua arma. Ela então pensou em Bryers, sentado cerca de dois quilômetros mais para trás. Ela sabia que deveria voltar para ele antes de se aventurar seguindo.

Mas aquela coisa feia que estava ali, a não mais do que vinte e sete metros dela.

Ela não podia voltar. Não agora.

Andando tão silenciosamente quanto pôde sobre as folhas e galhos caídos sob os seus pés, Mackenzie começou a avançar. Seus olhos ficavam no barraco mesmo quando ela teve que dar um grande salto sobre o riacho.

Quando seus pés foram firmemente para o outro lado, ela sentiu como se tivesse chegado... em algum lugar. Algo estava diferente deste lado. Algo estava errado. Seu instinto ficou aguçado e a adrenalina começou a bombear em seu sangue em quantidades drásticas.

Ainda assim, ela começou a avançar novamente.

A floresta estava tranquila ao redor dela, um silêncio que sentiu em seu coração.

No entanto, ela ainda assim não ouviu os passos suaves de alguém se aproximando bem perto, atrás dela.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Quando Mackenzie chegou perto do barraco, ela podia sentir o cheiro de algo no ar. Na verdade, eram alguns cheiros diferentes. Um que ela pudesse notar de imediato, era o cheiro de suor humano. O outro era quase um cheiro químico que ela não poderia saber imediatamente. Não era muito forte, mas parecia intensificar-se com cada passo para frente.

Ela parou em frente ao barraco, sentindo-se à vontade para chamar para ver se alguém estava lá. Ela recordou as histórias que tinha ouvido sobre os sem-teto, muitas vezes vindo para cá e se perguntou se isso era um abrigo que havia sido deixado para trás. Ela olhou para o chão em frente ao barraco e viu que seu primeiro palpite estava correto, alguém esteve ali recentemente.

Ela deu mais um passo e foi quando ela ouviu algo atrás dela.

Ela virou-se rapidamente, sua mão foi para a arma.

Quando ela viu o homem que vinha rapidamente com um machado na mão, ela puxou sua arma. Antes que ela pudesse firmá-la, ela viu o machado descendo e teve que se desviar. Ela sentiu a rajada de vento apenas centímetros ao lado do rosto dela ao desviar para longe. Ao invés de atirar no homem, ela correu para ele, quando ele se recuperou do desvio. Ela o atingiu em cheio do lado de um jeito que deixaria qualquer atacante orgulhoso.

Ambos foram para o chão, mas quando o fizeram, o homem virou-se e prendeu a mão direita dela debaixo dele. Ela perdeu o controle sobre a arma, assim que o homem tentou dar uma cotovelada em seu rosto. Ela bloqueou o golpe e puxou seu braço para trás. Ele gritou de dor, mas lutou com uma intensidade que parecia muito maior do que a sua baixa estatura.

Foi a primeira vez que ela conseguiu dar uma boa olhada nele. Ele parecia estar no final dos cinquenta. Ele era alto e abatido, com cabelos grisalhos em seu queixo e aquilo que não podia ser chamado de barba. Ele tinha olhos azuis intensos que pareciam incrivelmente brilhantes em contraste com a pele suja e bronzeada. Havia algo quase selvagem em seus olhos que fizeram Mackenzie ser perguntar se ela conseguiria sair viva.

Ele tentou ficar de joelhos, usando a cabeça do machado para se empurrar para cima. Ele deu um empurrão forte e Mackenzie sentiu que estava sendo levantada da terra. O homem virou-se, mas Mackenzie manteve o punho segurando seu braço, puxando-o com força para atrás das costas. O homem gritou, tropeçou para trás e ambos colidiram com uma árvore. A parte de trás do crânio de Mackenzie bateu diretamente nela e seus ouvidos zumbiram por um segundo.

O homem se soltou da mão dela e não perdeu tempo em pegar o machado de volta. Seu braço ficou ferido. O movimento de golpe de machado foi feito lentamente, permitindo que Mackenzie desviasse.

Antes que ele começasse, ela lançou dois murros fortes nas costelas do homem. Ele se dobrou e quando o fez, ela girou, cerrou o punho e deu um caprichado gancho nele. Acertou solidamente a mandíbula do homem. Ele foi cambaleando para trás e tropeçando. Ele piscou algumas vezes, tentando limpar a visão quando Mackenzie olhou para o chão procurando sua arma.

Ela a viu, mas estava muito longe, mais perto do homem com o machado do que dela. Ela correu para a frente, tentando tirar vantagem de seu estado atordoado. Até o momento ele estava ciente de que ela estava vindo de novo, ele não foi capaz de se defender. Ela jogou um joelho em seu estômago e quando ele se dobrou novamente, ela passou um braço em volta do pescoço dele, abraçando a cabeça dele firmemente. Ela então caiu de joelhos, virou-o de bruços e lançou seu cotovelo no espaço entre os ombros daquele homem.

"Como ousa interromper o meu trabalho", ele rosnou.

Mackenzie o ignorou, tentando alcançar sua arma, que estava agora a aproximadamente três metros de distância. Ela se inclinou e sua mão direita foi capaz de recuperá-la. Quando a pegou, porém, o homem conseguiu rolar metade do caminho. Sua força era louca. Mackenzie recuou seu punho para dar mais um golpe no rosto dele, mas ela não foi rápida o suficiente.

A cabeça do machado veio de. Ele a golpeou na testa com uma pequena pancada. O homem não tinha sido capaz de colocar muita força para fazer um dano real, mas isso a fez recuar e a mandou para o chão.

Quando ela tentou se levantar, mais uma vez ouviu um zumbido nos ouvidos, ela viu que o homem tinha deixado cair o machado e tinha agarrado sua arma. Ele foi lentamente ficando de pé enquanto segurava a arma apontada diretamente para ela.

"Levante-se", disse o homem. "E lentamente."

Merda, pensou Mackenzie. Eu deveria ter voltado para o Bryers. Isso é ruim...

Ela sabia que tentar negociar com um homem em quem ela tinha acabado de bater era uma situação bastante ruim. Então, levantou-se lentamente, olhando seus arredores e e procurando por uma maneira de sair dessa. Até agora, porém, ela não conseguiu encontrar nada.

O homem estava sorrindo. Ele estava mostrando o seu lado esquerdo, onde Mackenzie tinha feito o maior estrago, mancou para a frente com o sorriso de um lunático no rosto. A mão que segurava a arma estava tremendo, fazendo Mackenzie se sentir ainda mais em perigo.

“Agora entre”, disse ele, apontando para porta da frente torta do barraco com a arma.

“Olha”, disse Mackenzie. “Eu sou uma Agente do FBI. Se você fizer algo estúpido, você estará em um mundo de problemas.”

‘Isso não importa’, disse o homem. “Depois que eu morrer, a própria Terra irá me recompensar pelo que eu fiz. Agora traga seu traseiro para dentro.”

Mackenzie entrou. Ela entrou no barraco e percebeu que o cheiro químico estava vindo daqui. Ela viu mais baldes ao longo das paredes do pequeno barraco. Algumas jarras Maçom estavam lá também.

Moonshine, pensou. Essa é a outra coisa que cheirava.

“Para a parte de trás e para a direita”, disse o homem atrás dela. Ele cutucou a arma na parte de baixo das costas dela para fazê-la se mover mais rápido.

Mackenzie seguiu suas instruções. Levou menos de quatro passos para alcançar a parte de trás do barraco. Lá, na parte de trás, ela viu o que parecia ser o fragmento de uma porta de celeiro velha bloqueando outra sala à direita. Ela foi até lá e abriu enquanto ele marchava atrás dela. Quando ela abriu o local, ela o fez tão lentamente. Ela estava esperando para distraí-lo, para, talvez, girar e bater com a mão na cabeça dele quando a porta estivesse parcialmente aberta. Mas a arma permanecia em suas costas e ela não ousou tentar uma coisa dessas.

Quando a porta foi aberta, seu coração afundou. Ela viu outro machado, um martelo, e o que parecia ser uma debulhadora de trigo velha encostada na parede. O piso era de terra com madeira compensada e tábuas velhas espalhadas aqui e ali. Um banco velho estava nos fundos da pequena sala. Algumas jarras Maçom vazias ali, juntamente com duas grandes pedras e o que parecia ser um osso maxilar inferior.

Sangue seco estava espalhado por toda parte. A sala estava iluminada apenas

pela luz do sol que entrava pela porta da frente do barraco.

Foi então que ela viu que a tábua de madeira compensada que ela tinha visto no chão estava amarrada.

Uma extremidade de uma série de cordas foi amarrada ao compensado e a outra em um dos dois postes curtos dos dois lados da sala. O compensado tinha cerca de dois metros de comprimento e parecia estar escondendo algo, talvez algum tipo de adega improvisada.

Quando ela olhou para lá, ela sentiu a arma sair de suas costas. Quando ela sentiu um momento de alívio, ela sentiu a arma novamente. Desta vez, porém, ela sentiu a rma na parte de trás de sua cabeça.

Foi com força e rápido.

Assim que seus joelhos cederam e chamas brancas de luz passaram através de seus olhos, ela percebeu que o homem havia esmurrado a parte de trás da sua cabeça com a Glock.

Ela piscou para afastar as chamas brancas quando bateu no chão. Ela tomou a decisão então de fingir ter sido nocauteada. Ela quase não teve que fingir, mas conseguiu se manter conscient, mesmo que por um frágil fio.

O homem caiu ao lado dela e verificou para ver se ela estava respirando. Ela sentiu as mãos em seu peito e seu dedo sob o seu nariz. Ele a cutucou com o pé mas ela propositadamente não respondeu. Ela esperava que ele colocasse a arma de lado dentro de seu alcance. Ela fez o seu melhor para manter o seu foco nessa tarefa, no centro de sua mente, para manter inconsciência distante.

Mas em vez disso, ele carregou a arma com ele até o banco contra a parede. Ela observou-o enquanto ele colocava a arma no banco e, em seguida, começou a trabalhar nas cordas que mantinham a madeira compensada para baixo. Quando ele começou a desatar as cordas, alguém começou a gritar de algum lugar de dentro do barraco.

Mackenzie levou um tempo para entender que os gritos vinham sob a madeira compensada. À medida que o homem tirou as folhas de compensado, os gritos ficaram mais altos.

O homem enfiou a mão no buraco do chão, dando três socos rápidos que silenciaram os gritos. Os gritos eram agora nada mais do que gemidos, palavras abafadas pelo choro e respirações curtas.

“Esta mulher estragou tudo”, disse o homem, falando diretamente para o buraco. “Depois de você, ela irá também.”

Um gemido masculino veio do buraco no chão quando o homem chegou até ele. Ele começou a puxar alguém para fora do buraco pelas axilas. Embora sua visão ainda estava nebulosa do golpe na parte de trás da cabeça, Mackenzie tinha certeza de que era Brian Woerner — era uma versão mais sangrenta e aterrorizada do jovem que ela tinha visto em imagens fornecidas por sua irmã e mãe.

Tendo já lutado com o assassino, ela sabia que ele era forte e que levaria muito pouco tempo para pegar Brian Woerner do buraco no chão. Se quisesse sair dessa, tinha que ser agora.

Ela levantou-se tão rapidamente quanto pôde e saltou no assassino. No momento em que ela estava de pé, ela percebeu que ela estava tonta e desorientada. Quando se impulsionou até ele, o lugar parecia girar. Ainda assim, seu objetivo estava quase no final; ela jogou seu ombro com força no peito do assassino. Brian Woerner estava preso entre eles quando Mackenzie foi para o chão de terra. Atrás dela, o banco se abalou e tremeu. Algo caiu no chão e ela ouviu vidro quebrando.

Ela fez o seu melhor para rolar para longe do assassino e Brian Woerner. Quando ela fez isso, ela sentiu uma dor aguda e um ardor em seu joelho. Ela não tinha ideia do que causou isso, nem tinha tempo para investigar. Ela se levantou, ainda tonta com o golpe na cabeça. Ela levou a perna direita para trás, quase caindo, e soltou um chute no peito do assassino. Ela puxou a mesma perna de volta, desta vez apontando para a cabeça dele, mas caiu nessa hora. O golpe foi mal dado e fez com que ela caísse.

Quando o fez, toda a metade inferior de seu corpo caiu no buraco no chão. Ela estava vagamente consciente de ver seu joelho direito, sangrando e brilhando. Aparentemente, uma das jarras Maçom tinha quebrado e ela tinha rolado o joelho diretamente no vidro quebrado.

O assassino veio novamente, tropeçando perto de Brian para chegar até ela.

Brian aparentemente entendeu o que estava acontecendo e tentou impedi-lo; ele golpeou com muita maldade e com a mão direita o lado da cabeça do assassino.

Mackenzie lutou para sair do buraco, seu joelho direito era uma explosão de agonia e o quarto ainda girava. Ela sentia como se fosse desmaiar a qualquer momento e teve náuseas.

Uma concussão. Se isso é o pior que pode me acontecer, vou me considerar sortuda.

Ela tropeçou para a frente em direção ao banco, pegando sua Glock. O assassino veio pouco antes de seus dedos irem para o gatilho. Ele tentou jogar um joelho em suas costelas, mas ela bloqueou o golpe.

Ele foi, então, em cima dela, empurrando-a para o chão. Ela lutou o máximo que pôde, mas tudo estava girando na sala, o rosto do assassino, tudo.

Ela estendeu a mão para o banco, mas a arma estava longe de ser encontrada. O que ela havia encontrado foi uma das jarras Maçom que tinham caído, mas não quebrou. Ela agarrou a jarra e a lançou rápido e forte. Quando bateu na cabeça do assassino, o vidro explodiu. O sangue derramou imediatamente, vindo de um corte profundo na testa.

Ele estava apenas atordoado o suficiente para ela empurrá-lo. Ele caiu no chão e imediatamente começou a lutar pela arma. Mackenzie mergulhou em direção a ele, mas ele já tinha pegado a arma. Os dois lutaram pela posse da arma. Ela jogou um cotovelo em sua garganta e ele bateu um joelho no estômago dela. Eles lutaram se contorcendo, até que o assassino deu um pontapé em seu joelho lesionado.

O vidro que a tinha cortado entrou ainda mais em seu joelho. Ela gritou e perdeu a posse da arma.

Seu grito encheu o pequeno cômodo e parecia fazer com que o barraco tremesse.

O único outro ruído que pode ser ouvido foi um tiro, o que colocou imediatamente um fim a seus gritos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Com um grito de dor que saiu da sua garganta, Mackenzie ouviu o tiro. Sangue caiu sobre ela de forma rápida, um breve respingo. Ela fechou a boca e caiu no chão, certa de que ela tinha sido baleada, certa de que a dor começaria a qualquer momento.

Em vez disso, o assassino caiu em cima dela. Assim que ele desceu, ela deu uma breve olhada em seu rosto e, mais do que isso, viu o pequeno buraco vermelho em sua testa.

Grunhindo em frustração e raiva, Mackenzie empurrou o homem para fora dela. Ela deslizou para trás e olhou para a pequena porta.

Bryers estava ali, encostado no batente da porta com sua Glock em mãos.

Ele estava examinando o quarto com um certo horror quando Mackenzie deslizou por cima de Brian Woerner. Ele tinha caído de voltano chão, o braço esquerdo estava pendurado no buraco do chão.

Ele ainda se comunicava de forma clara, seus olhos olhando freneticamente ao redor da pequena sala.

“Brian Woerner?” Ela perguntou.

Ele assentiu e, em seguida, começou a chorar. Ele deu golfadas profundas de ar e as expulsou no que era um choro quase histérico. Então, em um flash de movimento tão rápido que era estranho, Brian lançou-se por cima do assassino. Ele começou batendo no rosto dele e rasgar a pele do homem. Ele gritou em uma espécie furiosa de uivo quando atacou p homem novamente e novamente.

Bryers entrou na sala e tirou ele de cima do homem. Novamente, Brian começou a chorar, mas desta vez ele permaneceu agachado no chão, imóvel.

Bryers caminhou até Mackenzie e colocou um braço ao redor dela. “Você está bem?”, Perguntou.

“Concussão, eu acho”, disse ela. “E o meu joelho direito está ruim.”

“O que aconteceu com o trato de voltar até mim?” Perguntou.

Mackenzie não disse nada. Ela olhou para o buraco no chão. Tinha cerca de

três metros e meio de profundidade. Ela se perguntou quantas pessoas já tinham ficado lá embaixo.

“Esperemos que tenham sido apenas as pessoas que tinham descoberto até agora. Ela rezou para não haver mais partes de corpos espalhadas pelo parque Little Hill.

Ela tentou ficar de pé e ficou aliviado ao descobrir que conseguia. Seu joelho direito não iria endireitar mas ela tinha certeza de que não havia nada muito grave acontecendo com ele. Ela pode precisar de pontos, mas só isso.

“Vejo que você pega o fôlego de volta muito rapidamente”, disse Mackenzie. “Que bom, eu acho.”

“Eu não podia deixá-la sozinha com toda a diversão”, brincou.

Juntos, eles ajudaram Brian a se recuperar e o levaram para fora do barraco. Ele estava só de cueca e suas roupas estavam longe de serem encontradas. Bryers chamou Clements e Smith depois de várias tentativas, lutando contra o terrível sinal do telefone celular lá longe na floresta.

Mackenzie o ouviu enquanto se sentava encostado contra uma árvore de castanha do pântano. Com os dentes cerrados, ela arrancou cacos de vidro de seu joelho e atirou-os ao chão. Doeu demais e sua cabeça ainda estava latejando. Ela sabia que tinha sorte por ainda estar viva.

Brian Woerner sentou ao lado dela, olhou para a floresta. Havia uma expressão vazia no rosto dele e ela sabia que teria de passar algum tempo com um psiquiatra em um futuro próximo. Ela tentou falar com ele várias vezes, mas sempre que ele tentava responder, ele acabava chorando.

Bryers voltou quando sua chamada terminou. Ele parecia muito fraco quando se sentou ao lado dela.

Ele soltou uma tosse e franziu a testa, como se desculpando por ela ter que ouvi-lo.

“Então, me diga o que você acha que aconteceu”, disse Bryers.

Mackenzie sabia que ele estava tentando distraí-la da dor em seu joelho e a

tontura que ainda balançava na sua cabeça. Ela gostou disse, ela sentiu um pouco de amor por ele por causa disso.

“Eu estou supondo que o assassino fez uma lavagem cerebral em Will Albrecht depois de sequestrá-lo por todos esses anos”, disse ela. “Pode ter havido um elo quase paternal entre eles, vendo como Will até foi para a escola, se os registros que você mencionou são realmente legítimos. Eu acho que o assassino pode ter realmente se importado com ele, ou pelo menos, queria parecer que se importava. Ele deve ter, ao final, dado a ideia de que ele estava fazendo um trabalho importante. Nós nunca vamos realmente saber o que o trabalho era... embora ele mencionou que a terra iria recompensá-lo. Talvez ele pensou que estava empoderando a terra através das mortes.”

‘Sim’, disse Brian Woerner. Sua voz era tão inesperada que assustou Mackenzie um pouco. “Eu o ouvi falar com alguém sobre isso. Retornar a carne para a terra antes que a carne estivesse morta. Ele estava alimentando a terra...ou algo assim.”

‘E ele não foi quem lhe capturou, foi?’ Perguntou Mackenzie.

"Não. Foi outra pessoa.”

‘Você poderia identificá-lo, se nós mostrássemos uma foto?’

Brian balançou a cabeça e olhou de volta para a floresta. Aparentemente, não falaria mais por agora.

Os três se sentaram em silêncio, esperando Clements e Smith chegarem. Enquanto esperavam, Mackenzie estendeu a mão para o chão e pegou uma castanha. Ela a rolou entre os dedos, segurou-a na palma da mão, e depois a jogou com desgosto para a floresta.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

O joelho direito de Mackenzie estava doendo e coçando, enquanto se sentava na frente da mesa de McGrath. Havia oito pontos nele e ele estava envolto em camadas de gaze. Ela observou como McGrath folheava várias folhas de papel como uma máquina. E estava lendo o conteúdo de seu relatório, bem como a documentação enviada por Clements e Smith durante os últimos cinco minutos, fazendo apenas as perguntas mais breves enquanto ele lia.

Finalmente, ele deslizou os papéis para o lado e olhou para Mackenzie com uma expressão que ela não conseguia ler. Como de costume, ela não tinha certeza do que esperar dele.

“Eu não sei o que fazer com você, White” disse ele. “Por tudo, este caso foi um sucesso. Apesar de suas palhaçadas de vaqueira lá no final, você fez o que eu pedi. Você encerrou o caso antes de uma outra pessoa ser assassinada. Mais do que isso, você salvou o aspirante a próxima vítima e ajudou a parar um assassino. Além disso, os homens com quem trabalhou em Strasburg falaram muito bem de você, embora o tal Clements tenha dito que você é um osso duro de roer.”

‘Com todo o respeito, senhor, soa como um ótimo relatório.’

“É. Mas eu sei a sua história. Você tem o hábito de sair para fazer as coisas sozinha. Você não tinha nada que deixar o Bryers para trás.”

“Lamento, senhor. Mas no final, olhando para trás, eu acho que poderia ter sido a melhor coisa a ser feita.”

Houve um longo silêncio.

“E agora?” Perguntou Mackenzie.

“E agora”, McGrath disse, “ eu vou lhe mostrar que sou um homem de palavra. Se você quer ter uma presença fantasma no caso Jimmy Scotts em Nebraska, ele é seu.”

Ela pensou por um momento e soltou um suspiro pesado. “Posso ter um dia para pensar sobre isso?”

“Você pode ter uma semana”, disse ele. “Se eu não ouvir nada de você, então, a sua chance se foi para sempre.”

“Obrigada, senhor.”

“Você está dispensada”, disse McGrath.

Ela levantou da cadeira com a muleta que ela estava rapidamente começando a odiar e andou até a porta do escritório.

“ Agente White?”

“Sim, senhor?” Perguntou ela, virando-se para ele quando chegou à porta.

“Você fez um trabalho bom pra caralho. Mantenha esse nível—mas não sozinha.”

Ela sorriu. Era bom ouvir essas palavras. De alguma forma, isso a fez sentir que havia um futuro à sua frente.

Ela assentiu com a cabeça e saiu, as dores em seu joelho fizeram jus ao seu último comentário.

***

Exatamente dezesseis dias depois de resgatar Brian Woerner da pequena cabana nos bosques dos arredores de Little Hill, Mackenzie mancou para a rua de muletas e pegou um táxi para o hospital.

Na parte de trás do táxi, ela começou a chorar, mas o mínimo possível.

Como se viu, Bryers tinha sido muito generoso com a quantidade de tempo que lhe restava.

Ele estava atualmente com complicações e os médicos não tinham certeza de quanto tempo ele

suportaria. Foi sugerido pelos médicos que as condições extenuantes dos eventos ocorridos fora de Little Hill tinham piorado sua situação.

Ela tirou a sua dor do caminho, lágrimas derramadas e quaisquer questões de injustiça tratadas internamente, antes de chegar ao hospital. Ela tomou o elevador para o segundo andar e bateu na porta de Bryers com a ponta de sua muleta.

Ele estava na cama, apoiado em travesseiros e com tubos transparentes que saíam do seu nariz.

Surpreendentemente, ele estava de bom humor. Ela tinha sido informado sobre as consequências do caso via e-mail. Tinha sido um bom exercício para ambos

durante essas três semanas. Foi por isso que eles foram capazes de conversar de forma fácil no momento em que ela se sentou.

“Por quanto tempo mais você tem que mancar por aí com essa coisa?” Ele perguntou.

“Até que eu não sinta dor ao dobrar o joelho”, ela respondeu. “Os médicos estavam originalmente preocupados com danos nos nervos, mas parece que eu vou escapar.”

“Que bom. McGrath já apareceu?”

‘Sim’, disse ela. “Eu recebi um elogio dele.”

“Isso é mais uma prova do que falo”, disse Bryers, estendendo a mão e pegando a mão dela. “Você foi feita para isso.”

Ela enxugou uma lágrima.

“Que tal superar esta fase e voltar ao trabalho, velho?”

Ele balançou a cabeça tristemente.

“Não”, disse Bryers. “Mesmo se eu sair daqui, chega para mim. Eu disse tudo para o McGrath desta vez. Eu tive que fazer isso. Se eu não aparecesse para trabalhar um dia porque morri... bem, ele finalmente descobriria o que estava acontecendo.”

Ambos riram sobre isso e, em seguida, caíram em um silêncio. Foi o mesmo tipo de silêncio enquanto estavam sentados na floresta fora do parque Little Hill. Ele apareceu durante aquele momento difícil e também agora.

Dez minutos depois, ela apertou a mão dele. Ele não respondeu de imediato, então ela olhou para ele.

Ele estava dormindo, sua respiração entrando e saindo lentamente, sem dúvida ajudada pelo equipamento que ele estava usando.

Havia um leve sorriso no rosto dele enquanto dormia. Mackenzie levantou-se com a ajuda de sua muleta, inclinou-se e beijou-o a testa de Bryers.

Ela olhou para aquele adormecido e leve sorriso mais uma vez antes de sair.

Foi a última vez que ela viu Bryers vivo.



ANTES QUE ELE LEVE

Um Enigma Mackenzie White - Livro n4

De Blake Pierce, autor do best-seller ONCE GONE (seu bestseller nº1 1 com mais de 800 avaliações cinco estrelas), vem o livro nº 4 da série que faz nossos corações baterem mais forte, a série de enigmas Mackenzie White.

Em ANTES QUE ELE LEVE (Um Enigma da série Mackenzie White - Livro 4), a recém-formada agente do FBI, Mackenzie White, tem que assumir um novo e inquietante caso. Mulheres estão desaparecendo na região rural de Iowa, um padrão criminal está surgindo. Estão temendo que um assassino em série esteja agindo em ritmo crescente. Devido às suas raízes, Mackenzie é escolhida como a agente perfeita para caso.

Mas Mackenzie está relutante em voltar para o Centro-Oeste, desta vez para um cenário rudemente rural que lembra muito o da sua infância, seus fantasmas assombrosos estavam todos lá. Ela também está à procura do assassino de seu pai, com aquele sentimento sombrio assombrando-a em cada parte de sua viagem. Mergulhada no mundo das fazendas, dos depósitos de grãos, dos matadouros, dos longos trechos de estradas vazias, Mackenzie se sente como se estivesse caindo nas profundezas de sua psique e nos pesadelos que ela sempre temeu enfrentar.

No jogo mortal de gato-e-rato, ela finalmente percebe a psicose do assassino procurado, e percebe que o lugar onde cresceu está passando por horrores

ainda mais sombrios e cruéis do que ela poderia imaginar.

Um suspense psicológico escuro com suspense de coração-batendo, ANTES QUE ELE LEVE é o livro nº4 em uma série nova completamente atraente, — com uma personagem apaixonante— que fará você virar páginas e páginas até tarde da noite.

O livro nº 5 da série Mackenzie White estará disponível em breve.

Também disponibilizado pelo autor Blake Pierce é ONCE GONE (Um enigma da série Riley Paige -

Livro nº 1), o bestseller nº 1 do escritor com mais de 800 avaliações cinco estrelas e download gratuito!



ANTES QUE ELE LEVE

ANTES QUE ELE LEVE (Livro n 4)



Você sabia que eu escrevi vários romances do gênero? Se você não leu todas as minhas séries, clique na imagem abaixo para baixar o livro inicial de cada

série!

Blake Pierce

Blake Pierce é o autor da série de enigmas RILEY PAGE, com seis livros. Blake Pierce também é o autor da série de enigmas MACKENZIE WHITE, composta por três livros; da série AVERY BLACK, composta por três livros e da nova série KERI LOCKE.

SEM PISTAS (livro nº 1 da série Riley Paige), ANTES QUE ELE MATE (Um enigma da série Mackenzie White - livro nº1), e RAZÃO PARA MATAR (Um enigma da série Avery Black Myster - livro nº 1)estão disponíveis com o download grátis no Amazon!

Como um ávido leitor e fã de longa data do gênero de suspense, Blake adora ouvir seus leitores, por favor, fique à vontade para visitar o site www.blakepierceauthor.com para saber mais a seu respeito e também fazer contato.

LIVROS ESCRITOS POR BLAKE PIERCE

SÉRIE DE MISTÉRIO DE RILEY PAIGE

SEM PISTAS (Livro #1)

ACORRENTADAS (Livro #2)

ARREBATADAS (Livro #3)

ATRAÍDAS (Livro #4)

SÉRIE DE ENIGMAS MACKENZIE WHITE

ANTES QUE ELE MATE (Livro nº1)

ANTES QUE ELE VEJA (Livro nº2)

ANTES QUE COBICE (Livro nº3)

ANTES QUE ELE LEVE (Livro nº4)

SÉRIE DE ENIGMAS AVERY BLACK

RAZÃO PARA MATAR (Livro 1)

KERI LOCKE MYSTERY SERIES

UM RASTRO DE MORTE (Livro nº1)

Document Outline

- *ANTES QUE ELE COBICE*
- *CAPÍTULO UM*
- *CAPÍTULO DOIS*
- *CAPÍTULO TRÊS*
- *CAPÍTULO QUATRO*
- *CAPÍTULO CINCO*
- *CAPÍTULO SEIS*
- *CAPÍTULO SETE*
- *CAPÍTULO OITO*
- *CAPÍTULO NOVE*
- *CAPÍTULO DEZ*
- *CAPÍTULO ONZE*
- *CAPÍTULO DOZE*
- *CAPÍTULO TREZE*
- *CAPÍTULO QUATORZE*
- *CAPÍTULO QUINZE*
- *CAPÍTULO DEZESSEIS*
- *CAPÍTULO DEZESSETE*
- *CAPÍTULO DEZOITO*
- *CAPÍTULO DEZENOVE*
- *CAPÍTULO VINTE E UM*
- *CAPÍTULO VINTE E DOIS*
- *CAPÍTULO VINTE E TRÊS*
- *CAPÍTULO VINTE E QUATRO*
- *CAPÍTULO VINTE E CINCO*
- *CAPÍTULO VINTE E SEIS*
- *CAPÍTULO VINTE E SETE*
- *CAPÍTULO VINTE E OITO*
- *CAPÍTULO VINTE E NOVE*
- *CAPÍTULO TRINTA*
- *CAPÍTULO TRINTA E UM*
- *CAPÍTULO TRINTA E DOIS*
- *CAPÍTULO TRINTA E TRÊS*
- *CAPÍTULO TRINTA E QUATRO*

- *CAPÍTULO TRINTA E CINCO*
- *CAPÍTULO TRINTA E SEIS*